



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS**  
**ARQUITETURA E URBANISMO**

**MARIA CAROLINA SCHULZ DOS SANTOS**

**JOVENS ARQUITETOS E OS CONCURSOS DE ARQUITETURA NO BRASIL:  
SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES À ARQUITETURA  
CONTEMPORÂNEA.**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS**  
**ARQUITETURA E URBANISMO**

**MARIA CAROLINA SCHULZ DOS SANTOS**

**JOVENS ARQUITETOS E OS CONCURSOS DE ARQUITETURA NO BRASIL:  
SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES À ARQUITETURA  
CONTEMPORÂNEA.**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof. Fabiano José Arcadio Sobreira

## **DEDICATÓRIA**

À família Schulz, por todo carinho, todas as lições de luta, resistência e perseverança.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à FATECS, ao CNPq, à Secretaria de Pós-Graduação e Pesquisa e a todos os defensores, promotores e incentivadores das pesquisas acadêmicas.

Ao orientador e autor deste trabalho, Fabiano Jose Arcadio Sobreira, pela generosidade de me guiar com maestria nesta caminhada, por despertar e contribuir para a consolidação do meu encanto com o meio acadêmico e pela paciência nos momentos difíceis. Minha mais sincera gratidão pelo privilégio de fazer parte desse processo.

À Elvira Mariane por todas as lições de perseverança, luta e confiança e, por junto à Paula, sempre me apoiarem e darem suporte. Pela paciência de ambas durante todos os momentos – incluindo os mais turbulentos – no decorrer desse tempo de trabalho intenso.

Aos meus queridos amigos João Victor Veras e Diego Capibaribe, que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para consolidação deste projeto.

“Sixto Martínez fez o serviço militar num quartel de Sevilha. No meio do pátio desse quartel havia um banquinho. Junto ao banquinho, um soldado montava guarda. Ninguém sabia por que se montava guarda para o banquinho. A guarda era feita porque sim, noite e dia todas as noites, todos os dias, e de geração em geração os oficiais transmitiam a ordem e os soldados obedeciam. Ninguém nunca questionou, ninguém nunca perguntou. Assim era feito, e sempre tinha sido feito. E assim continuou sendo feito até que alguém, não sei qual general ou coronel, quis conhecer a ordem original. Foi preciso revirar os arquivos a fundo. E depois de muito cavoucar, soube-se. Fazia trinta e um anos, dois meses e quatro dias, que um oficial tinha mandado montar guarda junto ao banquinho, que fora recém-pintado, para que ninguém sentasse na tinta fresca.”

(Eduardo Galeano)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo catalogar e analisar os concursos de arquitetura entre 2015 e 2019. Após a catalogação dos 37 concursos promovidos no período supracitado, iniciou-se a análise quantitativa. No primeiro momento foi traçado o panorama geral, que engloba o número de concursos por ano, por região e por estado, as categorias de usos e escalas de inserção dos projetos vencedores e a organização e promoção desses concursos. Posteriormente foi analisada a contextualização geográfica e profissional dos concursos, em que foram analisados os números de concursos lançados e sua relação com o perfil das equipes vencedoras, por região e por Estado, em relação ao número de arquitetos atuantes em cada contexto. Como o Distrito Federal se destacou em relação ao restante do país no que se refere ao número de concursos promovidos, foi realizada uma análise complementar sobre a região. O foco principal da pesquisa, como sugere o título, é compreender a contribuição das novas gerações à arquitetura contemporânea, sob a perspectiva dos concursos de projeto. Tendo isso em vista, foi investigado o perfil das equipes vencedoras, sob vários aspectos: tempo médio de formação dos arquitetos, comparativo entre gerações; presença de arquitetos mais experientes nas jovens equipes (colaboração entre gerações) e o número médio de integrantes de cada equipe. Em complemento à análise geracional, foi analisada a presença das mulheres dentro desses concursos e na profissão, abordando a atuação de arquitetas, o número de equipes compostas apenas por mulheres e o perfil geracional das mesmas. Além de dados quantitativos foi feita uma análise qualitativa dos projetos em situação de concurso, embasada na matriz analítica Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX (2011), Montaner, Muxí e Falagán, adaptada ao contexto brasileiro. O resultado da pesquisa evidencia a falta de cultura de concurso no país, a falta de representatividade das arquitetas no meio profissional, a troca de experiência entre gerações promovidas pelos concursos e a contribuição qualitativa em relação a arquitetura contemporânea que os concursos exercem.

**Palavras-chave:** concursos; projeto; arquitetura; habitação social; ferramentas de análise;

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>MÉTODO</b>	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADO E DISCUSSÃO</b>	<b>15</b>
5.1	Análise quantitativa dos concursos lançados no Brasil entre 2015 e 2019	15
5.1.1	Panorama geral	15
5.1.2	Contextualização Geográfica	23
5.1.3	Perfil das equipes vencedoras	30
5.1.4	A presença das mulheres nos concursos	36
5.2	Análise qualitativa de projetos premiados em concurso	40
5.2.1	O Concurso	40
5.2.2	Matriz analítica	41
5.2.3	Primeiro Lugar	42
5.2.4	Menção honrosa	45
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>50</b>
	<b>APÊNDICE A – Caderno Síntese.</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE B – Projetos de habitação social no Brasil: potencialidades e perspectivas analíticas.</b>	<b>117</b>
	<b>APÊNDICE C – O espaço democrático e os concursos de arquitetura.</b>	<b>128</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa resultou em produtos diversos, este relatório faz parte de um composto de documentos e é uma versão sintética dos seguintes produtos que o integram (apêndices A, B e C): o “Caderno Síntese”, o Artigo “Projetos de habitação social no Brasil: potencialidades e perspectivas analíticas” e o Artigo “O espaço democrático e os concursos de arquitetura”.

O “Caderno Síntese”, refere-se aos dados em formato integral desta pesquisa, onde é lançado um olhar aproximado e mais detalhado de cada tópico e tema abordado nesse relatório. É apresentado em formato de revista, contendo gráficos, tabelas e figuras.

O artigo “Projetos de habitação social no Brasil: potencialidades e perspectivas analíticas” parte da questão para propor algumas reflexões sobre as potencialidades e perspectivas analíticas em torno do julgamento qualitativo em arquitetura e dos concursos de projeto como instrumentos de crítica e reflexão. Foi submetido ao “Seminário 10.º PROJETAR 21 | LISBOA” que é organizado pelo Grupo Projetar, vinculado ao Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e pelo Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

O artigo “O espaço democrático e os concursos de arquitetura”, submetido à “13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo” realizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – departamento de São Paulo (IAB-SP).

## 2 INTRODUÇÃO

Este projeto dá sequência à atividade de pesquisa continuada coordenada pelo autor, desde 2008, como parte da linha de pesquisa Qualidade e Sustentabilidade da Arquitetura e integra a linha Cidade e Habitação: novas perspectivas, do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Uniceub.

Trata-se de projeto de pesquisa que resulta de colaborações internacionais mantidas, desde 2008, com o Laboratório de Estudos da Arquitetura Potencial (LEAP), da Escola de Arquitetura da Universidade de Montreal, onde o autor realizou pesquisa de Pós-Doutorado e do qual participa como pesquisador associado (<https://leap-architecture.org/associates-2/>).

Especificamente, visa contribuir para reflexões, no contexto nacional e internacional, sobre o papel dos concursos de arquitetura como ferramentas de promoção da qualidade e da inovação na arquitetura e como meio de expressão e afirmação das novas gerações de

profissionais. Ao mesmo tempo, procura estudar a contribuição dos jovens arquitetos à arquitetura contemporânea brasileira (materializada ou potencial) resultante de concursos de projeto.

A primeira etapa da pesquisa, a que se refere a análise quantitativa, tem como objetivo estudar o panorama geral dos concursos realizados no país, tanto do ponto de vista geográfico quanto temático e geracional, nos últimos cinco anos (2015-2019). As informações sobre os concursos, os projetos e os autores foram catalogados e sistematizados em planilhas e gráficos, o que resultou em sínteses analíticas sobre o recorte temporal indicado, que permitem estudar a relação entre perfis geracionais e a contribuição nos concursos de arquitetura realizados no Brasil.

Foram utilizadas como bases de dados as publicações dos projetos vencedores em plataformas digitais, em especial o portal e revista eletrônica [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org) (ISSN 2238-1430), principal veículo de divulgação dos concursos de arquitetura no Brasil, em atividade desde 2008.

A Segunda etapa, referente à análise qualitativa, tem como objetivo reflexões sobre as potencialidades e perspectivas analíticas em torno do julgamento qualitativo em arquitetura e dos concursos de projeto como instrumentos de crítica e reflexão. O objetivo é testar as potencialidades analíticas de ferramentas aplicadas pela equipe de pesquisadores do Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI (2011), da Universitat Politècnica de Catalunya (2011), amplamente divulgadas e debatidas internacionalmente, neste caso adaptadas para o contexto brasileiro, tendo como objeto projetos em situação de concurso. Trata-se de um conjunto de ferramentas que definem a habitação como algo complexo e multidisciplinar, sobre a qual convergem questões urbanas, sociais, tecnológicas e ambientais. Nesta pesquisa, o ensaio analítico se concentra nos dois primeiros conceitos propostos pela ferramenta: Sociedade e Cidade. Como objetos de estudo são analisados projetos premiados e menções em concurso para habitação social e uso misto, destinados à área do Sol Nascente, na região metropolitana de Brasília (Distrito Federal, Brasil).

De acordo com o conceito de “Arquitetura Potencial” (Adamczyk et al, 2004; Chupin et al, 2015), os concursos de projeto, mais do que processos competitivos para escolha da melhor solução para um problema específico, são campos de especulação criativa e de formação profissional, assim como espaços de debates sobre a produção e a gestão do ambiente construído. Nesse sentido, o projeto de arquitetura em situação de concurso é aqui

interpretado ao mesmo tempo como um instrumento propositivo e reflexivo para a disciplina e para o campo profissional. Tal conceito tem sido desenvolvido e aprofundado em pesquisas, pelo Laboratório de Estudos da Arquitetura Potencial - LEAP ([leap-architecture.org](http://leap-architecture.org)), da Université de Montréal. Parte-se do princípio de que a reflexão epistemológica sobre o projeto - enquanto processo - e sobre o ambiente (social, político ou profissional) em que é produzido, são caminhos possíveis para a discussão sobre a qualidade e a sustentabilidade da Arquitetura. Vale destacar ainda as reflexões de Adamczyk et al (2004), segundo o qual “acadêmicos e historicistas têm reconhecido os concursos de arquitetura como meios promissores para a pesquisa e a experimentação”. Em outro momento, Adamczyk (2015) ainda destaca que os concursos “são fontes originais de conhecimento para a teoria e a prática da arquitetura e fornecem ideias e reflexões sobre a disciplina, ao longo do tempo.”

No caso específico desta pesquisa, trata-se de uma abordagem analítica sobre o perfil geracional dos autores dos projetos vencedores em concursos realizados no Brasil nos últimos anos e, a partir daí, estudar suas estratégias projetuais, linguagens e contribuição para as reflexões sobre a arquitetura contemporânea.

Em Abril de 2020 foi publicado o livro “Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality” (Chupin e Collyer), em que os autores destacam o papel fundamental que os concursos têm exercido na carreira de jovens arquitetos no contexto internacional e questiona a tendência, crescente nos últimos anos, de promoção de concursos restritos ou com etapas de pré-qualificação. O livro aborda concursos realizados na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Europa e Ásia. Não são abordados no livro os concursos realizados na América Latina e no Brasil. Esta pesquisa pretende preencher parte dessa lacuna e apresentar informações e reflexões sobre a presença e o impacto da atuação de jovens arquitetos nos concursos realizados no Brasil.

No que se refere ao recorte geracional, considera-se “jovem arquiteto” o profissional com idade de até 40 anos (referência utilizada em premiações nacionais e internacionais, promovidas pelo campo profissional). Considerando-se 25 anos como a idade média de um recém-graduado em Arquitetura e Urbanismo, admite-se que profissionais com até 15 anos de graduação são classificados como “jovens arquitetos”.

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar um panorama analítico sobre a presença de jovens arquitetos e suas estratégias projetuais entre as equipes vencedoras de concursos de projeto realizados no Brasil nos últimos cinco anos. Os objetivos específicos são: (1) Analisar,

do ponto de vista quantitativo e estatístico, a frequência de jovens arquitetos entre as equipes vencedoras de concursos nacionais de arquitetura realizados no Brasil, nos últimos cinco anos.

(2) Estudar, a partir do recorte geracional proposto, as estratégias projetuais e a linguagem dos projetos vencedores de concursos e sua contribuição para a arquitetura contemporânea no Brasil.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Esta pesquisa foi inicialmente fundamentada em contribuições teóricas e metodológicas relacionadas aos seguintes campos de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo:

Concursos e Arquitetura Potencial

Projeto de Arquitetura no Contexto Contemporâneo

Concursos de Arquitetura no Brasil

Sobre o primeiro campo (Concursos e Arquitetura Potencial), as principais contribuições vêm do já citado LEAP (Université de Montréal). Uma das primeiras manifestações desse grupo sobre o tema é o artigo “Architectural competitions and new reflexive practices” (ADAMCZYK et al), apresentado em conferência internacional, em 2004, em que o conceito de arquitetura potencial e o papel do concurso como instrumento reflexivo são discutidos em contexto internacional.

Em 2015 o LEAP publicou a consolidação de dez anos de pesquisas sobre o tema, no livro “Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge – An International Inquiry” (Chupin et al, 2015). A publicação reúne 22 artigos de pesquisadores e editores de vários países. Trata-se de importante e abrangente levantamento sobre as dinâmicas subjacentes à definição, organização, julgamento, arquivamento e publicação de concursos de arquitetura, paisagismo e urbanismo no mundo. As contribuições, fartamente documentadas, abordam uma série de questões que podem ser resumidas em uma grande inquietação: de que forma os concursos de projeto – instrumentos históricos e democráticos, ao mesmo tempo elogiados e temidos por arquitetos e planejadores – podem ser considerados como laboratórios sobre a qualidade da produção do ambiente construído e, em última análise, como instrumentos de renovação de cultura e conhecimento.

O já citado livro “Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality” (Chupin e Collyer, 2020) é um dos principais

motivadores desta pesquisa, diante da oportunidade de comparar o panorama apresentado da publicação (América do Norte, Europa e Ásia) ao contexto brasileiro.

Sobre o segundo campo (Projeto de Arquitetura no Contexto Contemporâneo) são destacadas algumas contribuições de Josep Maria Montaner, pesquisador e crítico catalão, uma das principais referências sobre a análise do projeto e a crítica da arquitetura moderna e contemporânea. Em especial, serão utilizadas nesta pesquisa as seguintes obras do autor: “A modernidade superada” (1997); “Sistemas arquitetônicos contemporâneos” (2009); “Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação” (2014) e “A condição contemporânea da arquitetura” (2015).

Do livro “A modernidade superada”, publicado pela primeira vez em 1997 e atualizado em 2012, interessam em especial as discussões relacionadas à “modernidade, vanguardas e neovanguardas”, sobre - como define o autor - “a crise do conceito de vanguarda e a insistência na busca da novidade e da ruptura”.

Das reflexões propostas em “Sistemas arquitetônicos contemporâneos” interessa a esta pesquisa, em especial, das discussões em torno da “crise do objeto” e a importância de compreender, como destaca Montaner, “os sistemas de objetos”, ou “como se articulam os objetos arquitetônicos”, destacando a importância do coletivo sobre o individual e do sistema sobre o objeto.

Na publicação “Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação” (2014), Montaner dedica um dos capítulos ao conceito e à aplicação dos diagramas na Arquitetura, que são apresentados como instrumentos “para examinar e enriquecer os aspectos sociais, culturais e discursivos da prática arquitetônica”. Para esta pesquisa interessa, em especial, o diagrama como ferramenta analítica e exercício de síntese propositiva.

A revisão do conceito de contemporaneidade e seus desdobramentos é a principal contribuição do livro “A condição contemporânea da Arquitetura”, em que Montaner (2016) discute sobre quais “aspectos se tornaram ultrapassados e quais foram renovados e que conceitos e movimentos surgiram neste novo século”.

Em relação ao terceiro campo, Concursos de Arquitetura no Brasil, a principal fonte é o livro “Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil” (Sobreira, 2019), em que a partir da recepção editorial de concursos publicados em revistas entre 1935 e 2018, o autor propõe uma análise desses eventos sob a perspectiva das “dinâmicas do jogo” e de seus principais componentes: as regras, os jogadores, as estratégias e o julgamento. A presença das novas

gerações de arquitetos nos concursos é um dos temas abordados no trabalho, em especial quando se trata de discutir o papel desses eventos na formação de capital simbólico na profissão, mesmo quando não se convertem em premiação ou obra construída. A presença de jovens arquitetos como motores da vanguarda é observada desde os anos 1930, conforme lembra o autor, a partir de Roberto Segre (2013): “...depois da crise da ENBA, Lúcio Costa galvanizou um grupo de jovens da vanguarda, que atuava em concursos com uma postura bastante coesa, tanto em termos estéticos quanto em relações pessoais” (SEGRE, 2013, p.99, citado por SOBREIRA, 2019, p.62).

A presença de jovens entre os competidores, no entanto, nem sempre era garantia de inovação e renovação, pois muitas vezes a vanguarda estava ausente nas comissões julgadoras. Esse foi o caso, por exemplo, do emblemático concurso para o Ministério de Educação e Saúde, realizado em 1935:

A inovação que os jovens vanguardistas que integravam a equipe de apoio do Ministério esperavam do concurso não se apresentou, em grande parte devido às próprias limitações do edital do concurso, das normas urbanísticas, e pela composição de um júri, refratário às inovações. (SOBREIRA, 2019, p.73).

Entre os anos 1950 e 1960 a presença de jovens arquitetos entre vencedores de concursos continuou. Os concursos para clubes esportivos realizados nesse período são exemplos desse cenário. Conforme ressalta a pesquisadora Ruth Verde Zein (2005):

No final da década de 1950 e começo da década de 1960 ocorreram vários concursos públicos que não apenas consagraram importantes arquitetos como revelaram novos talentos, muitos deles jovens promissores para os quais essa foi uma oportunidade importante de acesso a trabalhos de certo porte e responsabilidade. O tema dos equipamentos esportivos esteve entre os mais presentes nos concursos dessa época. (ZEIN, 2005, p.149, em SOBREIRA, 2019, p.111).

Um dos principais exemplos nesse sentido é o arquiteto Paulo Mendes da Rocha (Pritzker em 2006). No livro de entrevistas “Paulo Mendes das Rocha: sobre concursos e memórias” (SOBREIRA et al, 2018), o arquiteto revela, sobre o Concurso para o Clube Atlético Paulistano (1958), do qual foi vencedor aos 29 anos: “...inaugurou a minha vida pública. Eu era escondido, como todos nós somos quando começamos...” (SOBREIRA et al, 2018, p.28).

No livro “Dinâmicas do jogo...” (SOBREIRA, 2019), a presença de jovens arquitetos é abordada, em especial, quando é discutido o papel dos “jogadores” (no livro é feita uma

analogia do concurso como um jogo complexo, definido ao mesmo tempo por dinâmicas de confrontação e colaboração). Segundo o autor:

Muitos dos arquitetos que competiram e foram premiados nos concursos estudados e contribuíram para os movimentos de vanguarda eram relativamente jovens, com menos de 40 anos. O concurso, enquanto desafio competitivo, é bastante atraente às novas gerações, em especial pela necessidade de construção do capital simbólico e da afirmação de novos valores. Vencendo ou não os concursos, os jovens arquitetos têm a possibilidade de, ao “tomar posição” por meio da competição em um concurso, ocuparem “posição” no campo profissional, seja pela afirmação de valores dominantes ou pela proposição de novas ideias. (SOBREIRA, p.314)

A presença da juventude entre os premiados em concursos também é observada nas décadas seguintes:

O papel dos concursos como instrumento de renovação do campo profissional e oportunidade para novas gerações não se limitou às décadas de 1950 e 60. No final dos anos 1980, os autores do projeto vencedor para o Pavilhão de Sevilha para a Expo 92 eram jovens arquitetos, entre eles Alvaro Puntoni (26) e Angelo Bucci (28).” (SOBREIRA, 2019, p.317)

Sobre a questão geracional e a disputa por “capital simbólico” em campos profissionais do meio cultural, vale destacar as reflexões propostas por Bourdieu (1993), segundo o qual:

“A história do campo é feita da disputa entre os personagens já estabelecidos e os jovens desafiadores. O envelhecimento ou declínio dos autores, das escolas e dos trabalhos de determinada época não é o produto de uma simples passagem mecânica e cronológica ao passado; na verdade, resulta da disputa entre aqueles que já deixaram a sua marca e que lutam para persistir, de um lado; e do outro, aqueles que só poderão se afirmar se empurrarem para o passado aqueles que têm interesse em parar o relógio, que desejam eternizar o estágio presente das coisas.” (1993, p. 60)

E ainda completa: “Em todos os campos os dominantes têm interesse na continuidade (...), enquanto os dominados, os recém-chegados tendem à descontinuidade, à ruptura e à subversão.” (1993, p.275).

Além da fundamentação teórica prevista inicialmente para este trabalho, foi acrescida posteriormente a matriz analítica fundamentada nas ferramentas aplicadas pela equipe de pesquisadores do Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI (2011), da Universitat

Politécnica de Catalunya (2011), amplamente divulgadas e debatidas internacionalmente, neste caso adaptadas para o contexto brasileiro.

#### **4 MÉTODO**

No que se refere à metodologia, trata-se de pesquisa com dupla abordagem: quantitativa e qualitativa. Quanto aos objetivos e procedimentos metodológicos, é uma pesquisa exploratória e documental, com análise de estudos de caso.

Cada abordagem metodológica está associada a um objetivo específico:

**Abordagem Quantitativa:** analisar, do ponto de vista quantitativo e estatístico, a frequência de jovens arquitetos entre as equipes vencedoras de concursos nacionais de arquitetura realizados no Brasil, nos últimos cinco anos.

**Abordagem Qualitativa:** estudar, a partir do recorte geracional proposto, as estratégias projetuais e a linguagem dos projetos vencedores de concursos e sua contribuição para a arquitetura contemporânea no Brasil.

Para as duas abordagens metodológicas serão utilizadas como bases de dados as publicações dos projetos vencedores em plataformas digitais, em especial o portal e revista eletrônica [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org) (ISSN 2238- 1430), principal veículo de divulgação dos concursos de arquitetura no Brasil, em atividade desde 2008.

Para a primeira abordagem as informações sobre os concursos, os projetos e os autores serão catalogados e sistematizados em planilhas e gráficos para as análises quantitativas.

Para a segunda, alguns concursos serão selecionados e farão parte de um catálogo de projetos, que será utilizado como suporte para o estudo das estratégias projetuais e das linguagens adotadas pelos autores dos projetos vencedores, à luz do referencial teórico citado. Um dos instrumentos de análise serão os diagramas, tal como teorizados por Montaner (2014) e aplicações em pesquisas anteriores (Sobreira, 2016).

#### **5 RESULTADO E DISCUSSÃO**

##### **5.1 Análise quantitativa dos concursos lançados no Brasil entre 2015 e 2019**

###### **5.1.1 Panorama geral**

###### **Número de concursos lançados por ano:**

No recorte temporal indicado (2015-2019) foram catalogados 37 concursos públicos de projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil, confirmando, mais uma vez, a

média histórica inferior a 10 concursos por ano. (SOBREIRA E WANDERLEY, 2016, p.1). No ano de 2015 foi registrado o número mais baixo do período, com apenas dois concursos. Os anos de 2016 e 2018 se destacaram com os maiores números: 11 e 10 concursos, respectivamente.

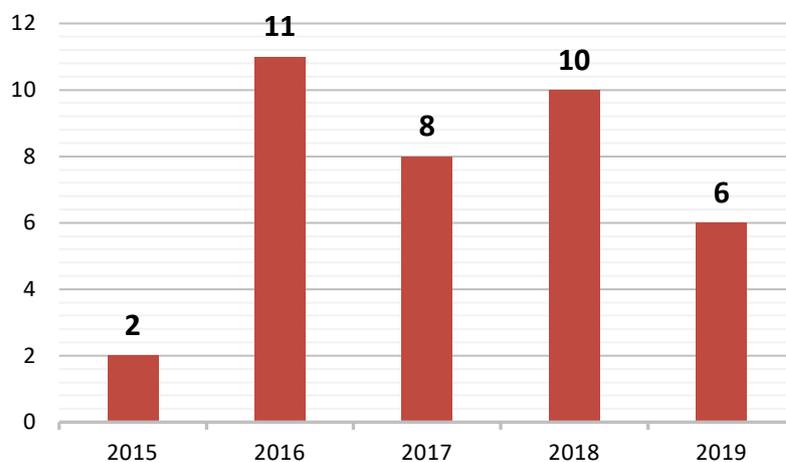
No âmbito dos concursos não houve mudanças relevantes em relação às décadas anteriores. Os eventos continuam escassos (média inferior a dez concursos por ano) e a maioria dos projetos públicos (grandes ou pequenos) continuaram excluídos do julgamento qualitativo, prevalecendo a escolha com base na notoriedade, no menor preço ou submetendo os projetos à responsabilidade de construtores (em flagrante conflito de interesses). (SOBREIRA, 2019, p.167).

**Tabela 1:** Número de concursos lançados por ano

<b>ANO</b>	<b>Nº DE CONCURSOS</b>	<b>%</b>
2015	2	5%
2016	11	30%
2017	8	22%
2018	10	27%
2019	6	16%
<b>Total</b>		<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 1:** Número de concursos lançados por ano



Fonte: autores

### Número de concursos lançados por região:

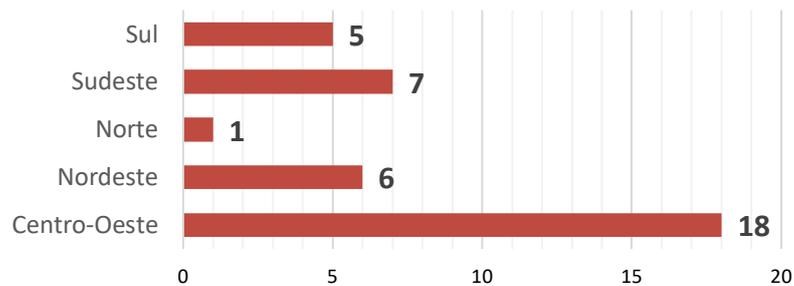
Dos 37 concursos lançados entre 2015 e 2019, 18 foram realizados na região Centro-Oeste, representando 49%, ou seja, quase metade. Na região Sudeste ocorreram sete (19%) concursos, seguido pelo Nordeste, com seis (16%), e o Sul, com cinco (14%). Já a região Norte, teve o registro de apenas um (3%) concurso.

**Tabela 2:** Número de concursos lançados por região

Região	Contagem de concurso	%
Centro-Oeste	18	49%
Nordeste	6	16%
Norte	1	3%
Sudeste	7	19%
Sul	5	14%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 2:** Número de concursos lançados por região



Fonte: autores

### Número de concursos lançados por Unidade da federação:

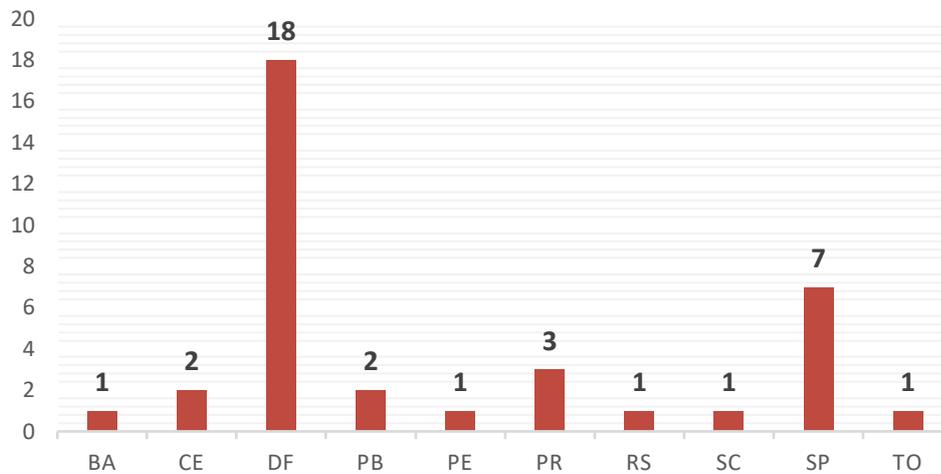
Destinchando cada região percebe-se o papel de cada estado (unidade da federação – UF) e sua contribuição para os concursos nacionais de arquitetura no período datado. Neste,

destaca-se o Distrito Federal (DF), com 18 (49%) concursos, representando quase metade dos lançamentos totais, seguido de São Paulo com sete (19%), do Paraná com três (8%) e Ceará e Paraíba, ambos, com dois (5%). O restante dos estados, Bahia, Pernambuco, Rio grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins, apresentaram apenas um (3%) concurso. O caso do Distrito federal será esmiuçado no próximo capítulo.

**Tabela 3:** Número de concursos lançados por Unidade da federação

Rótulos de Linha	Contagem de concurso	%
BA	1	3%
CE	2	5%
DF	18	49%
PB	2	5%
PE	1	3%
PR	3	8%
RS	1	3%
SC	1	3%
SP	7	19%
TO	1	3%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 3:** Número de concursos lançados por Unidade da federação

Fonte: autores

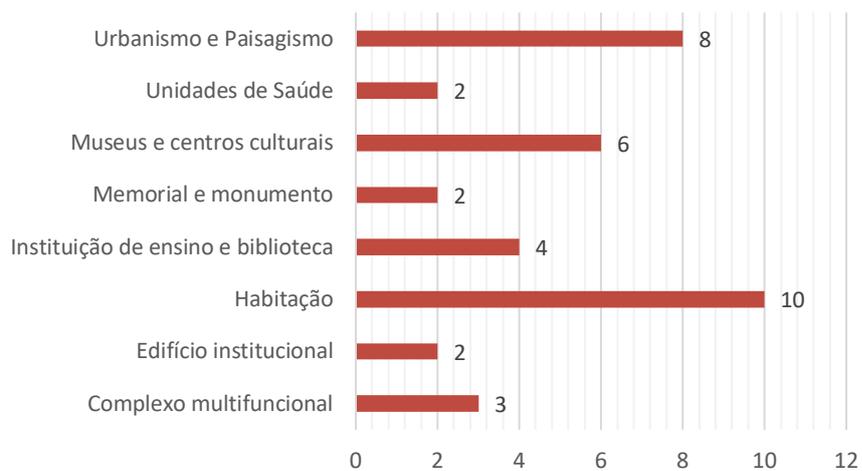
#### **Categorias de Uso:**

Estudando esses concursos por seus temas e categorizando-os de maneira relativa aos seus usos – conforme indicado nos gráficos – percebe-se que a maioria deles foi de habitação, representando 27% (10), seguido por Urbanismo e Paisagismo, com 22% (8), Museus e Centros Culturais, com 16% (6), Instituição de Ensino e Biblioteca, com 11% (4) e Complexo multifuncional, com 8% (3). As outras variedades, que representam os números mais baixos, são Memorial e Monumento, Edifício Institucional e Unidades de Saúde, todas com apenas 5% (2).

**Tabela 4:** Categorias de Uso

Rótulos de Linha	Nº de concursos	%
Complexo multifuncional	3	8%
Edifício institucional	2	5%
Habitação	10	27%
Instituição de ensino e biblioteca	4	11%
Memorial e monumento	2	5%
Museus e centros culturais	6	16%
Urbanismo e Paisagismo	8	22%
Unidades de Saúde	2	5%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 4:** Categorias de Uso

Fonte: autores

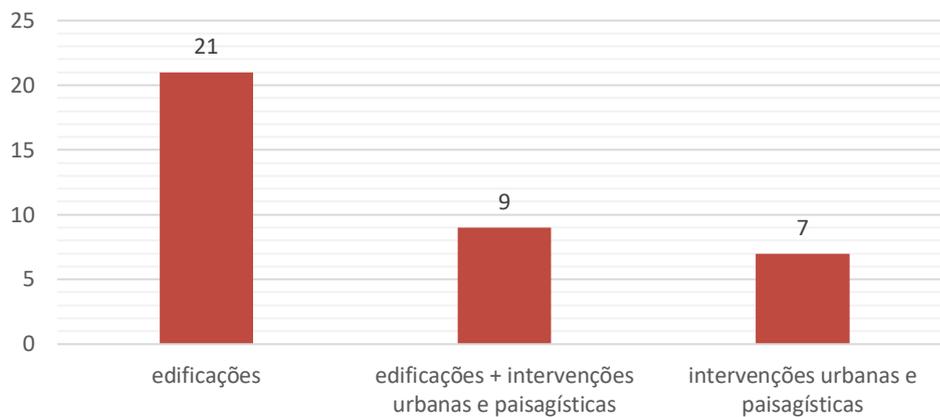
### Escalas de Intervenção

No que se refere à classificação por escala de intervenção, a maioria se enquadra em “edificações” (57%) (21) dos concursos, seguida de “edificações integradas a intervenções urbanas e paisagísticas”, com 24% (9) e “intervenções urbanas e paisagísticas”, com 19% (7). Tais dados demonstram grande disparidade da escala predominante em relação às demais.

**Tabela 5:** Escalas de Intervenção

Escala de Intervenção	Nº de concursos	%
Edificações	21	57%
Edificações + intervenções urbanas e paisagísticas	9	24%
Intervenções urbanas e paisagísticas	7	19%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 5:** Escalas de Intervenção

Fonte: autores

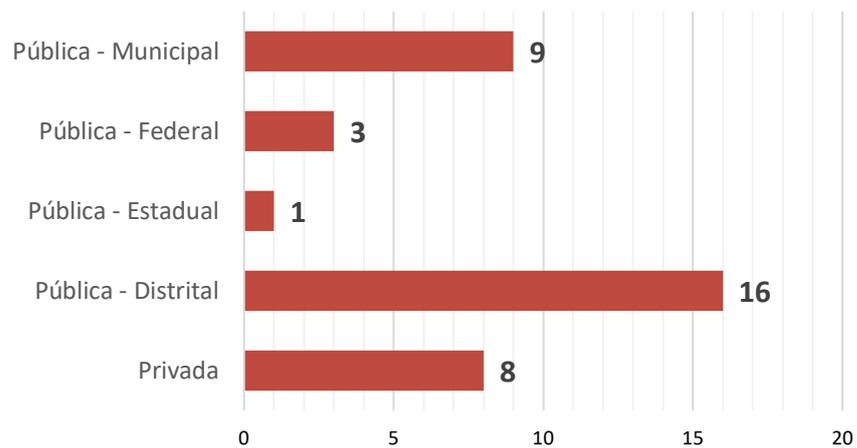
## Promoção

No que se refere à iniciativa de promoção, verificou-se que a “Administração Pública” foi responsável pela grande maioria dos concursos no Brasil, contabilizando 29 dos 37 lançados no período, ou seja, 78%. A promoção “Pública – Distrital” responsável por 16 desses (43%), seguida pela “Municipal”, com nove (24%), a “Federal”, com três (8%) e a “Estadual”, com um (3%). A Iniciativa “privada” foi autora de apenas oito (22%), dos quais prevalecem instituições sem fins lucrativos, parcerias público-privadas, parcerias com universidades ou de natureza similar, com exceção de duas empresas.

**Tabela 6:** Promoção

Rótulos de Linha	Contagem de Iniciativa	Contagem de Iniciativa2
Privada	8	21,62%
Pública - Distrital	16	43,24%
Pública - Estadual	1	2,70%
Pública - Federal	3	8,11%
Pública - Municipal	9	24,32%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 6:** Promoção

Fonte: autores

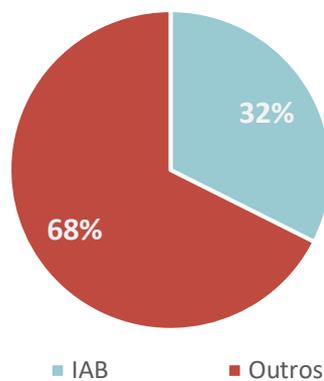
### Organização

Em relação à organização destaca-se a CODHAB-DF com 38%, seguida pelo IAB, com 32%, que diferente dos anos anteriores, neste recorte temporal, não representa a maioria. Todas as outras instituições aqui documentadas organizaram apenas um concurso, ou seja, 3% cada.

**Tabela 7:** Organização

Rótulos de Linha	Contagem de concurso	%
IAB	12	32%
Outros	25	68%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 7:** Organização

Fonte: autores

### 5.1.2 Contextualização Geográfica

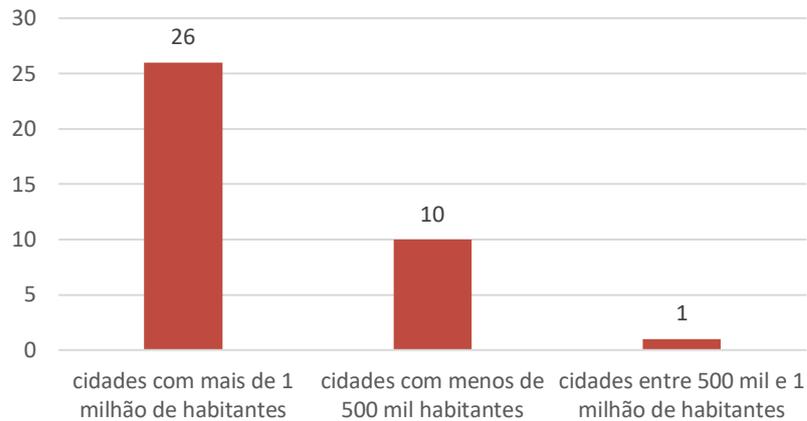
#### Contexto de implantação

Em relação ao contexto de implantação, mais da metade dos concursos são lançados e realizados em cidades com mais de 1 milhão de habitantes, que representam 70% (26), seguidas das cidades com menos de 500 mil habitantes, com 27% (10) e cidades entre 500 mil e 1 milhão, com 3% (1).

**Tabela 8:** Contexto de implantação

Contexto de implantação	Nº	%
Cidades com menos de 500 mil habitantes	10	27%
Cidades entre 500 mil e 1 milhão de habitantes	1	3%
Cidades com mais de 1 milhão de habitantes	26	70%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 8:** Contexto de implantação

Fonte: autores

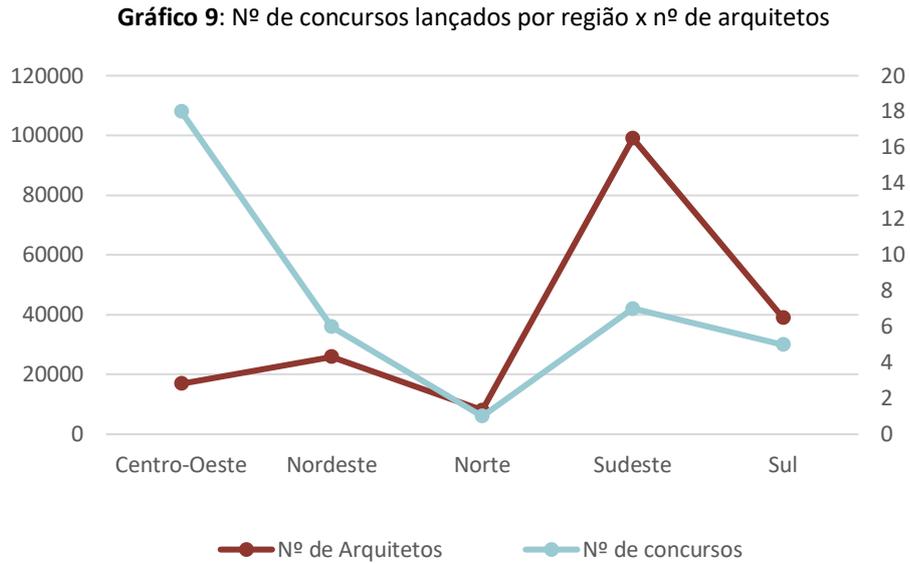
### Nº de concursos lançados por região x nº de arquitetos

A partir de uma comparação entre concursos lançados por regiões e número de profissionais destas, destaca-se o Centro-Oeste, com um número elevado de lançamentos de concursos em relação à quantidade de arquitetos presentes na região. Já a região Sudeste tem proporções inversas, com grande número de profissionais na área, porém com quantidade muito baixa de lançamentos de concursos.

**Tabela 9:** Nº de concursos lançados por região x nº de arquitetos

Região	Nº de concursos	Nº de Arquitetos
Centro-Oeste	18	16951
Nordeste	6	25926
Norte	1	8084
Sudeste	7	99010
Sul	5	38986

Fonte: autores



Fonte: autores

#### **Nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos**

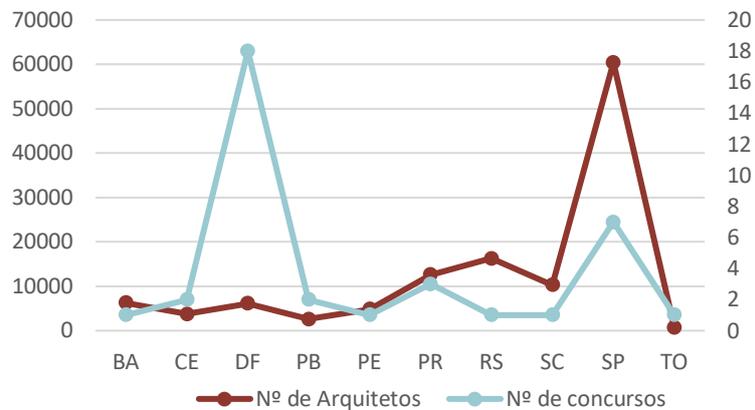
Esta análise detalha as observações do tópico anterior: da região para as unidades da federação. Em um comparativo entre o número de concursos lançados e o número de profissionais, observa-se que São Paulo e o do Distrito Federal, como no gráfico anterior, o estado de São Paulo apresenta grande número de profissionais e poucos lançamentos de concursos e o Distrito Federal o inverso.

Tais dados sugerem que no estado de São Paulo e na Região Sudeste – lugares onde existe a maior concentração de profissionais da área no Brasil – a expectativa por um número maior de concursos não se confirma, o que revela uma fragilidade da cultura de promoção de concursos no contexto.

**Tabela 10:** Nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos

Estado/ UF	Nº de concursos	Nº de Arquitetos
BA	1	6291
CE	2	3732
DF	18	6142
PB	2	2587
PE	1	4804
PR	3	12623
RS	1	16287
SC	1	10297
SP	7	60430
TO	1	742

Fonte: autores

**Gráfico 10:** Nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos

Fonte: autores

### Equipes vencedoras por estado/UF X nº de arquitetos

Em geral, espera-se que haja uma proporção entre o número de profissionais em determinada região ou UF e o número de equipes vencedoras em concursos. É o caso de São Paulo, que se destaca como a UF onde estão sediados 51% dos vencedores de concurso, pois é o estado que concentra 31% dos profissionais. Quando não há a referida correlação, observa-se que isso pode ser uma indicação da ausência ou presença de uma cultura de participação em concursos em determinado contexto. Esse é o caso do Paraná, ou do DF, que

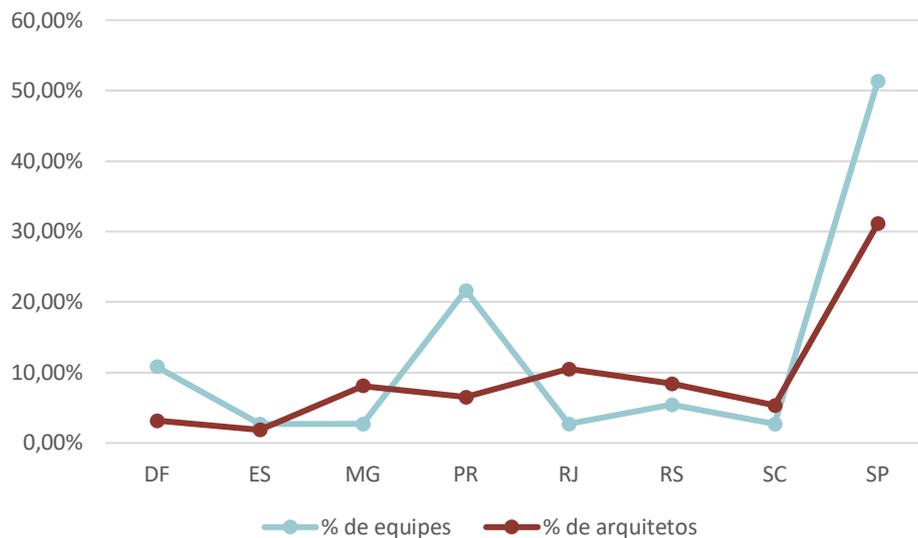
apesar de terem apenas 7% e 3% dos profissionais do país, comparecem com 22% e 11% das equipes vencedoras, respectivamente. Por outro lado, enquanto o Rio de Janeiro concentra 11% dos profissionais do país, apenas 3% dos vencedores de concursos são daquele estado, o que parece sugerir uma menor cultura de participação em concursos neste caso.

**Tabela 11:** Equipes vencedoras por estado/UF X nº de arquitetos

Estado/ UF	Nº de equipes	% de equipes	Nº de Arquitetos	% de arquitetos
DF	4	11%	6.142	3%
ES	1	3%	3.605	2%
MG	1	3%	15.719	8%
PR	8	22%	12.623	7%
RJ	1	3%	20.387	11%
RS	2	5%	16.287	8%
SC	1	3%	10.297	5%
SP	19	51%	60.430	31%

Fonte: autores

**Gráfico 11:** Equipes vencedoras por estado/UF X nº de arquitetos



Fonte: autores

## O caso do GDF.

2015-2019 - Distrito Federal

Em 2015, arquitetos que atuavam no IAB (DF e nacional) e defendiam, entre outras pautas de interesse coletivo, a promoção dos concursos de arquitetura, foram convidados para assumir importantes funções na gestão do Distrito Federal: Thiago Andrade (então presidente do IAB/DF) assumiu a Secretaria de Gestão do Território e Habitação - SEGETH e Gilson Paranhos (ex presidente da Direção Nacional do IAB) assumiu a Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF, vinculada à SEGETH).

Durante esse período foram realizados 18 concursos no DF. A CODHAB-DF organizou 13 concursos e a SEGETH realizou 01 concurso nacional. Em resumo, as duas instituições promoveram em conjunto mais concursos do que a média anual histórica do país.

Entre 2016 e 2018 a CODHAB realizou diversos concursos para habitação e urbanização de áreas de baixa renda, além de equipamentos comunitários, como escolas e postos de saúde. Vale destacar nesse contexto o concurso para o Master Plan Orla do Lago Paranoá, promovido pela SEGETH realizado em dezembro de 2017, como parte de uma política mais ampla relacionada à desobstrução e apropriação pública de áreas ocupadas ilegalmente por indivíduos e instituições privadas (em especial por moradores de alto poder aquisitivo, residentes às margens do lago). Trata-se de um exemplo de como o projeto em arquitetura, urbanismo e paisagismo, debatido em um contexto democrático como o concurso, tem papel fundamental na construção de uma política pública participativa sobre a gestão do território.

A gestão do território e da habitação no DF, coordenada entre 2016 e 2018 por arquitetos provenientes do IAB, foi interrompida em 2018. Quando comparados os números de concursos realizados em 2016 e em 2019 no DF, fica evidente a diferença de postura entre os gestores. Em 2016 foram promovidos 10 concursos. Em 2019, apenas um. Em 2016 a CODHAB-DF era presidida por um arquiteto e urbanista com histórico na atuação em defesa de concursos públicos de projeto. Em fevereiro de 2020, a presidência da instituição era ocupada por um militar aposentado.

### **Categorias de usos - DF**

O Distrito Federal foi a unidade da federação que mais lançou concursos de projeto entre 2015 e 2019 no Brasil, com uma disparidade acentuada em relação aos outros colocados, representando 48%.

Em relação as equipes vencedoras o DF representa o terceiro lugar, com 11%. Sendo São Paulo o estado com maior percentual, com 51%, seguido pelo Paraná com 21%.

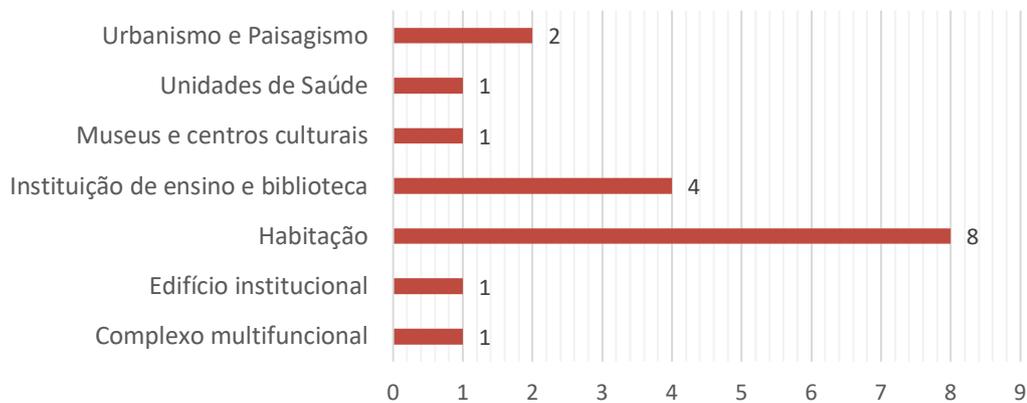
O tema de maior destaque foi o de Habitação, com 44%, o que se deve a natureza da instituição promotora (CODHAB-DF). Em segundo lugar, por instituições de ensino e biblioteca, com 22% e na sequência urbanismo e paisagismo, com 11%. Os demais temas representam 5%, ou seja, um concurso por categoria.

**Tabela 12:** Categorias de usos - DF

<b>Tema</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Complexo multifuncional	1	6%
Edifício institucional	1	6%
Habitação	8	44%
Instituição de ensino e biblioteca	4	22%
Museus e centros culturais	1	6%
Unidades de Saúde	1	6%
Urbanismo e Paisagismo	2	11%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 12:** Categorias de usos - DF



Fonte: autores

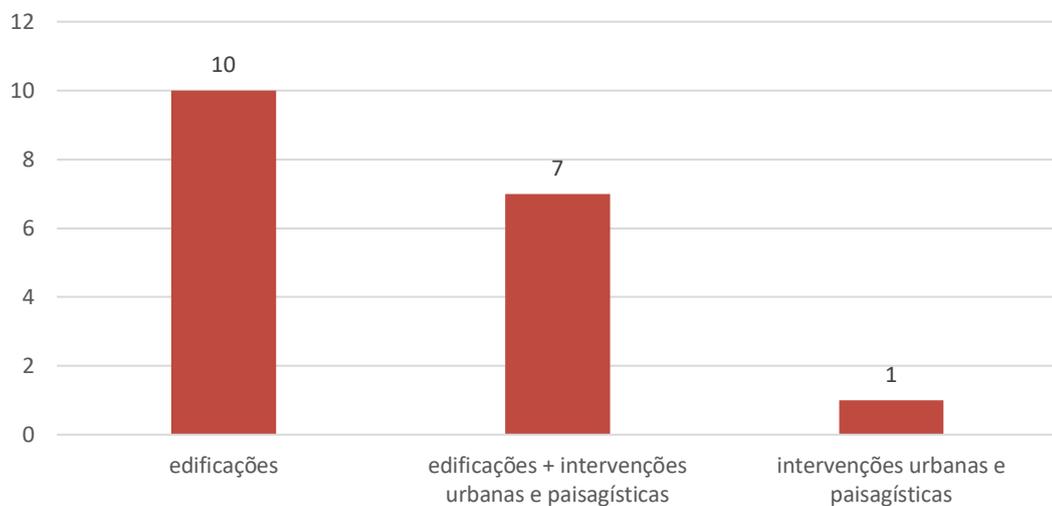
### Escalas de intervenção

Em relação as escalas de intervenção destacam-se as edificações, com 56%. Seguido por edificações mais intervenções urbanas e paisagísticas, com 39% e intervenções urbanas e paisagísticas, com 6%.

**Tabela 13:** Escalas de intervenção

<b>Categoria de Uso</b>	<b>Nº de concursos</b>	<b>%</b>
edificações	10	56%
edificações + intervenções urbanas e paisagísticas	7	39%
intervenções urbanas e paisagísticas	1	6%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 13:** Escalas de intervenção

Fonte: autores

### 5.1.3 Perfil das equipes vencedoras

#### Tempo médio de formação

No que se refere às equipes vencedoras, percebe-se maior participação de arquitetos mais jovens, com tempo de formado de 12,5 anos em média. Esta análise foi feita em relação ao tempo de formado de cada autor, a partir do parâmetro de que o profissional com até 15 anos de formação é considerado “jovem arquiteto”. Trata-se de profissionais com entorno de 40 anos de idade, referência adotada pelos Institutos de arquitetos do Brasil no “Prêmio Jovens Arquitetos”. Considerando a idade média de formação de 25 anos de idade o profissional com 15 anos de formado se enquadra nessa faixa etária.

A partir de um diagnóstico do tempo médio de formação de cada uma das 37 equipes elucidada-se que a maior parte destas apresenta a média de 5 a 10 anos de formado,

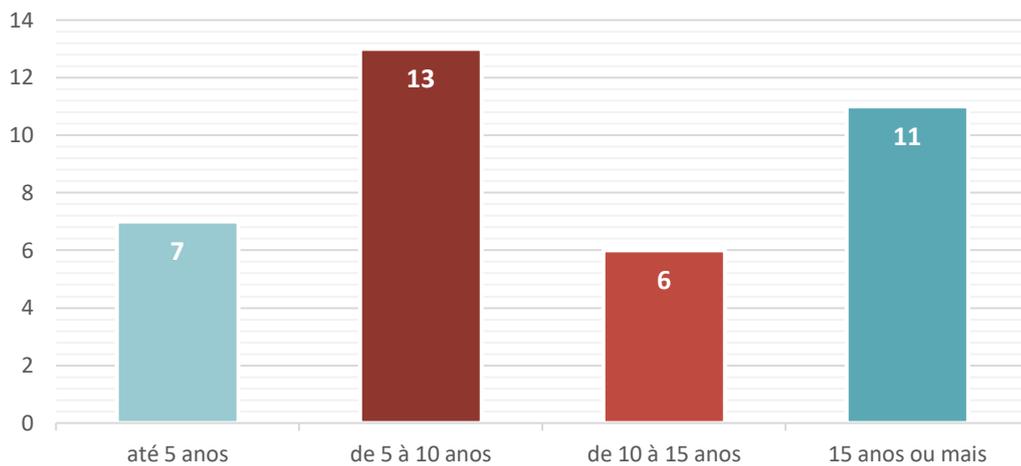
representando 35% do total, seguido por 15 anos ou mais, com 27%. Já as equipes de até 5 anos e de 10 a 15 anos ambas com 19%.

**Tabela 14:** Tempo médio de formação

Tempo de Formado	Nº de equipes
até 5 anos	7
de 5 a 10 anos	13
de 10 a 15 anos	6
15 anos ou mais	11
<b>Total</b>	<b>37</b>

Fonte: autores

**Gráfico 14:** Tempo médio de formação



Fonte: autores

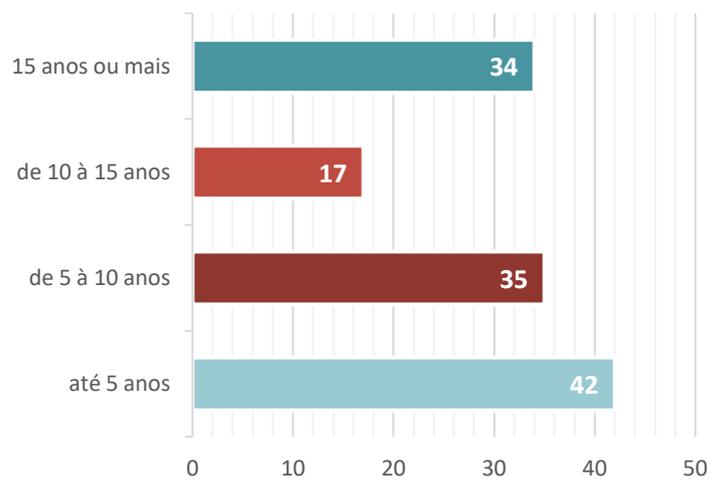
### Perfil geracional dos arquitetos

Observa-se que dos 128 arquitetos participantes quase a metade deles tem até 5 anos de formação, representando 33% (42), seguido por os de 5 a 10 anos, com 27% (35), depois os de 15 ou mais, também com 27% (34) e os de 10 a 15 anos, com 13% (17). Em resumo 74% (94) dos participantes são jovens arquitetos.

**Tabela 15:** Perfil geracional dos arquitetos

Tempo de formado	Nº de Arquitetos
Até 5 anos	42
De 5 a 10 anos	35
De 10 a 15 anos	17
15 anos ou mais	34
<b>Total</b>	<b>128</b>

Fonte: autores

**Gráfico 15:** Perfil geracional dos arquitetos

Fonte: autores

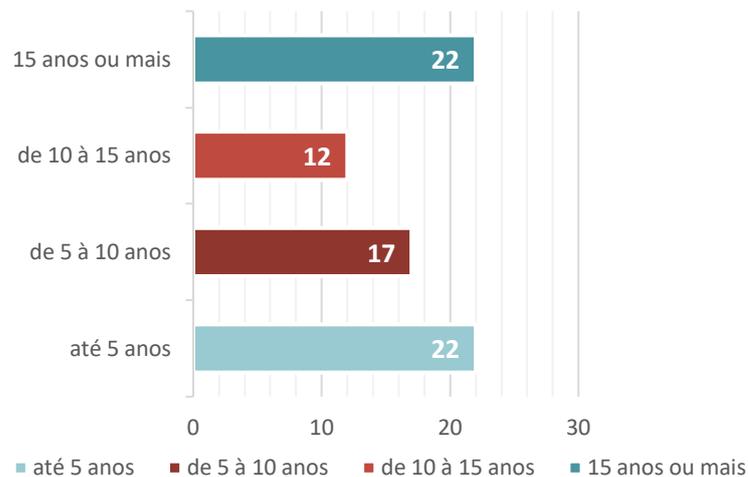
### Perfil geracional das equipes

No que se refere à presença das gerações nas equipes conclui-se que participam da maioria delas os arquitetos com até 5 anos de formados, com 32% (22), seguidos dos de 15 anos ou mais, com 29% (22), os de 5 a 10, com 23% (17) e os de 10 a 15, com 16% (12).

**Tabela 16:** Perfil geracional das equipes

Tempo de formado	Nº de equipes
Até 5 anos	22
De 5 a 10 anos	17
De 10 a 15 anos	12
15 anos ou mais	22

Fonte: autores

**Gráfico 16:** Perfil geracional das equipes

Fonte: autores

### Colaboração entre gerações

A partir de um comparativo entre número de arquitetos e número de equipes, considerando os perfis geracionais, percebe-se que mesmo que o número de arquitetos com 15 anos ou mais de formação seja menor do que os de 5 a 10, eles fazem parte de mais equipes, sendo 21 e 17 respectivamente. Ou seja, eles estão mais disseminados e mesmo que os de até 5 anos estejam presentes em mais equipes, proporcionalmente estão mais aglomerados do que os arquitetos mais experientes.

Com um olhar aproximado das relações estabelecidas entre gerações nas equipes vencedoras, percebe-se que os arquitetos mais experientes estão mais presentes nas equipes mais jovens, com 43%. Conforme os “jovens arquitetos” vão se tornando mais experientes

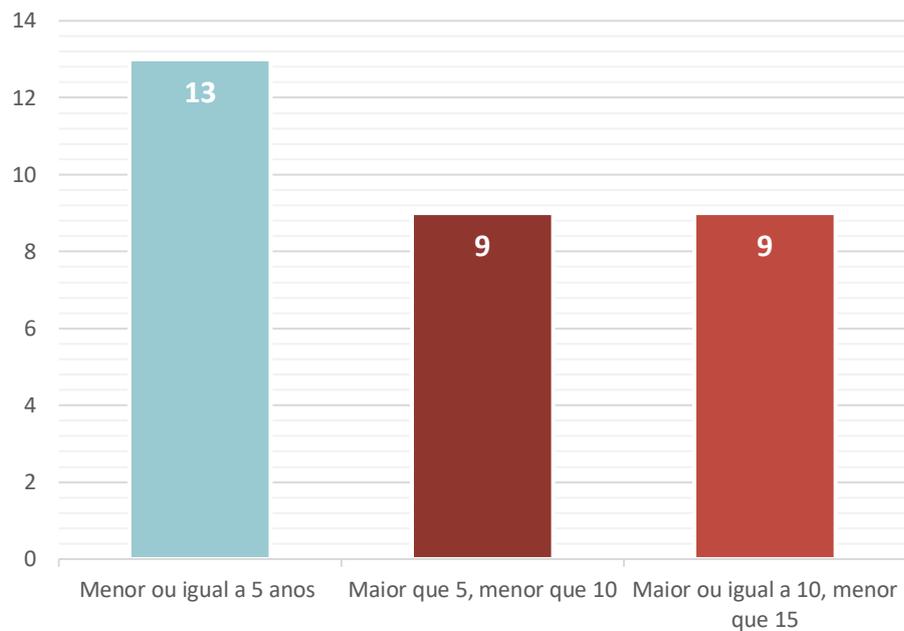
(entre 5 e 10 e 10 e 15 anos) a presença dos arquitetos mais experientes vai diminuindo. O que coloca, que neste recorte temporal, a colaboração entre gerações ocorre principalmente entre recém-formados, ou arquitetos muito jovens, com arquitetos mais experientes.

**Tabela 17:** Colaboração entre gerações

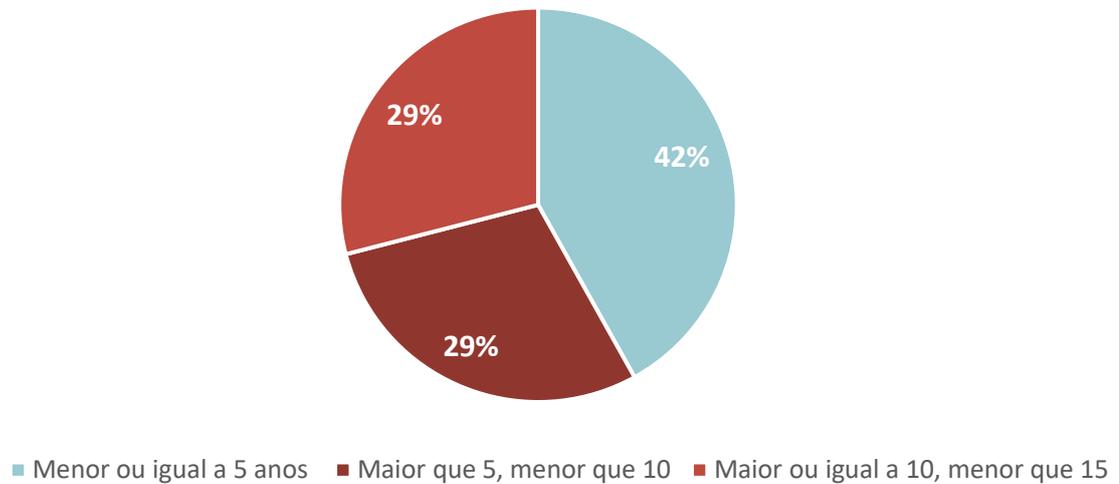
Tempo de formado	maior que 15
Menor ou igual a 5 anos ( $\leq 5$ )	13
Maior que 5, menor que 10 ( $>5, <10$ )	9
Maior ou igual a 10, menor que 15 ( $\geq 10, <15$ )	9
Maior que 15 ( $>15$ )	4

Fonte: autores

**Gráfico 17:** Colaboração entre gerações



Fonte: autores

**Gráfico 18:** Colaboração entre gerações (%)

**Fonte:** autores

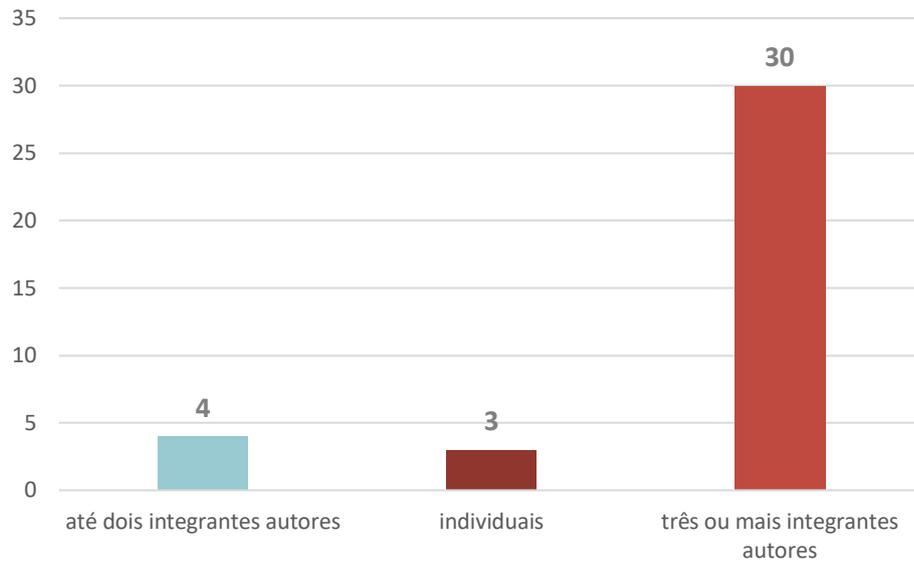
### Número médio de integrantes

As equipes são compostas, em sua grande maioria, por grupos de três ou mais integrantes autores, que representam 81%. As equipes individuais representam 11% e as de apenas dois integrantes representam 8%. Os números reforçam o quanto os concursos são atividades colaborativas, assim como a profissão.

**Tabela 18:** Número médio de integrantes

Equipes	Nº de participantes	%
Individuais	3	8
Até dois integrantes autores	4	11
Três ou mais integrantes autores	30	81
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100</b>

**Fonte:** autores

**Gráfico 19:** Número médio de integrantes

Fonte: autores

#### 5.1.4 A presença das mulheres nos concursos

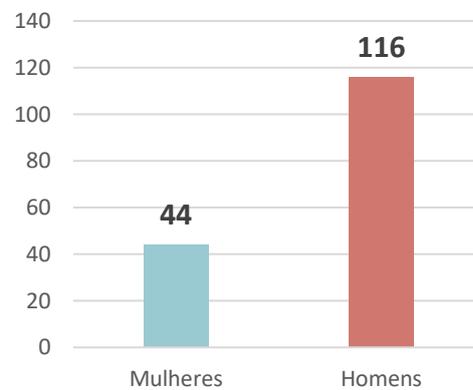
##### **Comparação entre a presença de mulheres e de homens nos concursos de arquitetura realizados no Brasil no recorte temporal de 2015 a 2019:**

No âmbito da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil temos 190.157 profissionais (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2019). Desse total, a maioria é de mulheres, 63%, sendo 37% homens. Fazendo uma comparação direta entre o número de profissionais da área com o número de arquitetas e arquitetos que participaram dos concursos, percebemos que essa relação é inversamente proporcional, ou seja, a maioria dos participantes é do sexo masculino. Se fizermos a relação com o diagnóstico do Conselho de Arquitetura e Urbanismo sobre a participação destes em concursos públicos de projeto percebemos que 53% dos homens responderam participar, já as mulheres, apenas 29%. “[...] nota-se uma dificuldade de a mulher se impor e de receber os devidos méritos de autoria por projetos em equipe.” O mesmo acontece quando vemos a participação das mulheres nas equipes vencedoras, das 37 equipes apenas 25 delas contêm mulheres em meio aos seus integrantes, ou seja, 68%. Já os homens estão presentes em 36 equipes, sendo assim, 97%. Apenas uma equipe vencedora é composta somente por mulheres enquanto 12 delas são formadas exclusivamente por homens. Uma das mulheres entrevistadas pelo CAU coloca “Na maioria dos concursos ou equipes de projeto a autoria é dada a homens.”.

**Tabela 19:** A presença das mulheres nos concursos

<b>Gênero</b>	<b>Nº de arquitetos</b>	<b>%</b>
Mulheres	44	28%
Homens	116	73%
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autores

**Gráfico 20:** A presença das mulheres nos concursos

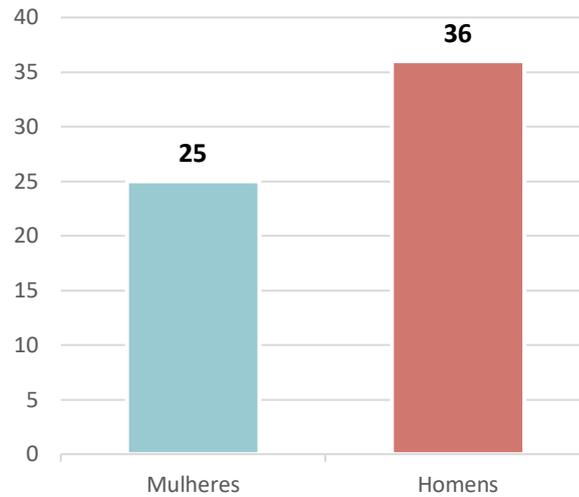
Fonte: autores

**Tabela 20:** Presença das mulheres nas equipes vencedoras

<b>Gênero</b>	<b>Nº de equipes</b>	<b>% de equipes</b>
Mulheres	25	68%
Homens	36	97%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores

**Tabela 21:** Presença das mulheres nas equipes vencedoras



Fonte: autores

Atualmente, como um tema muito discutido, pesquisas e estudos demonstram uma desigualdade de gênero enraizada no mercado de trabalho tendo como narrativa que se sobressai neste meio, e em muitos outros, a dos homens brancos. Como coloca a arquiteta sul-africana Khensani de Klerk em seu artigo *O peixe morto na praia: o problema das “mulheres na arquitetura”*:

“Os números diferem de acordo com os países, mas desequilíbrios semelhantes estão sempre presentes nos EUA, no Reino Unido e na EU. [...] No entanto, um fio comum parece ser a diferença de renda entre homens e mulheres que ocupam a mesma posição.”

Segundo o levantamento do CAU:

“as arquitetas e urbanistas são em média tão qualificadas quanto os homens, mas têm salários ou rendimentos inferiores. [...] quanto maior a faixa salarial, maior a superioridade dos percentuais masculinos em relação aos femininos. [...] os homens brancos são os mais bem remunerados e as mulheres negras correspondem ao grupo com os menores rendimentos.”

Ainda não se sabe ao certo a raiz dessas desigualdades e as políticas e ações para combatê-las são muito recentes. Pode-se dizer que esta semente é plantada desde a academia onde as

maiores referências, tanto bibliográficas como de projetos, são de arquitetos homens, brancos e europeus.

“embora as mulheres representem quase metade dos estudantes de arquitetura, as mulheres estão subrepresentadas entre os docentes, especialmente nas áreas de projeto. Os currículos do curso também favorecem bastante o trabalho e os escritos dos homens, deixando os alunos com a impressão de que as mulheres contribuíram pouco”. (Stratigakos, 2016. Apud. KLERKM, Khensani).”

O estereótipo do tal “arquiteto padrão” – branco sentado em sua cadeira modernista fumando um cigarro – vem junto com o estilo internacional, sua standardização do homem e sua política fascista e higienista. As mulheres sempre estiveram presentes e desempenharam papéis importantíssimos, porém, na maioria das vezes, invisíveis. Existem inúmeros livros que destacam a participação das mulheres na profissão, mas quase nenhum ou nenhum fazem parte dos currículos acadêmicos.

“[...] currículos acadêmicos permanecem sem transformação, com pitadas de alguns educadores progressistas que, infelizmente, não é suficiente. [...] A cultura iniciada durante a experiência educacional. É a normalização da arquitetura como uma carreira dominada ou definida pelos homens.”

A falta de representatividade é imensa para as mulheres, não só na arquitetura, mas em toda a sociedade, que é extremamente machista e patriarcal.

A questão de gêneros foi abordada no sentido binário, homens e mulheres, considerando o sexo biológico dos integrantes das equipes. Por não ser o tema principal dessa pesquisa não nos coube, neste momento, um detalhamento maior deste levantamento, que exige uma análise cautelosa de cada caso. Porém cabe e é muito válido o aprofundamento nas questões de identidade de gênero, orientação sexual e raça nos concursos de arquitetura no Brasil como sugestão de tema de uma outra pesquisa.

“a representatividade  
é vital  
sem ela a borboleta  
rodeada por um grupo de mariposas

incapaz de ver a si mesma  
vai continuar tentando ser mariposa”

Rupi Kaur

## **5.2 Análise qualitativa de projetos premiados em concurso**

### **5.2.1 O Concurso**

Esta análise é referente ao concurso “Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Trecho 2”, organizado e promovido pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF) em 2017. O terreno do concurso está localizado no setor habitacional sol nascente, trecho 02, quadra 105, na região administrativa de Ceilândia – RA IX, situada no extremo oeste do Distrito Federal. O concurso teve como objetivo a seleção das melhores propostas para edifícios de uso misto, com unidades habitacionais e comércio.

Trata-se de proposta de edificações e de reurbanização da área referente a doze conjuntos situados no Trecho 02 (06 módulos em L, definidos no termo de referência do concurso).

O objeto do concurso foi o desenvolvimento de um dos módulos em “L” (que corresponde a 02 conjuntos e uma área intersticial) e o respectivo paisagismo e urbanização. O termo de referência estabelecia que a tipologia era livre, desde que limitada a quatro pavimentos, sem elevadores, e que a solução deveria ser replicada para os demais módulos. Era obrigatório o uso comercial no térreo e a previsão de unidades de dois e três quartos. Pelo menos 5% das unidades deveriam ser acessíveis. Apesar da liberdade criativa, alguns parâmetros básicos deveriam ser seguidos em relação ao dimensionamento mínimo das unidades e às especificações técnicas do programa de financiamento no qual o projeto estava inserido: Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV).

**Figura 1:** Mapa de localização do Sol Nascente trecho 2



**Fonte:** autores

### **5.2.2 Matriz analítica**

Em *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX* (2011), Montaner, Muxí e Falagán apresentam um sistema de análises e métodos de projeto para a habitação contemporânea. Os autores abordam a habitação como uma "encruzilhada da complexidade atual, na qual convergem, por meio da arquitetura, questões urbanas, sociais, tecnológicas e ambientais".

Trata-se de um sistema de avaliação integral, baseado em quatro conceitos considerados essenciais: sociedade, cidade, tecnologia e recursos. Tais abordagens sintetizam as características básicas que devem definir a habitação contemporânea e são complementadas por outras quatro perspectivas, acrescentadas posteriormente à metodologia: gestão, reabilitação, tipologia e percepção.

Apesar de se tratar de um método pensado para projetos realizados na Espanha, os autores defendem que as ferramentas analíticas podem ser aplicadas em outros contextos geográficos, culturais e sociais, com as devidas adaptações. Este é o exercício proposto neste trabalho.

Não se trata de um "receituário de soluções definitivas", conforme alertam os autores, mas de um instrumento que estimule a postura crítica sobre o projeto de habitação, "que leve em conta a história e a memória coletiva, que considere a diversidade do presente, que enriqueça as estruturas urbanas, que favoreça o direito à moradia e a igualdade de gênero, que potencialize a busca de soluções arquitetônicas cada vez mais sustentáveis." Em síntese, uma ferramenta que promova uma perspectiva qualitativa da habitação social.

Para esta pesquisa foram utilizados dois tópicos da matriz para o ensaio analítico: Sociedade e Cidade.

O conceito "Sociedade" aborda a adaptabilidade da habitação à diversidade de estruturas familiares e à evolução de cada uma delas; a necessidade de construir um ambiente doméstico com o mínimo de hierarquias e a disponibilidade de espaço para o trabalho no ambiente doméstico.

No que se refere ao conceito "Cidade", são destacados os seguintes tópicos: capacidade do projeto de habitação coletiva de se relacionar com o contexto urbano em que está inserido; combinação do uso residencial com outros usos; soluções arquitetônicas que estimulem a relação entre o espaço de habitação e o espaço público.

### **5.2.3 Primeiro Lugar**

#### **Sociedade**

Em relação ao tópico "adequação aos grupos familiares", percebe-se que o projeto do primeiro lugar possui diversas tipologias de apartamentos, possibilitando que várias composições de grupos familiares habitem o edifício. Dentre essas tipologias existem três plantas distintas para os apartamentos de dois quartos, incluindo uma acessível para pessoas com deficiências e uma planta de três quartos.

A respeito da "acessibilidade", nota-se que as unidades acessíveis de apartamentos estão alocadas no térreo, uma vez que o conjunto – conforme as bases do concurso – não prevê uso de elevadores. São também previstas, conforme define a legislação, vagas para pessoas com deficiência e percursos acessíveis.

Sobre a "desierarquização" observa-se que todas as tipologias de habitação possuem instalação sanitária que permitem o uso pelos diversos integrantes da família, ou por visitantes, de forma equitativa, portanto não exclusivas de um ou outro grupo de usuários. Não há, por exemplo, o conceito de "quarto de serviço" ou "banheiro de serviço", elementos

infelizmente ainda presentes na tipologia habitacional brasileira, como reminiscência da cultura escravocrata e racista. Todos os quartos possuem tamanhos parecidos. As salas de jantar e estar são conjugadas e separadas do ambiente da cozinha, com exceção de uma das tipologias de plantas onde a cozinha, a sala de jantar e a de estar se integram.

Acerca dos espaços de trabalho, é possível identificar em todas as plantas a possibilidade de acesso direto à sala de jantar, que também pode ser utilizada para trabalho, tanto presencial como remoto. Alguns quartos também permitem as adaptações supracitadas.

Todas as tipologias possuem espaços de armazenamento abrangentes, como: despensas, guarda-roupas, armários de serviços e para a cozinha.

### **Cidade**

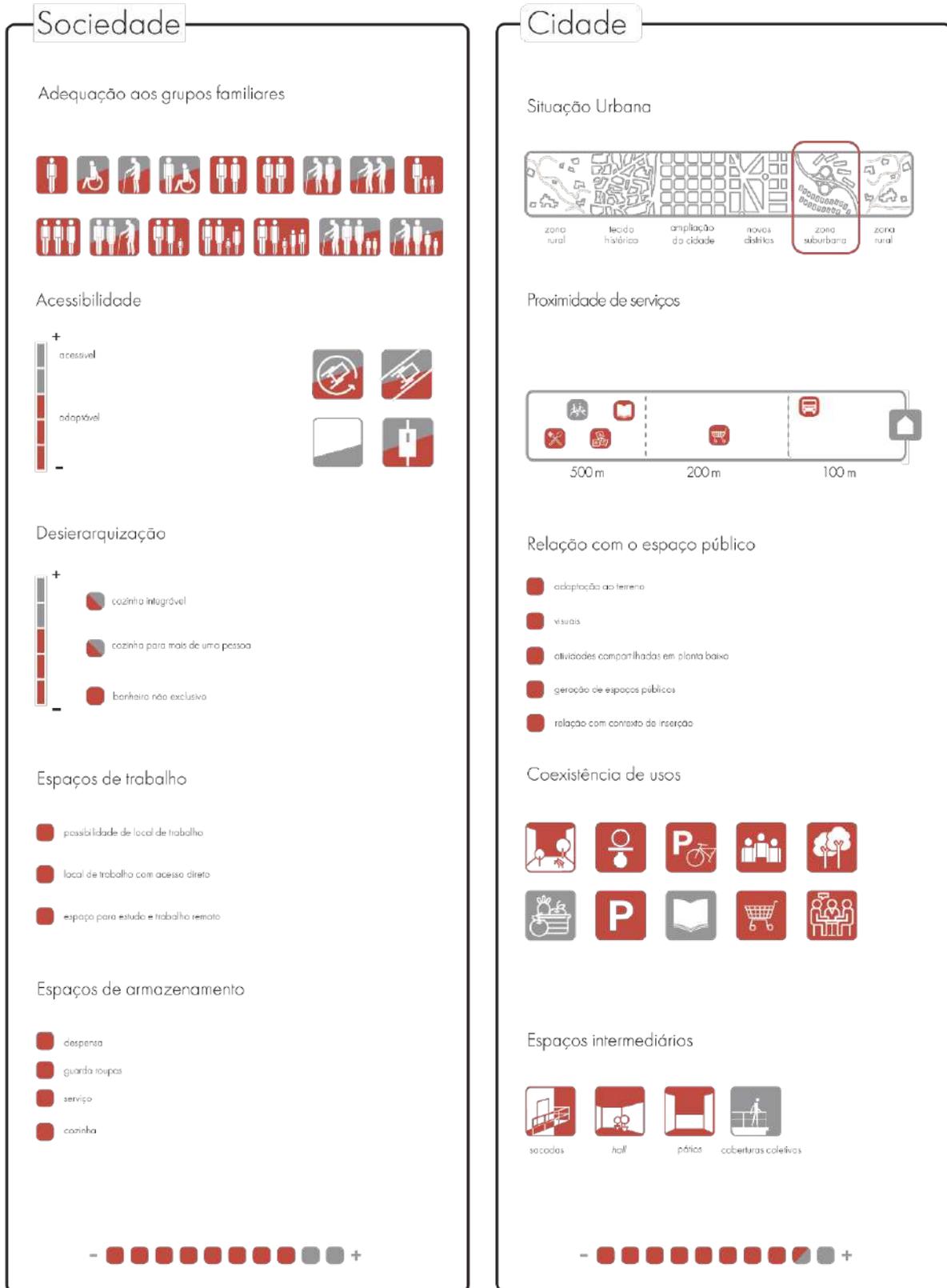
No que se refere ao conceito “Cidade”, a primeira questão abordada é a contextualização urbana. No caso em análise, trata-se de projeto para uma região periférica: o Sol Nascente está localizado a mais de trinta quilômetros da região central da metrópole, o Plano Piloto de Brasília. Nas proximidades da área do projeto existem poucos serviços a distâncias caminháveis: pontos de ônibus (100 metros), mercados e mercearias (200 metros), creches e restaurantes (500 metros).

Sobre a “relação com o espaço público”, nota-se o cuidado em gerar diversos espaços coletivos e visuais de qualidade, respeitando o contexto de implantação e trazendo melhorias urbanas para o local.

Em relação à coexistência de usos, identifica-se uma grande diversidade: praças, bancos, mesas, parquinhos, estacionamentos para bicicletas e carros, comércios, ciclovias, grandes calçadas e abundância de massa verde.

A respeito dos “espaços intermediários”, pode-se notar que a transição dos espaços privados para o público é composta por sacadas, pátios e espaços de circulação e convivência.

Figura 2: Matriz analítica adaptada referente ao primeiro lugar



Fonte: autores

## 5.2.4 Menção honrosa

### Sociedade

No que se refere ao tópico “adequação aos grupos familiares”, o projeto de menção honrosa possui quatro tipos de plantas, sendo todas elas acessíveis. Três possuem dois dormitórios e uma possui três. Podendo abrigar e se adaptar a grupos familiares diversos.

Em relação a “acessibilidade”, o projeto é inteiramente acessível para pessoas com deficiência. O pavimento térreo tem seus desníveis vencidos por rampas e os demais têm acesso por elevadores, todos eles têm unidades habitacionais com exceção do subsolo, onde se encontram as vagas de garagem.

Outro tópico abordado no conceito “Sociedade” é a “desierarquização” dos espaços, que pode ser entendida como a capacidade do projeto de integrar os diversos ambientes, com o mínimo de hierarquias, seja nos ambientes domésticos ou nos espaços de uso comunitário.

Sobre a “desierarquização”, todas as tipologias domiciliares possuem uma instalação sanitária coletiva, que permitem o uso pelos diversos integrantes da família, ou por visitantes, de forma equitativa, portanto não exclusivas. Os quartos possuem tamanhos parecidos. As salas de jantar, de estar e a cozinha são integradas, com exceção de uma das tipologias de planta, onde a cozinha fica separada dos demais ambientes, porém, ainda sendo visível a partir dos outros espaços comuns da casa. A integração dos “cômodos de serviço” com as áreas coletivas da casa faz com que o trabalho doméstico não remunerado - como cozinhar, por exemplo - seja visto. O que contribui para que esses espaços sejam compreendidos pelos habitantes como de uso coletivo e de trabalho compartilhado, não deixando apenas um integrante do grupo familiar responsável pelas tarefas domésticas, promovendo assim a igualdade de gênero.

A respeito do tópico “espaços de trabalho”, é possível notar que todas as unidades possuem acesso direto ao espaço de trabalho. Em três delas o espaço já é previsto e adaptável para pessoas com deficiência. Nas quatro plantas existe acesso direto à sala de jantar, que também pode ser utilizada para trabalho, tanto presencial como remoto.

A cerca do tópico “armazenamento” Todas as tipologias possuem espaços de armazenamento abrangentes, como: despensas, guarda-roupas, armários de serviços e para a cozinha.

## **Cidade**

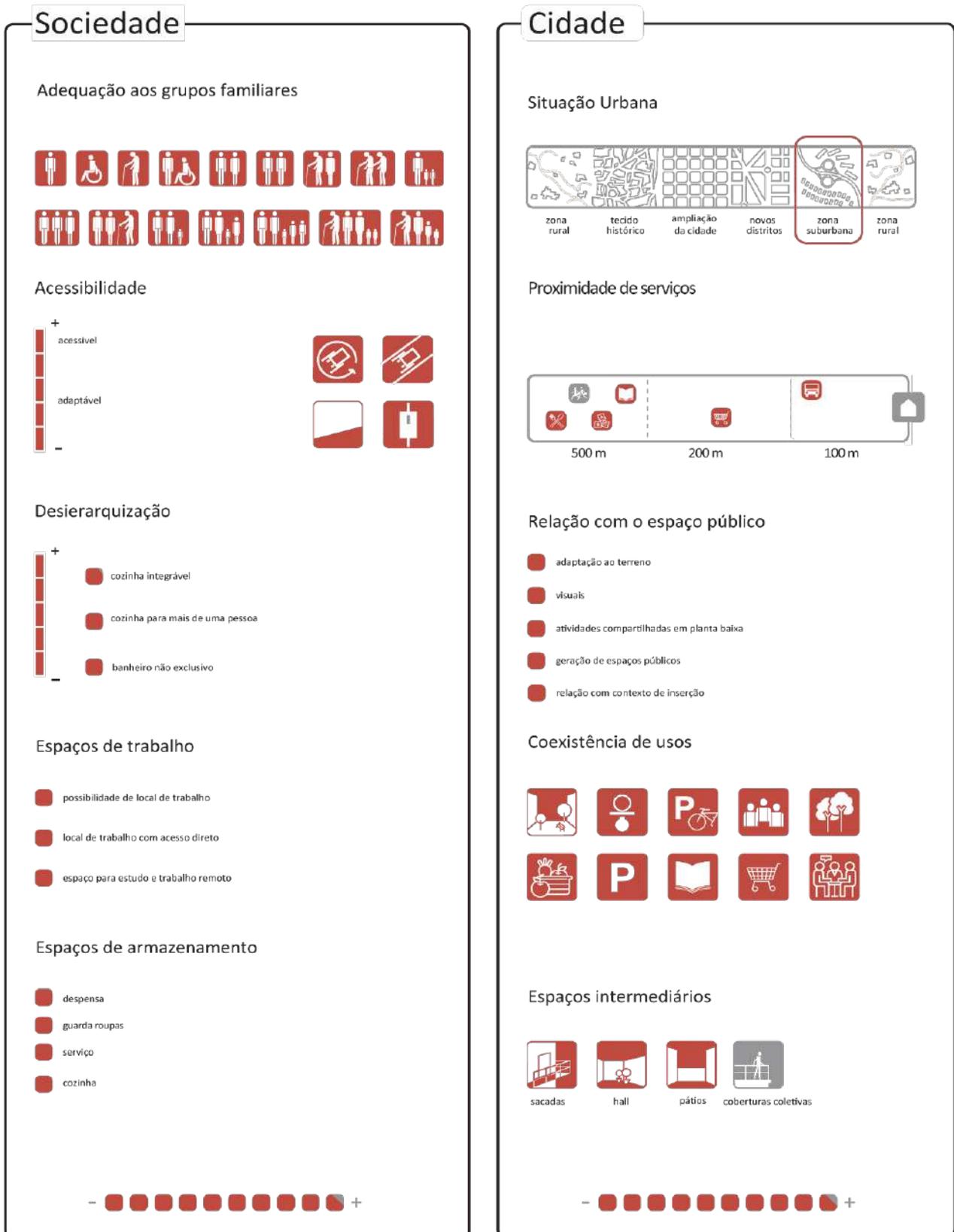
Assim como supracitado no projeto de primeiro lugar, por se tratar do mesmo terreno e a mesma situação, percebe-se que existem poucos serviços a distâncias caminháveis: pontos de ônibus (100 metros), mercados e mercearias (200 metros), creches e restaurantes (500 metros).

Em relação ao projeto da menção, o espaço público é integrado ao projeto com uma linguagem clara de usos e espaços bem definidos. A comunicação respeitosa e contínua da malha urbana se dá por meio de espaços públicos diversos, múltiplas opções de acesso e de circulações internas. O desnível natural do terreno é aproveitado para área de estacionamento em subsolo, deixando a maior parte do lote permeável e ocupado com usos para pedestres. A configuração do edifício gera várias visuais de interesse e perspectivas, tanto para o transeunte quanto para o observador interno à edificação.

Em relação à “coexistência de usos”, identifica-se uma grande diversidade: Praças, esquinas ativas, pátios internos, vários tipos de comércio, fontes, espelhos d’água, bicicletário, áreas cobertas para jogos e estar, salões condominiais para festas e reuniões e centro comunitário. Além da vegetação nativa e diversa.

A respeito dos espaços intermediários, pode-se notar que a transição dos espaços privados para o público é composta por sacadas, pátios e halls.

Figura 3: Matriz analítica adaptada referente à menção honrosa



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito a jovens arquitetos e colaboração entre gerações nos concursos de arquitetura no Brasil, entre 2015 e 2019, foi percebido por meio dos levantamentos de dados, que a maior parte dos concursos foram vencidos por equipes formadas principalmente por arquitetos jovens. Também foi constatado que nas equipes de concurso existe uma grande troca entre gerações.

A pesquisa permitiu observar questões, como a predominância de equipes multi geracionais, isto é, entre as equipes vencedoras predominam as colaborações entre profissionais mais jovens e mais experientes. Observa-se que conforme os “jovens arquitetos” se tornam mais experientes a presença dos arquitetos mais experientes diminui, o que parece sugerir que a colaboração entre gerações ocorre principalmente entre recém-formados e os mais experientes, e à medida em que os jovens ganham experiência, buscam gradualmente consolidar sua autonomia.

As equipes são compostas, em sua grande maioria, por grupos de três ou mais integrantes autores. Os números reforçam o caráter colaborativo e coletivo dos concursos de arquitetura, para além da natureza competitiva que se costuma atribuir a esses eventos.

A análise de dados feita em relação a presença das arquitetas nos concursos evidencia a desigualdade de gênero, que é histórica no campo da Arquitetura e que está enraizada no mercado de trabalho. A falta de representatividade nos concursos de arquitetura e no campo profissional refletem, afinal, as injustiças e barreiras que ainda persistem na estrutura social e política, em especial nos países como o Brasil, que herdaram e perpetuam as estruturas e os vícios do patriarcado colonialista.

No que diz respeito aos concursos como instrumento democrático, a pesquisa evidenciou que o processo cíclico de crise das instituições democráticas no Brasil tem impacto sobre diversos campos e tem fragilizado uma série de instrumentos de participação, como é o caso dos concursos de projeto.

Onde há tradição democrática; onde a gestão pública é guiada pela participação popular e onde o Estado e as instituições públicas são mais sólidos e estão mais presentes, observa-se uma cultura de concursos mais consolidada. Onde não há espaço para o debate público; onde não há respeito às instituições democráticas e onde os interesses privados prevalecem sobre o público, não há lugar para os concursos. A ausência de uma cultura de concursos no Brasil é

reflexo da fragilidade da cultura democrática no país. Onde não há democracia não há concursos.

Por fim, no que se refere aos projetos em situação de concurso nota-se que eles se aproximam, enquanto arquitetura potencial, das premissas contemporâneas da habitação social. Parte da adequação dos projetos, decorre do próprio contexto do concurso, cujas diretrizes já orientavam os projetos para premissas de qualidade, relação com o entorno, acessibilidade e sustentabilidade, entre outros valores relevantes para a produção contemporânea em habitação social. Os projetos premiados em vários aspectos responderam às premissas estabelecidas de maneira criativa e inovadora, confirmando o aspecto qualitativo promovido pelos projetos em situação de concurso.

## REFERÊNCIAS

CAU. IGEO. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Disponível em: <<https://igeo.caubr.gov.br/publico/>> Acesso em: 5.março 2021.

CAU. 1º DIAGNÓSTICO - Gênero na Arquitetura e Urbanismo. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-2.pdf>> Acesso em: 5.março 2021.

CODHAB-DF, Caderno de Especificações Técnicas. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente. Brasília: CODHAB/DF , 2016.

CODHAB-DF, Ata de julgamento. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.codhab.df.gov.br/concursos/eum-sol-nascente-quadra-105/resultado>. Acesso em: 31/07/2020.

CODHAB-DF. Primeiro Lugar. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente, Brasília, 2017. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2017/03/01/premiados-edificios-de-uso-misto-no-sol-nascente-trecho-2-codhab-df>

Concursosdeprojeto.org. (2017) Premiados - Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente. <https://concursosdeprojeto.org/2017/03/01/premiados-edificios-de-uso-misto-no-sol-nascente-trecho-2-codhab-df>

Falagan, D., Montaner, J., Muxí, Z. (2011) Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX. Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI. Universitat Politècnica de Catalunya.  
[https://www.researchgate.net/publication/315788077\\_Herramientas\\_para\\_habitar\\_el\\_presente\\_La\\_vivienda\\_del\\_siglo\\_XXI](https://www.researchgate.net/publication/315788077_Herramientas_para_habitar_el_presente_La_vivienda_del_siglo_XXI)

KLERK, khensani. “O peixe morto na praia: o problema das “mulheres na arquitetura”” [Dead Fish on the Beach: the Problem with “Women in Architecture”] 20 Nov 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) Acessado 5 Mar 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/919254/o-peixe-morto-na-praia-o-problema-das-mulheres-na-arquitetura>> ISSN 0719-8906

SOBREIRA, Fabiano; WANDERLEY, Vanessa Cristina da Silva. Concursos de arquitetura no Brasil de 2005 a 2014. Breve panorama analítico. Arquitextos, São Paulo, ano 16, n. 181.05, Vitruvius, jun. 2015 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5598>>. Acesso em: 05 de julho 2021.

CHUPIN, J.; COLLYER, G. Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality. Montreal: Potential Architecture Books, 2020.

MONTANER, J. A modernidade superada. São Paulo: Gustavo Gili, 1997.

MONTANER, J. La arquitectura de la vivienda colectiva. Políticas y proyectos em la ciudad contemporânea. Barcelona: Editorial Reverté, 2015.

MONTANER, J.; MUXI, Z. Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

MUXI, Z. Mujeres, casas y ciudades: Más allá del umbral. Barcelona: Dpr-barcelona, 2018.

SOBREIRA, F.; FLYNN, M.; RIBEIRO, P. Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (Entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SOBREIRA, F. Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil. Brasília: MGSR, 2019.

ROLNIK, R. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SOBREIRA;F.; ROMERO, M. Concursos de Habitação Social em Brasília: reflexões sobre projeto, inclusão e sustentabilidade. In: 4 CIHEL – Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono – A Cidade Habitada. Porto/Covilhã, Universidade Beira Interior, 2017.

**APÊNDICE A – Caderno Síntese.**

Pesquisa de iniciação científica - Arquitetura e Urbanismo - UniCeub

Caderno síntese - relatório final

## **Jovens arquitetos e os concursos de arquitetura no Brasil: sobre a contribuição das novas gerações à arquitetura contemporânea.**

# SUMÁRIO

## Análise quantitativa . concursos de arquitetura no Brasil entre 2015 e 2019

### Introdução

#### Panorama Geral

Número de concursos lançados por ano.  
Número de concursos lançados por região.  
Número de concursos lançados por Unidade da federação.  
Categorias de uso.  
Escala de intervenção.  
Promoção.  
Organização.

#### Contextualização Geográfica

Contexto de implantação.  
Nº de concursos lançados por região x nº de arquitetos.  
Nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos.  
Equipe vencedora por estado x nº de arquitetos.

#### O caso do GDF:

Categoria de usos - DF.  
Escala de intervenção - DF.

#### Perfil das equipes vencedoras

Tempo médio de formação.  
Perfil geracional dos arquitetos.  
Colaboração entre gerações.  
Número médio de integrantes

#### Presença das mulheres

Presença de arquitetas.  
Equipes compostas apenas por mulheres.  
Perfil geracional das arquitetas.

## Análise qualitativa . o caso do Sol nascente

O Concurso  
Matriz analítica  
Primeiro Lugar  
Menção honrosa

## Conclusões

## Referências

# INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa contribuir para reflexões, no contexto nacional e internacional, sobre o papel dos concursos de arquitetura como ferramentas de promoção da qualidade e da inovação na arquitetura e como meio de expressão e afirmação das novas gerações de profissionais. Ao mesmo tempo, procura estudar a contribuição dos jovens arquitetos à arquitetura contemporânea brasileira (materializada ou potencial) resultante de concursos de projeto.

A primeira etapa da pesquisa, tem como objetivo estudar o panorama geral dos concursos realizados no país, tanto do ponto de vista geográfico quanto temático e geracional, nos últimos cinco anos (2015-2019). As informações sobre os concursos, os projetos e os autores foram catalogados e sistematizados em planilhas e gráficos, o que resultou em sínteses analíticas sobre o recorte temporal indicado, que permitem estudar a relação entre perfis geracionais e a contribuição nos concursos de arquitetura realizados no Brasil.

Foram utilizadas como bases de dados as publicações dos projetos vencedores em plataformas digitais, em especial o portal e revista eletrônica [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org) (ISSN 2238-1430) , principal veículo de divulgação dos concursos de arquitetura no Brasil, em atividade desde 2008.

# PANORAMA GERAL

**Recorte temporal 2015-2019**

### **Panorama Geral**

Número de concursos lançados por ano.

Número de concursos lançados por região.

Número de concursos lançados por Unidade da federação.

Categorias de uso.

Escalas de intervenção.

Promoção.

Organização.

Número de concursos lançados por ano:

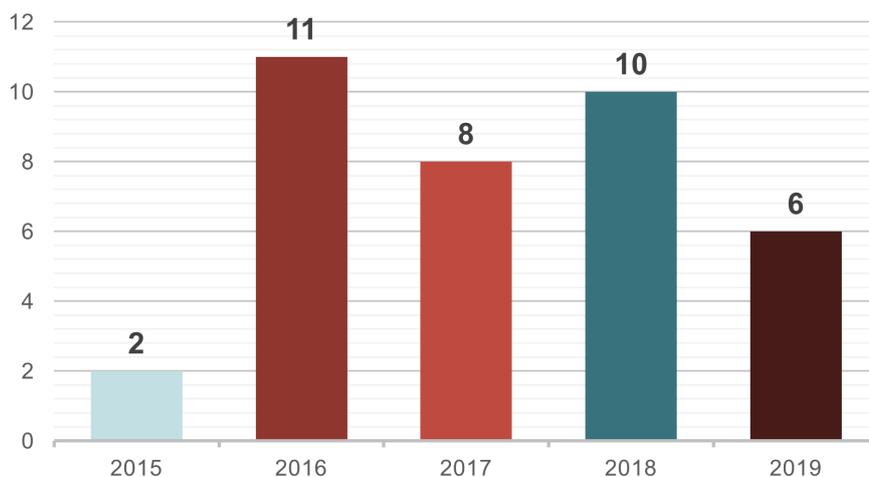
No recorte temporal indicado (2015-2019) foram catalogados 37 concursos públicos de projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil, confirmando, mais uma vez, a média histórica inferior a 10 concursos por ano. (SOBREIRA E WANDERLEY, 2016, p.1). No ano de 2015 foi registrado o número mais baixo do período, com apenas dois concursos. Os anos de 2016 e 2018 se destacaram com os maiores números: 11 e 10 concursos, respectivamente.

No âmbito dos concursos não houve mudanças relevantes em relação às décadas anteriores. Os eventos continuam escassos (média inferior a dez concursos por ano) e a maioria dos projetos públicos (grandes ou pequenos) continuaram excluídos do julgamento qualitativo, prevalecendo a escolha com base na notoriedade, no menor preço ou submetendo os projetos à responsabilidade de construtores (em flagrante conflito de interesses). (SOBREIRA, 2019, p.167).

Nº de concursos lançados por ano

ANO	Nº DE CONCURSOS	%
2015	2	5%
2016	11	30%
2017	8	22%
2018	10	27%
2019	6	16%
Total	37	100,00%

Nº de concursos lançados por ano



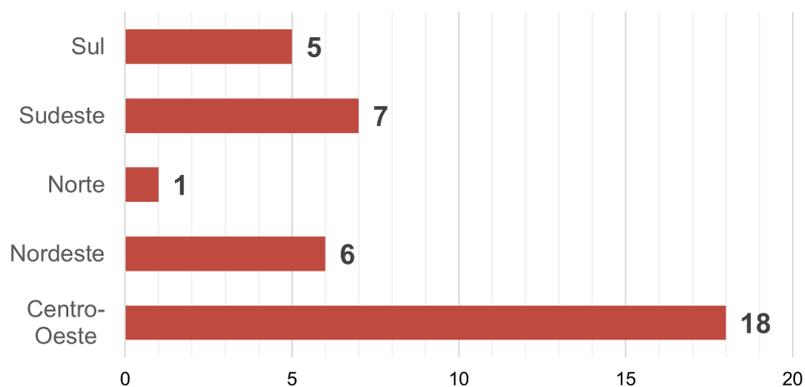
## Número de concursos lançados por região

Dos 37 concursos lançados entre 2015 e 2019, 18 foram realizados na região Centro-Oeste, representando 49%, ou seja, quase metade. Na região Sudeste ocorreram sete (19%) concursos, seguido pelo Nordeste, com seis (16%), e o Sul, com cinco (14%). Já a região Norte, teve o registro de apenas um (3%) concurso.

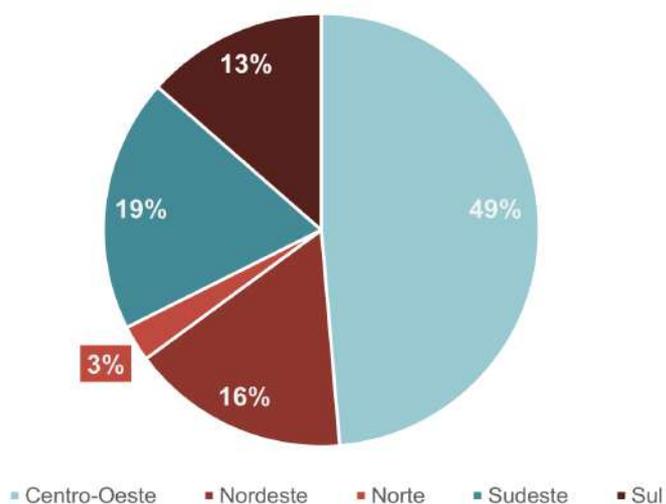
Nº de concursos lançados por região

Região	Contagem de concurso	%
Centro-Oeste	18	49%
Nordeste	6	16%
Norte	1	3%
Sudeste	7	19%
Sul	5	14%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>

Nº de concursos lançados por região



Nº de concursos lançados por região

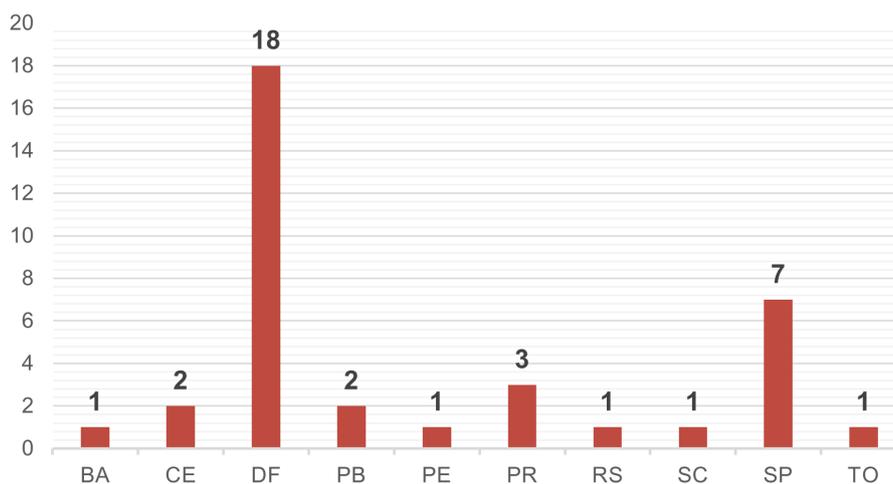
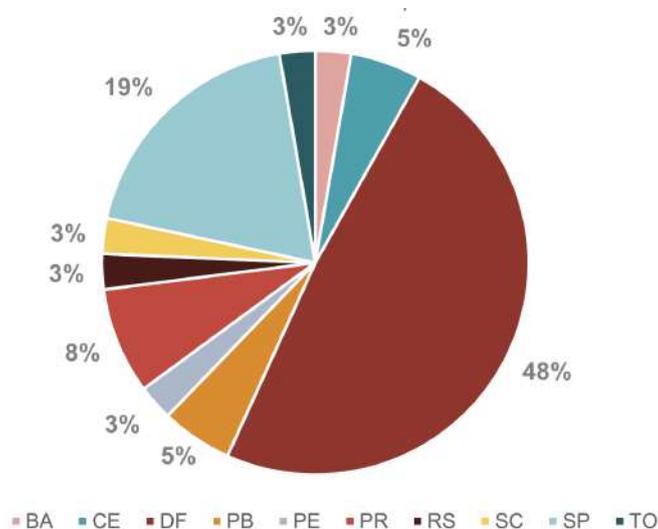


## Número de concursos lançados por Unidade da federação

Destrinchando cada região percebe-se o papel de cada estado (unidade da federação – UF) e sua contribuição para os concursos nacionais de arquitetura no período datado. Neste, destaca-se o Distrito Federal (DF), com 18 (49%) concursos, representando quase metade dos lançamentos totais, seguido de São Paulo com sete (19%), do Paraná com três (8%) e Ceará e Paraíba, ambos, com dois (5%). O restante dos estados, Bahia, Pernambuco, Rio grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins, apresentaram apenas um (3%) concurso. O caso do Distrito federal será esmiuçado no próximo capítulo.

Nº de concursos por UF

uf	Contagem de concurso	%
BA	1	3%
CE	2	5%
DF	18	49%
PB	2	5%
PE	1	3%
PR	3	8%
RS	1	3%
SC	1	3%
SP	7	19%
TO	1	3%
Total	37	100,00%



## Categorias de Uso

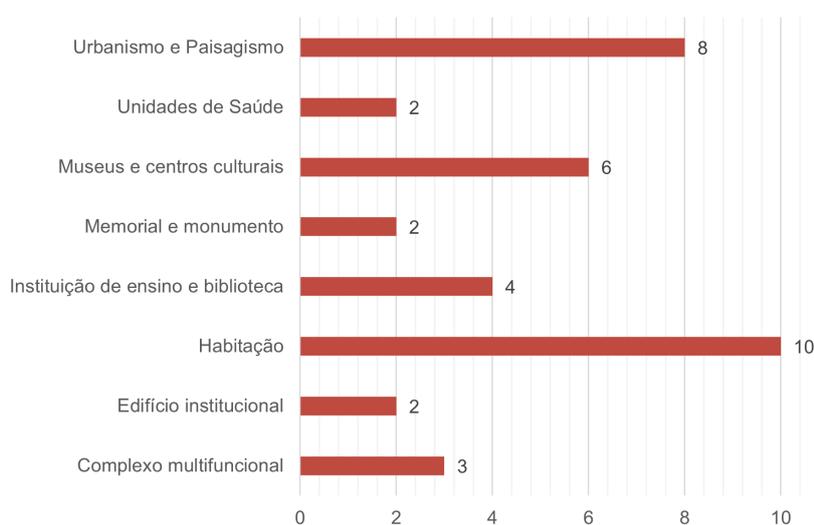
Estudando esses concursos por seus temas e categorizando-os de maneira relativa aos seus usos – conforme indicado nos gráficos – percebe-se que a maioria deles foi de habitação, representando 27% (10), seguido por Urbanismo e Paisagismo, com 22% (8), Museus e Centros Culturais, com 16% (6), Instituição de Ensino e Biblioteca, com 11% (4) e Complexo multifuncional, com 8% (3). As outras variedades, que representam os números mais baixos, são Memorial e Monumento, Edifício Institucional e Unidades de Saúde, todas com apenas 5% (2).

Categoria de uso por concurso

categoria de usos	Nº de concursos	%
Complexo multifuncional	3	8%
Edifício institucional	2	5%
Habitação	10	27%
Instituição de ensino e biblioteca	4	11%
Memorial e monumento	2	5%
Museus e centros culturais	6	16%
Urbanismo e Paisagismo	8	22%
Unidades de Saúde	2	5%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>



Categoria de uso por concurso

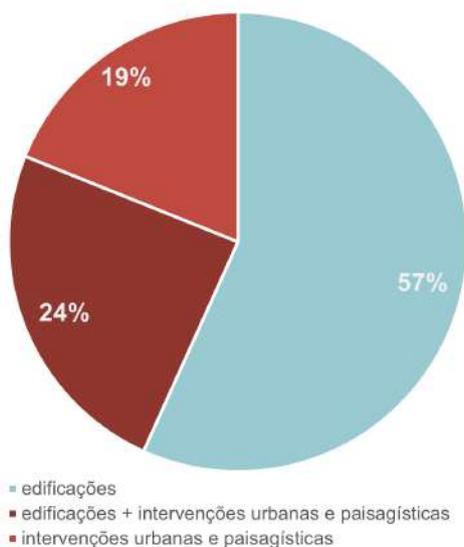


## Escalas de Intervenção

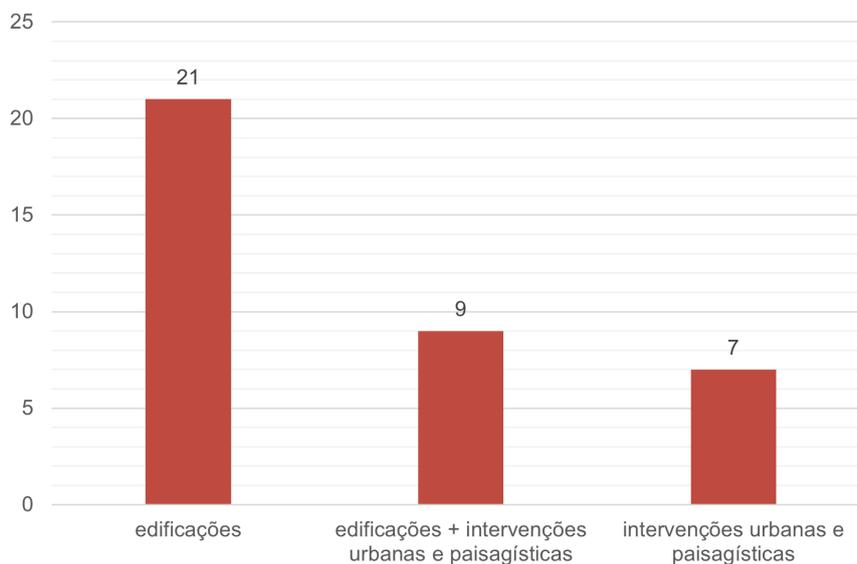
No que se refere à classificação por escala de intervenção, a maioria se enquadra em “edificações” (57%) (21) dos concursos, seguida de “edificações integradas a intervenções urbanas e paisagísticas”, com 24% (9) e “intervenções urbanas e paisagísticas”, com 19% (7). Tais dados demonstram grande disparidade da escala predominante em relação às demais.

Escala de Intervenção	Nº de concursos	%
Edificações	21	57%
Edificações + intervenções urbanas e paisagísticas	9	24%
Intervenções urbanas e paisagísticas	7	19%
Total	37	100,00%

Escala de intervenção



Escala de intervenção

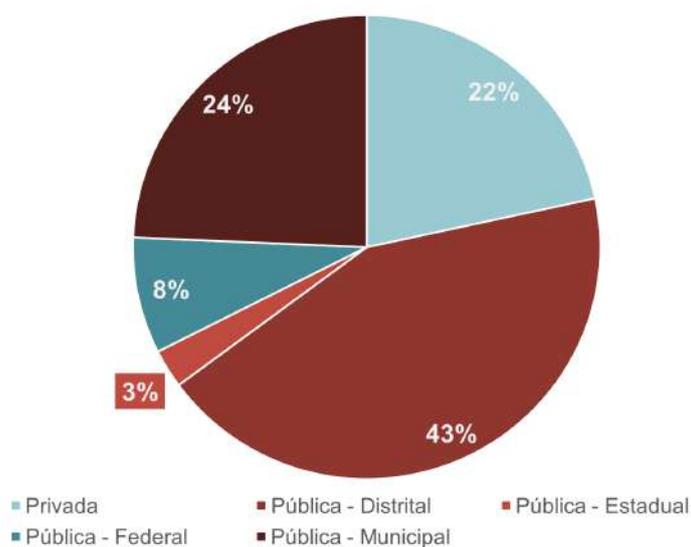


## Promoção

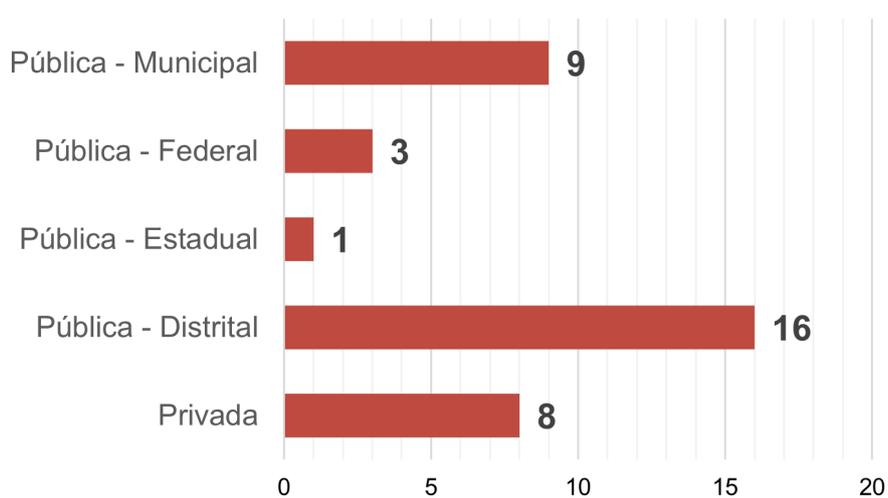
No que se refere à iniciativa de promoção, verificou-se que a “Administração Pública” foi responsável pela grande maioria dos concursos no Brasil, contabilizando 29 dos 37 lançados no período, ou seja, 78%. A promoção “Pública – Distrital” responsável por 16 desses (43%), seguida pela “Municipal”, com nove (24%), a “Federal”, com três (8%) e a “Estadual”, com um (3%). A Iniciativa “privada” foi autora de apenas oito (22%), dos quais prevalecem instituições sem fins lucrativos, parcerias público-privadas, parcerias com universidades ou de natureza similar, com exceção de duas empresas.

Rótulos de Linha	Contagem de Iniciativa	Contagem de Iniciativa2
Privada	8	21,62%
Pública - Distrital	16	43,24%
Pública - Estadual	1	2,70%
Pública - Federal	3	8,11%
Pública - Municipal	9	24,32%
Total	37	100,00%

Iniciativa público x privada



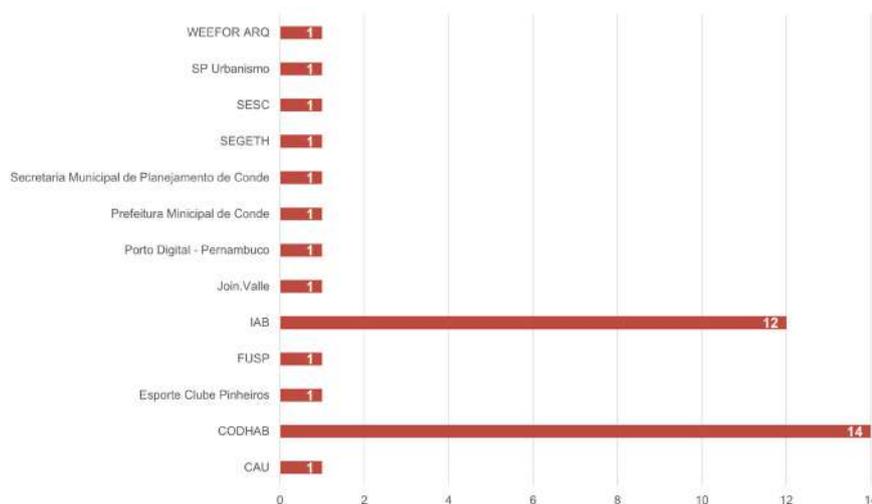
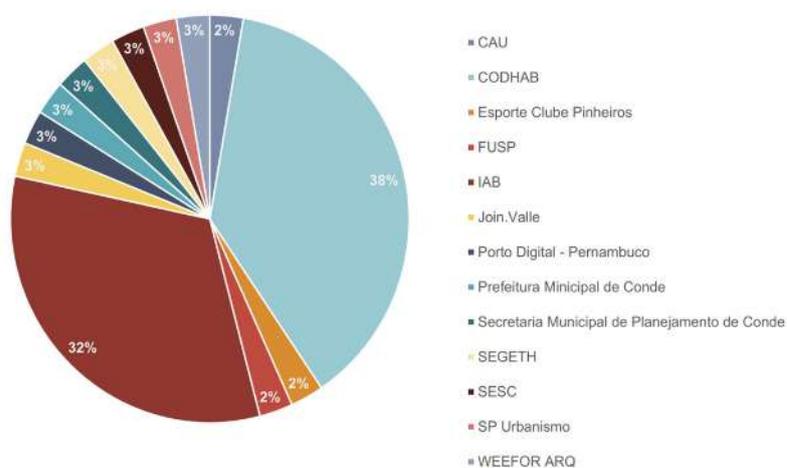
Iniciativa público x privada



## Organização

Em relação à organização destaca-se a CODHAB-DF com 38%, seguida pelo IAB, com 32%, que diferente dos anos anteriores, neste recorte temporal, não representa a maioria. Todas as outras instituições aqui documentadas organizaram apenas um concurso, ou seja, 3% cada.

Rótulos de Linha	Contagem de concurso	%
CAU	1	2,70%
CODHAB-DF	14	37,84%
Esporte Clube Pinheiros	1	2,70%
FUSP	1	2,70%
IAB	12	32,43%
Join.Valle	1	2,70%
Porto Digital - Pernambuco	1	2,70%
Prefeitura Municipal de Conde	1	2,70%
Secretaria Municipal de Planejamento de Conde	1	2,70%
SEGETH	1	2,70%
SESC	1	2,70%
SP Urbanismo	1	2,70%
WEEFOR ARQ	1	2,70%
<b>Total Geral</b>	<b>37</b>	<b>100,00%</b>





CONTEXTUALIZAÇÃO  
GEOGRÁFICA

E CULTURA DE CONCURSOS

Recorte temporal 2015-2019

### **Contextualização Geográfica e cultura de concursos**

Contexto de implantação.

Nº de concursos lançados por região x nº de arquitetos.

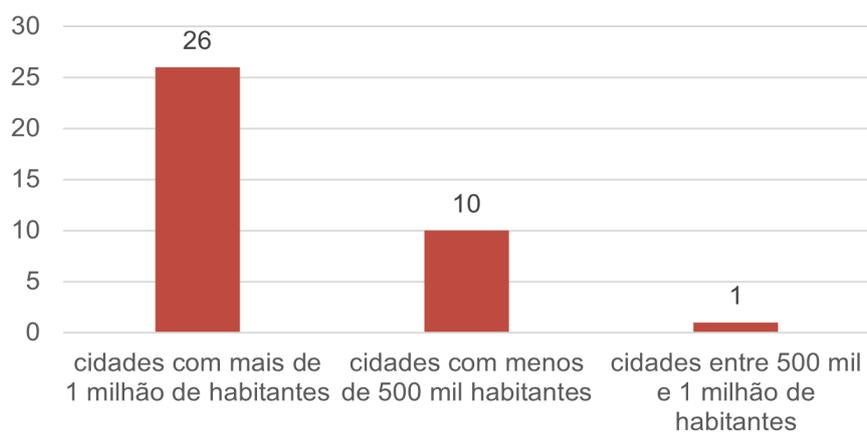
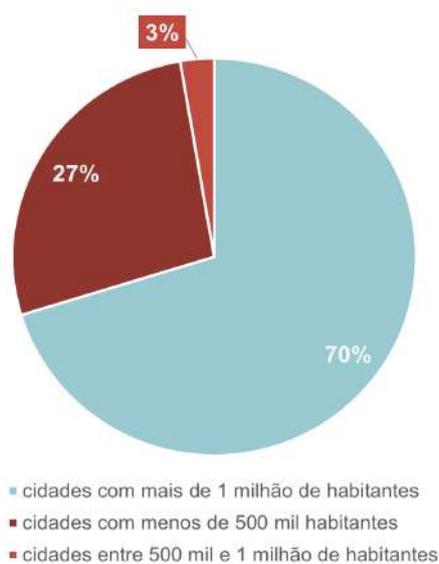
Nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos.

Equipe vencedora por estado/UF x nº de arquitetos.

## Contexto de implantação

Em relação ao contexto de implantação, mais da metade dos concursos são lançados e realizados em cidades com mais de 1 milhão de habitantes, que representam 70% (26), seguidas das cidades com menos de 500 mil habitantes, com 27% (10) e cidades entre 500 mil e 1 milhão, com 3% (1).

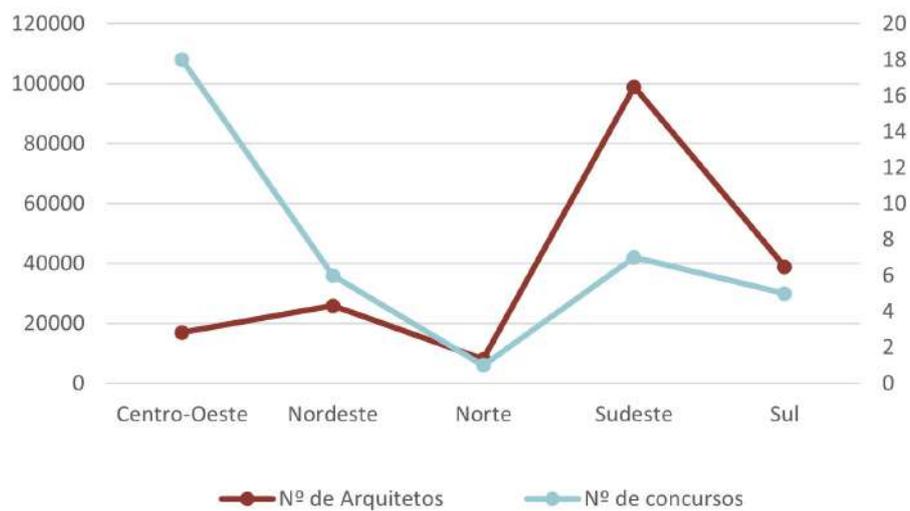
Contexto de implantação	Nº	%
Cidades com menos de 500 mil habitantes	10	27%
Cidades entre 500 mil e 1 milhão de habitantes	1	3%
Cidades com mais de 1 milhão de habitantes	26	70%
Total	37	100%



## Nº de concursos lançados por região x nº de arquitetos

A partir de uma comparação entre concursos lançados por regiões e número de profissionais destas, destaca-se o Centro-Oeste, com um número elevado de lançamentos de concursos em relação à quantidade de arquitetos presentes na região. Já a região Sudeste tem proporções inversas, com grande número de profissionais na área, porém com quantidade muito baixa de lançamentos de concursos.

Região	Nº de concursos	Nº de Arquitetos
Centro-Oeste	18	16951
Nordeste	6	25926
Norte	1	8084
Sudeste	7	99010
Sul	5	38986

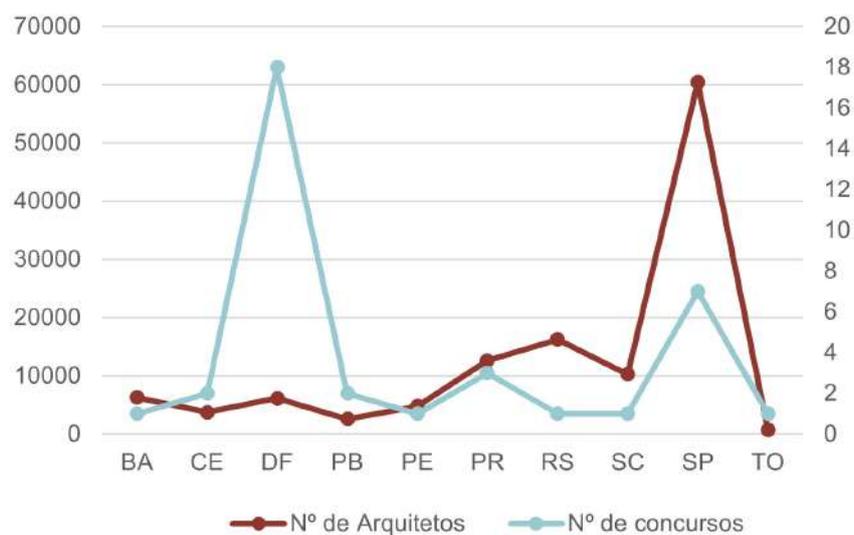


## nº de concursos lançados por estado/UF x nº de arquitetos

Esta análise detalha as observações do tópico anterior: da região para as unidades da federação. Em um comparativo entre o número de concursos lançados e o número de profissionais, observa-se que São Paulo e o do Distrito Federal, como no gráfico anterior, o estado de São Paulo apresenta grande número de profissionais e poucos lançamentos de concursos e o Distrito Federal o inverso.

Tais dados sugerem que no estado de São Paulo e na Região Sudeste – lugares onde existe a maior concentração de profissionais da área no Brasil – a expectativa por um número maior de concursos não se confirma, o que revela uma fragilidade da cultura de promoção de concursos no contexto.

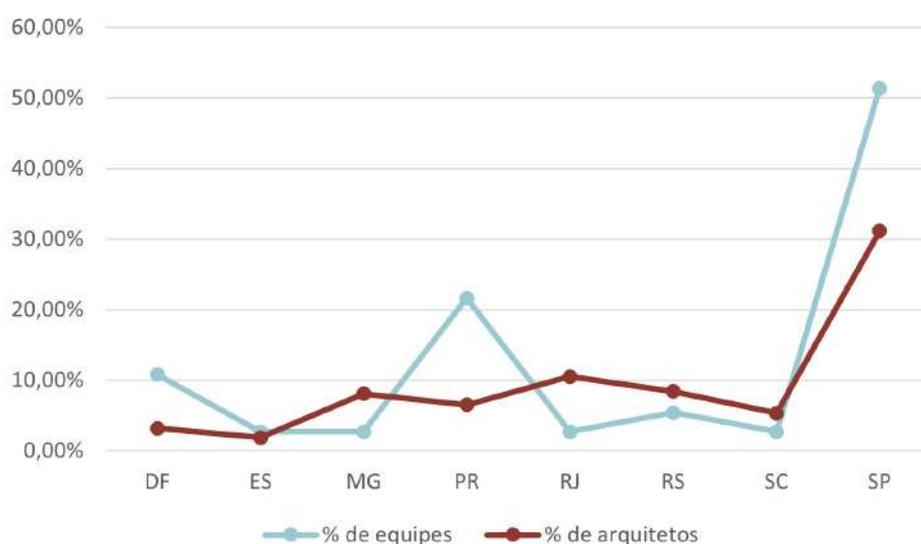
Estado/ UF	Nº de concursos	Nº de Arquitetos
BA	1	6291
CE	2	3732
DF	18	6142
PB	2	2587
PE	1	4804
PR	3	12623
RS	1	16287
SC	1	10297
SP	7	60430
TO	1	742



## Equipes vencedoras por estado/UF X nº de arquitetos

Em geral, espera-se que haja uma proporção entre o número de profissionais em determinada região ou UF e o número de equipes vencedoras em concursos. É o caso de São Paulo, que se destaca como a UF onde estão sediados 51% dos vencedores de concurso, pois é o estado que concentra 31% dos profissionais. Quando não há a referida correlação, observa-se que isso pode ser uma indicação da ausência ou presença de uma cultura de participação em concursos em determinado contexto. Esse é o caso do Paraná, ou do DF, que apesar de terem apenas 7% e 3% dos profissionais do país, comparecem com 22% e 11% das equipes vencedoras, respectivamente. Por outro lado, enquanto o Rio de Janeiro concentra 11% dos profissionais do país, apenas 3% dos vencedores de concursos são daquele estado, o que parece sugerir uma menor cultura de participação em concursos neste caso.

Estado/ UF	Nº de equipes	% de equipes	Nº de Arquitetos	% de arquitetos
DF	4	11%	6.142	3%
ES	1	3%	3.605	2%
MG	1	3%	15.719	8%
PR	8	22%	12.623	7%
RJ	1	3%	20.387	11%
RS	2	5%	16.287	8%
SC	1	3%	10.297	5%
SP	19	51%	60.430	31%



**O caso do GDF.**

Categoria de usos - DF.

Escalas de intervenção - DF.

## 2015-2019 - Distrito Federal

Em 2015, arquitetos que atuavam no IAB (DF e nacional) e defendiam, entre outras pautas de interesse coletivo, a promoção dos concursos de arquitetura, foram convidados para assumir importantes funções na gestão do Distrito Federal: Thiago Andrade (então presidente do IAB/DF) assumiu a Secretaria de Gestão do Território e Habitação - SEGETH e Gilson Paranhos (ex presidente da Direção Nacional do IAB) assumiu a Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF, vinculada à SEGETH).

Durante esse período foram realizados 18 concursos no DF. A CODHAB-DF organizou 13 concursos e a SEGETH realizou 01 concurso nacional. Em resumo, as duas instituições promoveram em conjunto mais concursos do que a média anual histórica do país. Entre 2016 e 2018 a CODHAB realizou diversos concursos para habitação e urbanização de áreas de baixa renda, além de equipamentos comunitários, como escolas e postos de saúde.

Vale destacar nesse contexto o concurso para o Master Plan Orla do Lago Paranoá, promovido pela SEGETH realizado em dezembro de 2017, como parte de uma política mais ampla relacionada à desobstrução e apropriação pública de áreas ocupadas ilegalmente por indivíduos e instituições privadas (em especial por moradores de alto poder aquisitivo, residentes às margens do lago). Trata-se de um exemplo de como o projeto em arquitetura, urbanismo e paisagismo, debatido em um contexto democrático como o concurso, tem papel fundamental na construção de uma política pública participativa sobre a gestão do território.

A gestão do território e da habitação no DF, coordenada entre 2016 e 2018 por arquitetos provenientes do IAB, foi interrompida em 2018. Quando comparados os números de concursos realizados em 2016 e em 2019 no DF, fica evidente a diferença de postura entre os gestores. Em 2016 foram promovidos 10 concursos. Em 2019, apenas um. Em 2016 a CODHAB-DF era presidida por um arquiteto e urbanista com histórico na atuação em defesa de concursos públicos de projeto. Em fevereiro de 2020, a presidência da instituição era ocupada por um militar aposentado.

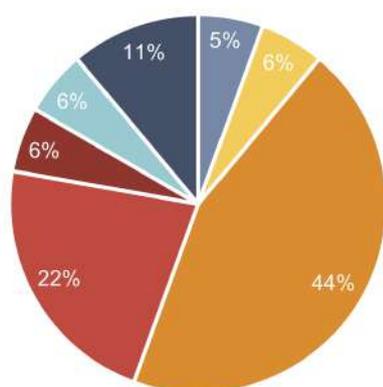
## Categorias de usos - DF

O Distrito Federal foi a unidade da federação que mais lançou concursos de projeto entre 2015 e 2019 no Brasil, com uma disparidade acentuada em relação aos outros colocados, representando 48%.

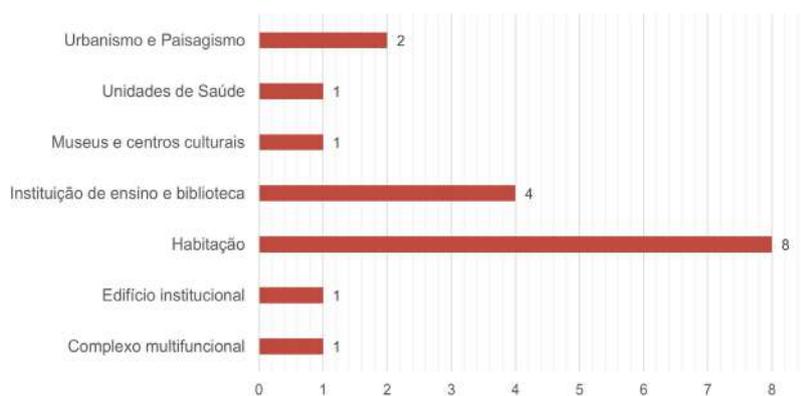
Em relação as equipes vencedoras o DF representa o terceiro lugar, com 11%. Sendo São Paulo o estado com maior percentual, com 51%, seguido pelo Paraná com 21%.

O tema de maior destaque foi o de Habitação, com 44%, o que se deve a natureza da instituição promotora (CODHAB-DF). Em segundo lugar, por instituições de ensino e biblioteca, com 22% e na sequência urbanismo e paisagismo, com 11%. Os demais temas representam 5%, ou seja, um concurso por categoria.

Tema	Nº	%
Complexo multifuncional	1	6%
Edifício institucional	1	6%
Habitação	8	44%
Instituição de ensino e biblioteca	4	22%
Museus e centros culturais	1	6%
Unidades de Saúde	1	6%
Urbanismo e Paisagismo	2	11%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>



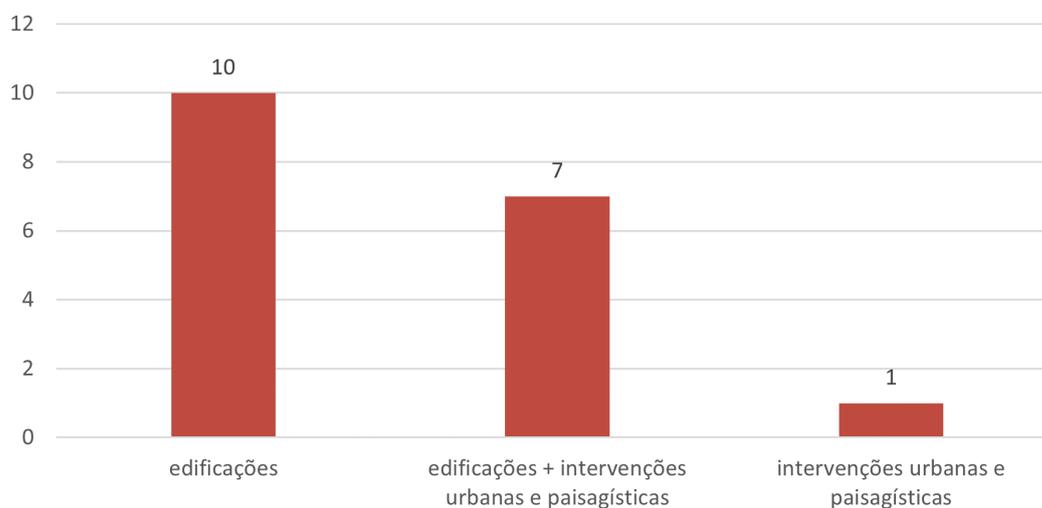
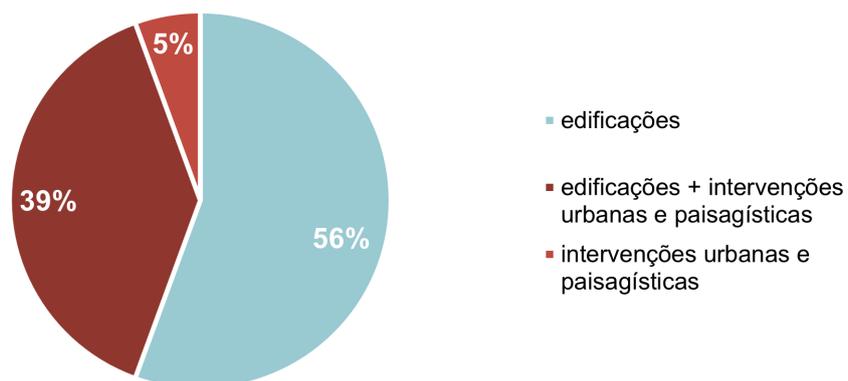
- Complexo multifuncional
- Edifício institucional
- Habitação
- Instituição de ensino e biblioteca
- Museus e centros culturais
- Unidades de Saúde
- Urbanismo e Paisagismo



## Escalas de intervenção

Em relação as escalas de intervenção destacam-se as edificações, com 56%. Seguido por edificações mais intervenções urbanas e paisagísticas, com 39% e intervenções urbanas e paisagísticas, com 6%.

Categoria de Uso	Nº de concursos	%
edificações	10	56%
edificações + intervenções urbanas e paisagísticas	7	39%
intervenções urbanas e paisagísticas	1	6%
Total	18	100,00%



# PERFIL DAS EQUIPES VENCEDORAS

Recorte temporal 2015-2019

### Perfil das equipes vencedoras

Tempo médio de formação.

Perfil geracional dos arquitetos.

Colaboração entre gerações.

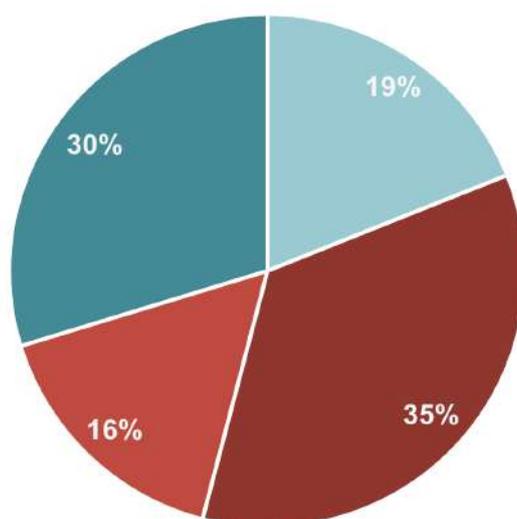
Número médio de integrantes

## Tempo médio de formação

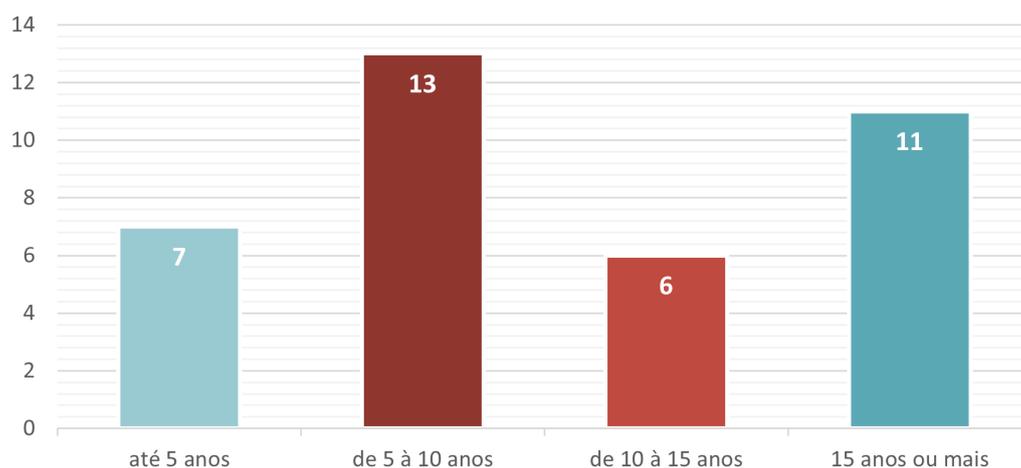
No que se refere às equipes vencedoras, percebe-se maior participação de arquitetos mais jovens, com tempo de formado de 12,5 anos em média. Esta análise foi feita em relação ao tempo de formado de cada autor, a partir do parâmetro de que o profissional com até 15 anos de formação é considerado "jovem arquiteto". Trata-se de profissionais com entorno de 40 anos de idade, referência adotada pelos Institutos de arquitetos do Brasil no "Prêmio Jovens Arquitetos". Considerando a idade média de formação de 25 anos de idade o profissional com 15 anos de formado se enquadra nessa faixa etária.

A partir de um diagnóstico do tempo médio de formação de cada uma das 37 equipes elucida-se que a maior parte destas apresenta a média de 5 a 10 anos de formado, representando 35% do total, seguido por 15 anos ou mais, com 27%. Já as equipes de até 5 anos e de 10 a 15 anos ambas com 19%.

Tempo de Formado	Nº de equipes
até 5 anos	7
de 5 a 10 anos	13
de 10 a 15 anos	6
15 anos ou mais	11
Total	37



■ até 5 anos ■ de 5 a 10 anos ■ de 10 a 15 anos ■ 15 anos ou mais

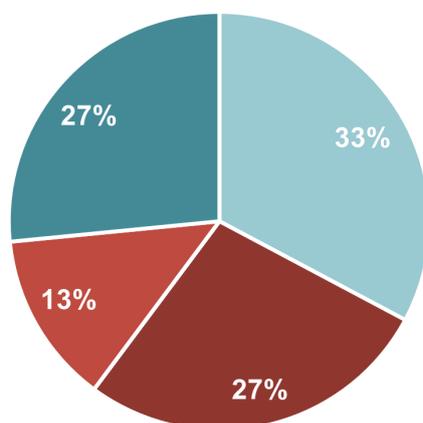


## Perfil geracional dos arquitetos

Observa-se que dos 128 arquitetos participantes quase a metade deles tem até 5 anos de formação, representando 33% (42), seguido por os de 5 a 10 anos, com 27% (35), depois os de 15 ou mais, também com 27% (34) e os de 10 a 15 anos, com 13% (17). Em resumo 74% (94) dos participantes são jovens arquitetos.

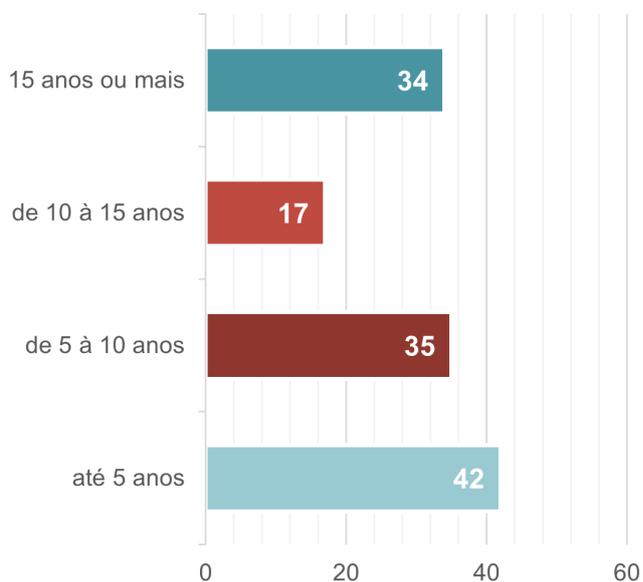
Tempo de formado	Nº de Arquitetos	Nº de equipes
até 5 anos	42	22
de 5 à 10 anos	35	17
de 10 à 15 anos	17	12
15 anos ou mais	34	22
Total	128	37

Nº de Arquitetos



■ até 5 anos ■ de 5 à 10 anos ■ de 10 à 15 anos ■ 15 anos ou mais

Nº de Arquitetos

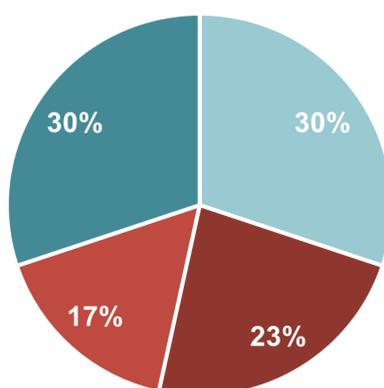


## Perfil geracional das equipes

No que se refere à presença das gerações nas equipes conclui-se que participam da maioria delas os arquitetos com até 5 anos de formados, com 32% (22), seguidos dos de 15 anos ou mais, com 29% (22), os de 5 a 10, com 23% (17) e os de 10 a 15, com 16% (12).

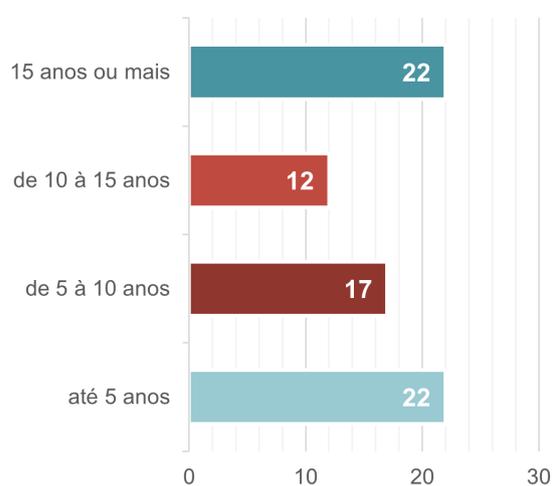
Tempo de formado	Nº de Arquitetos	Nº de equipes
até 5 anos	42	22
de 5 à 10 anos	35	17
de 10 à 15 anos	17	12
15 anos ou mais	34	22
Total	128	37

Nº de equipes



■ até 5 anos ■ de 5 à 10 anos ■ de 10 à 15 anos ■ 15 anos ou mais

Nº de equipes

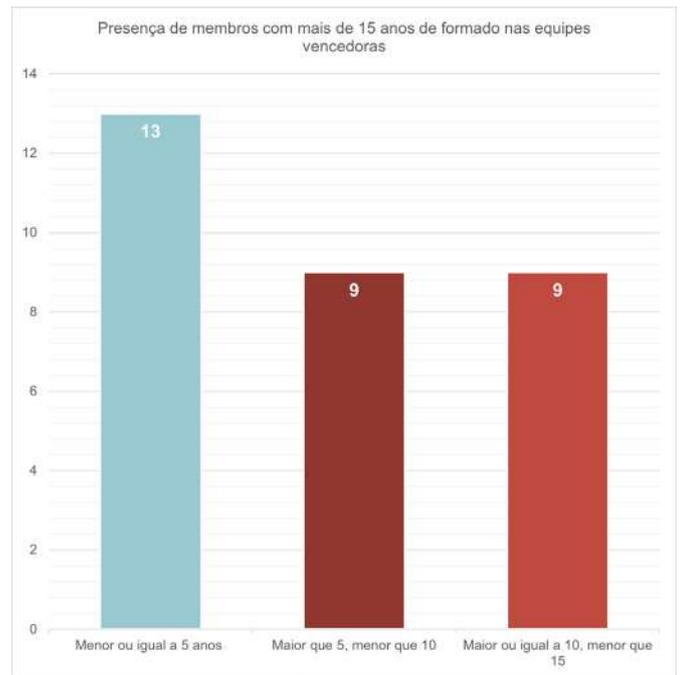


■ até 5 anos ■ de 5 à 10 anos ■ de 10 à 15 anos ■ 15 anos ou mais

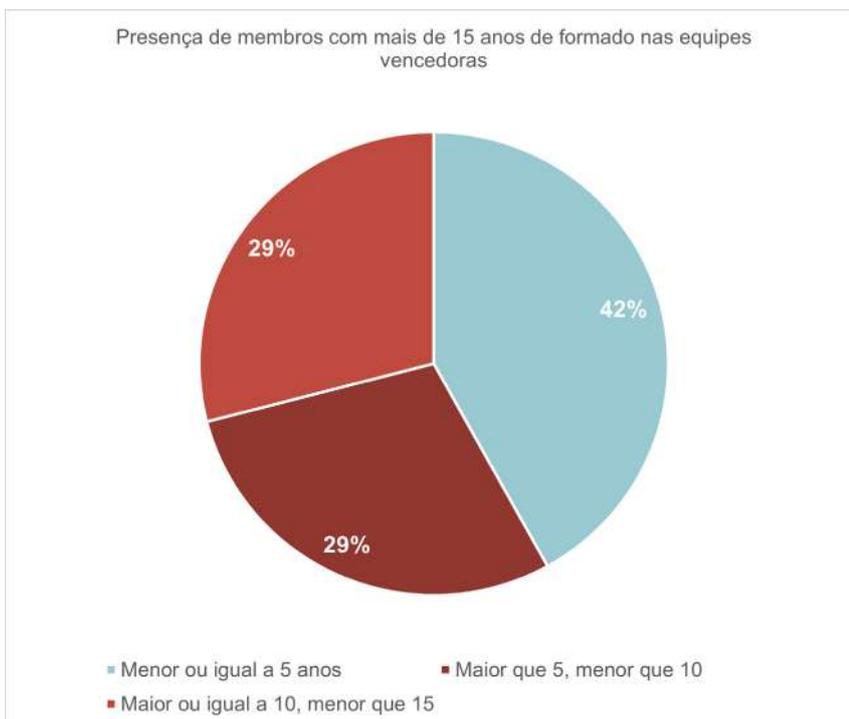
## Colaboração entre gerações

A partir de um comparativo entre número de arquitetos e número de equipes, considerando os perfis geracionais, percebe-se que mesmo que o número de arquitetos com 15 anos ou mais de formação seja menor do que os de 5 a 10, eles fazem parte de mais equipes, sendo 21 e 17 respectivamente. Ou seja, eles estão mais disseminados e mesmo que os de até 5 anos estejam presentes em mais equipes, proporcionalmente estão mais aglomerados do que os arquitetos mais experientes.

Com um olhar aproximado das relações estabelecidas entre gerações nas equipes vencedoras, percebe-se que os arquitetos mais experientes estão mais presentes nas equipes mais jovens, com 43%. Conforme os “jovens arquitetos” vão se tornando mais experientes (entre 5 e 10 e 10 e 15 anos) a presença dos arquitetos mais experientes vai diminuindo. O que coloca, que neste recorte temporal, a colaboração entre gerações ocorre principalmente entre recém-formados, ou arquitetos muito jovens, com arquitetos mais experientes.



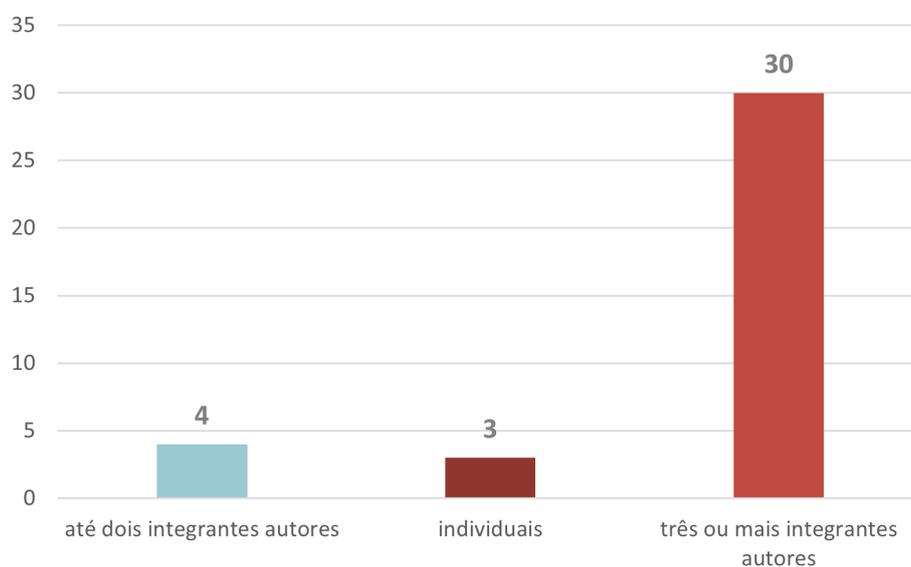
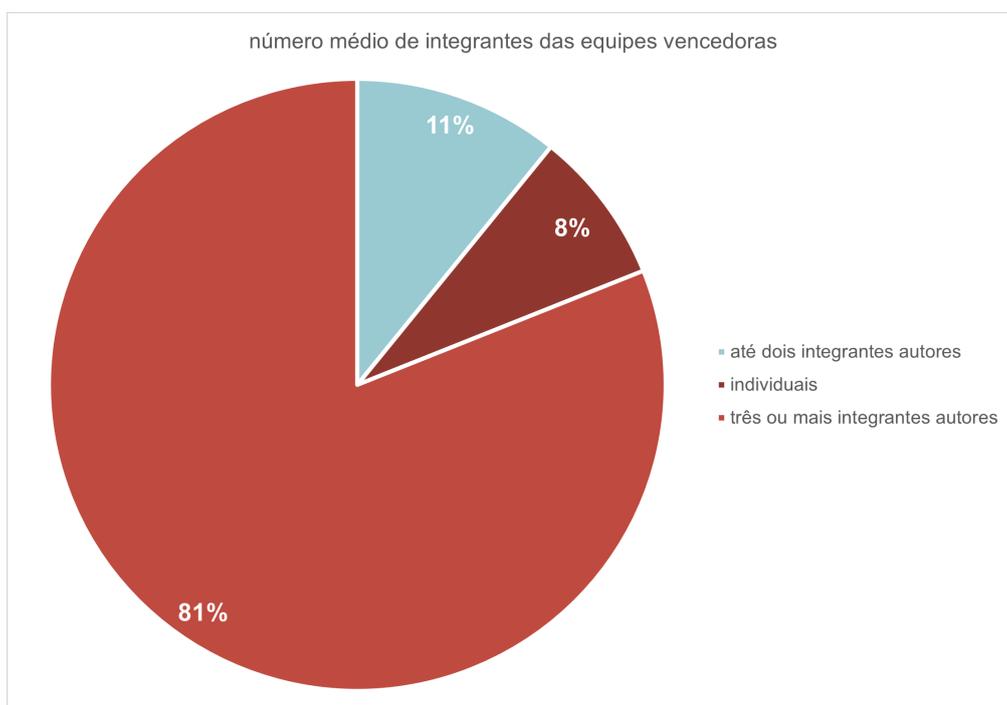
Tempo de formado	maior que 15
Menor ou igual a 5 anos ( $\leq 5$ )	13
Maior que 5, menor que 10 ( $>5, <10$ )	9
Maior ou igual a 10, menor que 15 ( $\geq 10, <15$ )	9
Maior que 15 ( $>15$ )	4



## Número médio de integrantes

As equipes são compostas, em sua grande maioria, por grupos de três ou mais integrantes autores, que representam 81%. As equipes individuais representam 11% e as de apenas dois integrantes representam 8%. Os números reforçam o quanto os concursos são atividades colaborativas, assim como a profissão.

Equipes	Nº de participantes	%
Individuais	3	8
Até dois integrantes autores	4	11
Três ou mais integrantes autores	30	81
Total	37	100





# PRESENÇA DAS MULHERES

Recorte temporal 2015-2019

### **Presença das mulheres**

Presença de arquitetas.

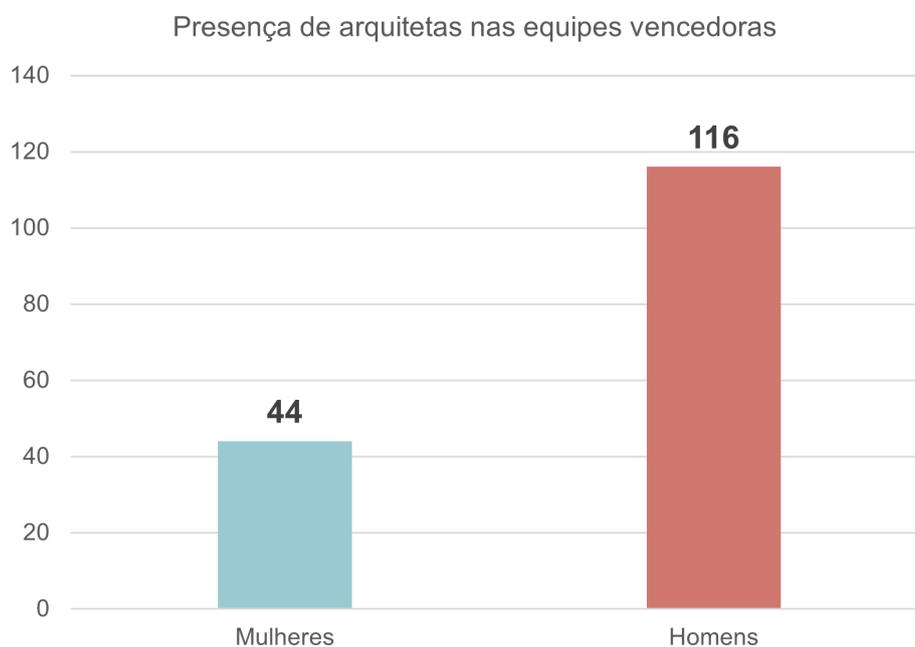
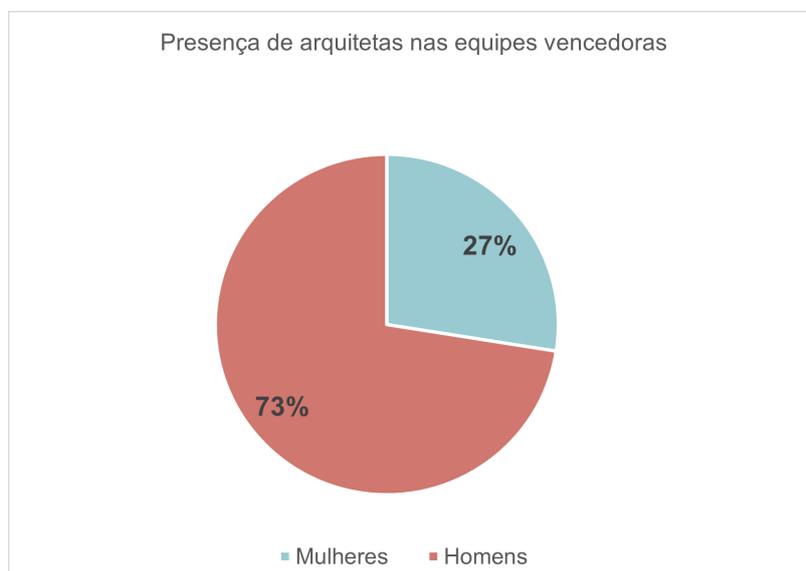
Equipes compostas apenas por mulheres.

Perfil geracional das arquitetas.

## Comparação entre a presença de mulheres e de homens nos concursos de arquitetura realizados no Brasil no recorte temporal de 2015 a 2019

No âmbito da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil temos 190.157 profissionais (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2019). Desse total, a maioria é de mulheres, 63%, sendo 37% homens. Fazendo uma comparação direta entre o número de profissionais da área com o número de arquitetas e arquitetos que participaram dos concursos, percebemos que essa relação é inversamente proporcional, ou seja, a maioria dos participantes é do sexo masculino. Se fizermos a relação com o diagnóstico do Conselho de Arquitetura e Urbanismo sobre a participação destes em concursos públicos de projeto percebemos que 53% dos homens responderam participar, já as mulheres, apenas 29%. “[...] nota-se uma dificuldade de a mulher se impor e de receber os devidos méritos de autoria por projetos em equipe.” O mesmo acontece quando vemos a participação das mulheres nas equipes vencedoras, das 37 equipes apenas 25 delas contêm mulheres em meio aos seus integrantes, ou seja, 68%. Já os homens estão presentes em 36 equipes, sendo assim, 97%. Apenas uma equipe vencedora é composta somente por mulheres enquanto 12 delas são formadas exclusivamente por homens. Uma das mulheres entrevistadas pelo CAU coloca “Na maioria dos concursos ou equipes de projeto a autoria é dada a homens.”.

Gênero	Nº de arquitetos	%
Mulheres	44	28%
Homens	116	73%
Total	160	100,00%



Atualmente, como um tema muito discutido, pesquisas e estudos demonstram uma desigualdade de gênero enraizada no mercado de trabalho tendo como narrativa que se sobressai neste meio, e em muitos outros, a dos homens brancos. Como coloca a arquiteta sul-africana Khensani de Klerk em seu artigo *O peixe morto na praia: o problema das “mulheres na arquitetura”*:

“Os números diferem de acordo com os países, mas desequilíbrios semelhantes estão sempre presentes nos EUA, no Reino Unido e na EU. [...] No entanto, um fio comum parece ser a diferença de renda entre homens e mulheres que ocupam a mesma posição.”

Segundo o levantamento do CAU:

“as arquitetas e urbanistas são em média tão qualificadas quanto os homens, mas têm salários ou rendimentos inferiores. [...] quanto maior a faixa salarial, maior a superioridade dos percentuais masculinos em relação aos femininos. [...] os homens brancos são os mais bem remunerados e as mulheres negras correspondem ao grupo com os menores rendimentos.”

Ainda não se sabe ao certo a raiz dessas desigualdades e as políticas e ações para combatê-las são muito recentes. Pode-se dizer que esta semente é plantada desde a academia onde as maiores referências, tanto bibliográficas como de projetos, são de arquitetos homens, brancos e europeus.

“embora as mulheres representem quase metade dos estudantes de arquitetura, as mulheres estão subrepresentadas entre os docentes, especialmente nas áreas de projeto. Os currículos do curso também favorecem bastante o trabalho e os escritos dos homens, deixando os alunos com a impressão de que as mulheres contribuíram pouco”. (Stratigakos, 2016. Apud. KLERKM, Khensani).”

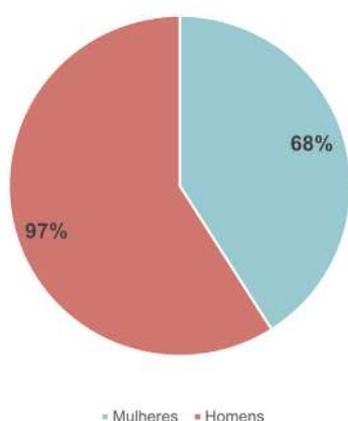
O estereótipo do tal “arquiteto padrão” – branco sentado em sua cadeira modernista fumando um cigarro – vem junto com o estilo internacional, sua standardização do homem e sua política fascista e higienista. As mulheres sempre estiveram presentes e desempenharam papéis importantíssimos, porém, na maioria das vezes, invisíveis. Existem inúmeros livros que destacam a participação das mulheres na profissão, mas quase nenhum ou nenhum fazem parte dos currículos acadêmicos.

“[...] currículos acadêmicos permanecem sem transformação, com pitadas de alguns educadores progressistas que, infelizmente, não é suficiente. [...] A cultura iniciada durante a experiência educacional. É a normalização da arquitetura como uma carreira dominada ou definida pelos homens.”

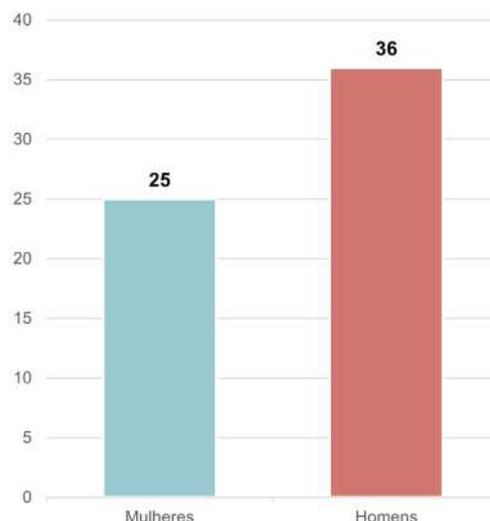
A falta de representatividade é imensa para as mulheres, não só na arquitetura, mas em toda a sociedade, que é extremamente machista e patriarcal.

Gênero	Nº de equipes	% de equipes
Mulheres	25	68%
Homens	36	97%
Total	37	100%

Percentual de equipes vencedoras com participação de arquitetas



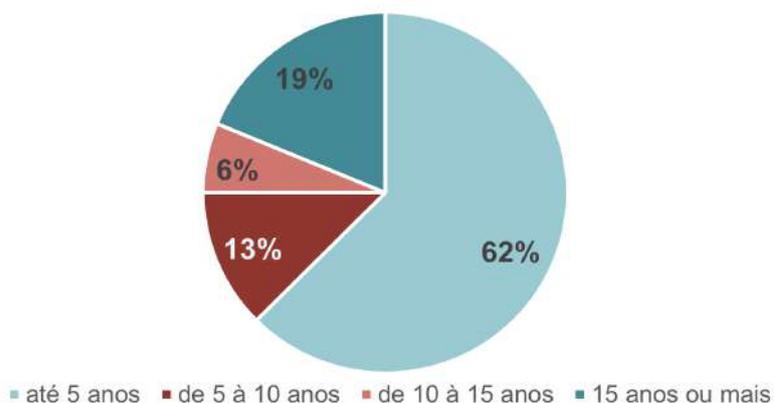
Percentual de equipes vencedoras com participação de arquitetas



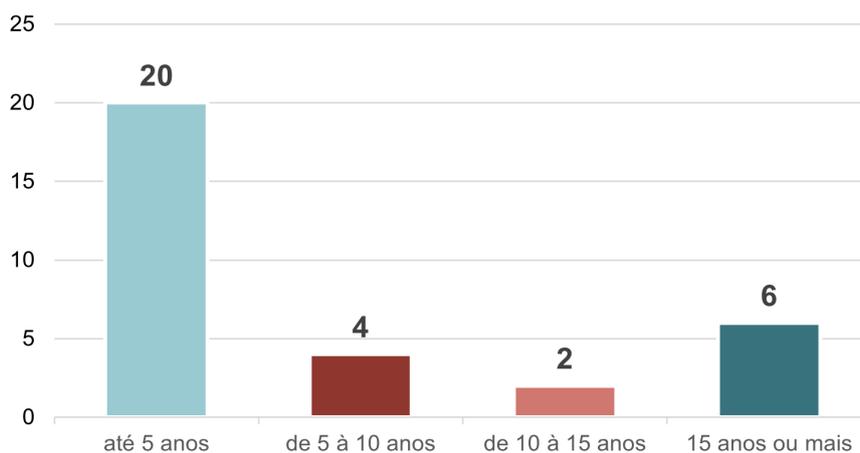
A questão de gêneros foi abordada no sentido binário, homens e mulheres, considerando o sexo biológico dos integrantes das equipes. Por não ser o tema principal dessa pesquisa não nos coube, neste momento, um detalhamento maior deste levantamento, que exige uma análise cautelosa de cada caso. Porém cabe e é muito válido o aprofundamento nas questões de identidade de gênero, orientação sexual e raça nos concursos de arquitetura no Brasil como sugestão de tema de uma outra pesquisa.

"a representatividade  
é vital  
sem ela a borboleta  
rodeada por um grupo de mariposas  
incapaz de ver a si mesma  
vai continuar tentando ser mariposa"  
Rupi Kaur

Perfil geracional das Arquitetas



Perfil geracional das Arquitetas





# O CONCURSO

O caso do Sol nascente

Esta análise é referente ao concurso “Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Trecho 2”, organizado e promovido pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF) em 2017. O terreno do concurso está localizado no setor habitacional sol nascente, trecho 02, quadra 105, na região administrativa de Ceilândia – RA IX, situada no extremo oeste do Distrito Federal. O concurso teve como objetivo a seleção das melhores propostas para edifícios de uso misto, com unidades habitacionais e comércio.

Trata-se de proposta de edificações e de reurbanização da área referente a doze conjuntos situados no Trecho 02 (06 módulos em L, definidos no termo de referência do concurso).

O objeto do concurso foi o desenvolvimento de um dos módulos em “L” (que corresponde a 02 conjuntos e uma área intersticial) e o respectivo paisagismo e urbanização. O termo de referência estabelecia que a tipologia era livre, desde que limitada a quatro pavimentos, sem elevadores, e que a solução deveria ser replicada para os demais módulos. Era obrigatório o uso comercial no térreo e a previsão de unidades de dois e três quartos. Pelo menos 5% das unidades deveriam ser acessíveis. Apesar da liberdade criativa, alguns parâmetros básicos deveriam ser seguidos em relação ao dimensionamento mínimo das unidades e às especificações técnicas do programa de financiamento no qual o projeto estava inserido: Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV).



Análise dos projetos premiados.

Concurso:

Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Trecho 2

Local: Setor Habitacional, Ceilândia, DF

Ano do concurso: 2017

Promoção e Organização:

Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF)

Tipo de concurso:

Nacional, aberto, em uma etapa, envio em meio eletrônico.



# MATRIZ ANALÍTICA

O caso do Sol nascente

Em *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX* (2011), Montaner, Muxí e Falagán apresentam um sistema de análises e métodos de projeto para a habitação contemporânea. Os autores abordam a habitação como uma "encruzilhada da complexidade atual, na qual convergem, por meio da arquitetura, questões urbanas, sociais, tecnológicas e ambientais".

Trata-se de um sistema de avaliação integral, baseado em quatro conceitos considerados essenciais: sociedade, cidade, tecnologia e recursos. Tais abordagens sintetizam as características básicas que devem definir a habitação contemporânea e são complementadas por outras quatro perspectivas, acrescentadas posteriormente à metodologia: gestão, reabilitação, tipologia e percepção.

Apesar de se tratar de um método pensado para projetos realizados na Espanha, os autores defendem que as ferramentas analíticas podem ser aplicadas em outros contextos geográficos, culturais e sociais, com as devidas adaptações. Este é o exercício proposto neste trabalho.

Não se trata de um "receituário de soluções definitivas", conforme alertam os autores, mas de um instrumento que estimule a postura crítica sobre o projeto de habitação, "que leve em conta a história e a memória coletiva, que considere a diversidade do presente, que enriqueça as estruturas urbanas, que favoreça o direito à moradia e a igualdade de gênero, que potencialize a busca de soluções arquitetônicas cada vez mais sustentáveis." Em síntese, uma ferramenta que promova uma perspectiva qualitativa da habitação social.

Para esta pesquisa foram utilizados dois tópicos da matriz para o ensaio analítico: Sociedade e Cidade.

O conceito "Sociedade" aborda a adaptabilidade da habitação à diversidade de estruturas familiares e à evolução de cada uma delas; a necessidade de construir um ambiente doméstico com o mínimo de hierarquias e a disponibilidade de espaço para o trabalho no ambiente doméstico.

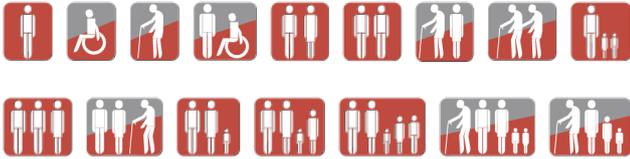
No que se refere ao conceito "Cidade", são destacados os seguintes tópicos: capacidade do projeto de habitação coletiva de se relacionar com o contexto urbano em que está inserido; combinação do uso residencial com outros usos; soluções arquitetônicas que estimulem a relação entre o espaço de habitação e o espaço público.

# PRIMEIRO LUGAR

O caso do Sol nascente

# Sociedade

## Adequação aos grupos familiares



## Acessibilidade



## Desierarquização



## Espaços de trabalho

- possibilidade de local de trabalho
- local de trabalho com acesso direto
- espaço para estudo e trabalho remoto

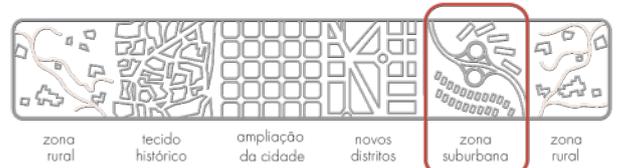
## Espaços de armazenamento

- despensa
- guarda roupas
- serviço
- cozinha



# Cidade

## Situação Urbana



## Proximidade de serviços



## Relação com o espaço público

- adaptação ao terreno
- visuais
- atividades compartilhadas em planta baixa
- geração de espaços públicos
- relação com contexto de inserção

## Coexistência de usos



## Espaços intermediários



## PRIMEIRO LUGAR

**Autores:** Fábio Domingos Batista, Igor Costa Spanger, Luciano Suski, Moacir Zancopé Junior e Suzanna de Geus.

**Colaboradores:** Aline Proença Train, Rodolfo Luís Scuciato, Simone R. N. Born Hoppe

**Concurso:** Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Trecho 2

**Local:** Setor Habitacional, Ceilândia, DF

**Ano do concurso:** 2017

**Tipo de concurso:** Nacional aberto.

**Promoção e Organização:** Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF)

### Sociedade

Em relação ao tópico “adequação aos grupos familiares”, percebe-se que o projeto do primeiro lugar possui diversas tipologias de apartamentos, possibilitando que várias composições de grupos familiares habitem o edifício. Dentre essas tipologias existem três plantas distintas para os apartamentos de dois quartos, incluindo uma acessível para pessoas com deficiências e uma planta de três quartos. A respeito da “acessibilidade”, nota-se que as unidades acessíveis de apartamentos estão alocadas no térreo, uma vez que o conjunto – conforme as bases do concurso – não prevê uso de elevadores. São também previstas, conforme define a legislação, vagas para pessoas com deficiência e percursos acessíveis.

Sobre a “desierarquização” observa-se que todas as tipologias de habitação possuem instalação sanitária que permitem o uso pelos diversos integrantes da família, ou por visitantes, de forma equitativa, portanto não exclusivas de um ou outro grupo de usuários. Não há, por exemplo, o conceito de “quarto de serviço” ou “banheiro de serviço”, elementos infelizmente ainda presentes na tipologia habitacional brasileira, como reminiscência da cultura escravocrata e racista. Todos os quartos possuem tamanhos parecidos. As salas de jantar e estar são conjugadas e separadas do ambiente da cozinha, com exceção de uma das tipologias de plantas onde a cozinha, a sala de jantar e a de estar se integram.

Acerca dos espaços de trabalho, é possível identificar em todas as plantas a possibilidade de acesso direto à sala de jantar, que também pode ser utilizada para trabalho, tanto presencial como remoto. Alguns quartos também permitem as adaptações supracitadas.

Todas as tipologias possuem espaços de armazenamento abrangentes, como: despensas, guarda-roupas, armários de serviços e para a cozinha.

### Cidade

No que se refere ao conceito “Cidade”, a primeira questão abordada é a contextualização urbana. No caso em análise, trata-se de projeto para uma região periférica: o Sol Nascente está localizado a mais de trinta quilômetros da região central da metrópole, o Plano Piloto de Brasília. Nas proximidades da área do projeto existem poucos serviços a distâncias caminháveis: pontos de ônibus (100 metros), mercados e mercearias (200 metros), creches e restaurantes (500 metros).

Sobre a “relação com o espaço público”, nota-se o cuidado em gerar diversos espaços coletivos e visuais de qualidade, respeitando o contexto de implantação e trazendo melhorias urbanas para o local.

Em relação à coexistência de usos, identifica-se uma grande diversidade: praças, bancos, mesas, parquinhos, estacionamentos para bicicletas e carros, comércio, ciclovias, grandes calçadas e abundância de massa verde.

A respeito dos “espaços intermediários”, pode-se notar que a transição dos espaços privados para o público é composta por sacadas, pátios e espaços de circulação e convivência.





PLANTA TÉRREO  
1/500



- 01 praça
- 02 pátio descoberto
- 03 unidades comerciais
- 04 estacionamento
- 05 paraciclo (bicicletas)
- 06 parquinho
- 07 área condominial
- 08 previsão elevador



CORTE AA  
1/500

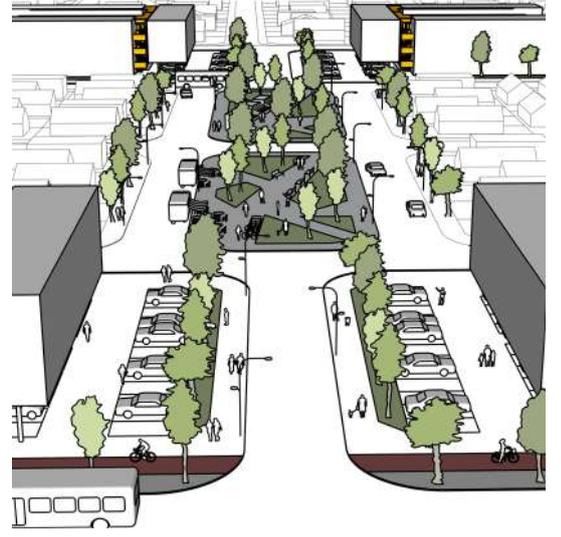


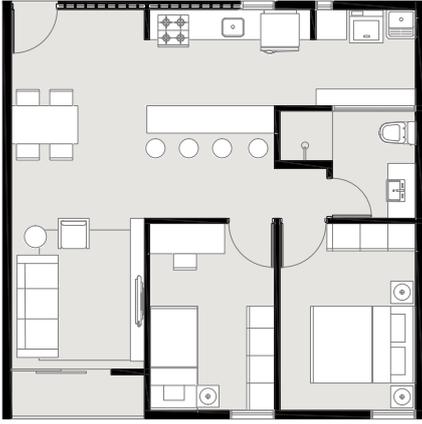


PLANTA PAVIMENTO TIPO  
1/500

01 hall de acesso  
02 lazer descoberto | parquinho  
03 previsão de elevador



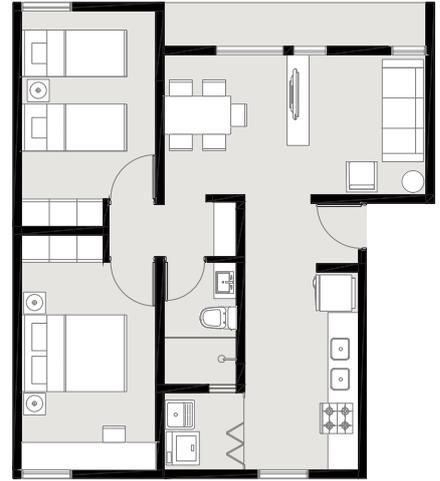




APTO 02 QUARTOS

1/200 0 2 4m

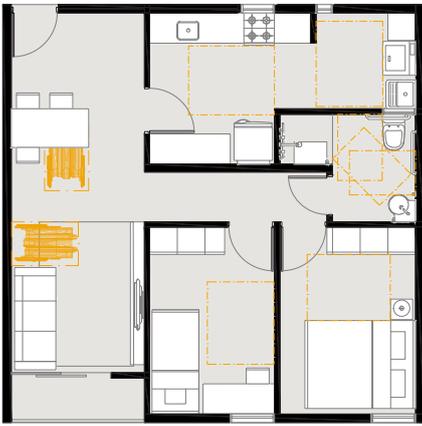
T1 AC: 54,70m<sup>2</sup>  
AU: 48,60m<sup>2</sup>



APTO 02 QUARTOS

1/200 0 2 4m

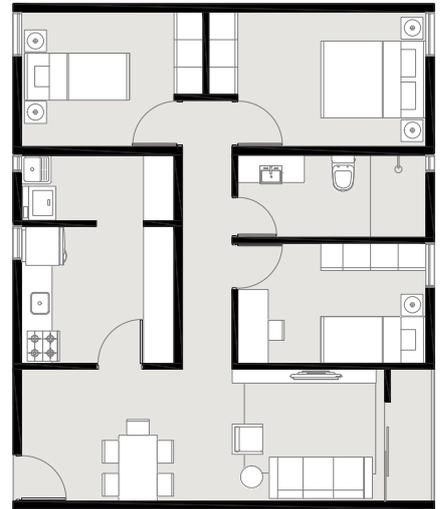
T2 AC: 54,48m<sup>2</sup>  
AU: 47,65m<sup>2</sup>



APTO 02 QUARTOS

1/200 0 2 4m

T1 Pcd AC: 54,70m<sup>2</sup>  
AU: 48,60m<sup>2</sup>



APTO 03 QUARTOS

1/200 0 2 4m

T3 AC: 66,62m<sup>2</sup>  
AU: 59,21m<sup>2</sup>





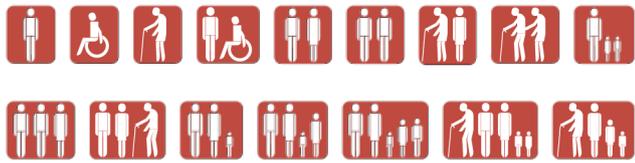
# MENÇÃO HONROSA

O caso do Sol nascente

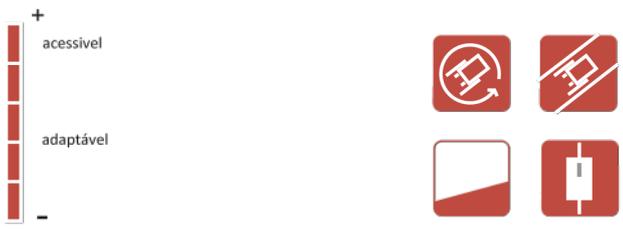
# Edifícios de uso misto no Sol Nascente . CODHAB-DF . primeiro lugar

## Sociedade

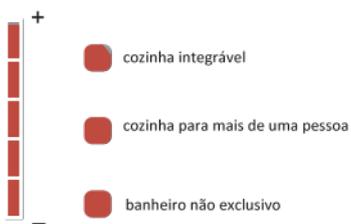
### Adequação aos grupos familiares



### Acessibilidade



### Desierarquização



### Espaços de trabalho

- possibilidade de local de trabalho
- local de trabalho com acesso direto
- espaço para estudo e trabalho remoto

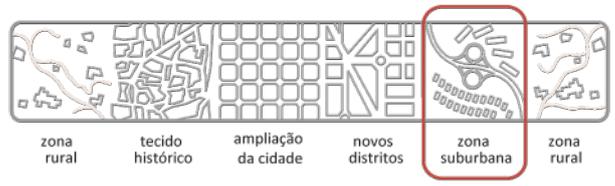
### Espaços de armazenamento

- despensa
- guarda roupas
- serviço
- cozinha



## Cidade

### Situação Urbana



### Proximidade de serviços



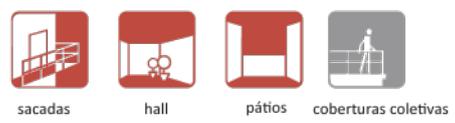
### Relação com o espaço público

- adaptação ao terreno
- visuais
- atividades compartilhadas em planta baixa
- geração de espaços públicos
- relação com contexto de inserção

### Coexistência de usos



### Espaços intermediários



## MENÇÃO HONROSA

**Autores e colaboradores:** Hector Viglicca Gani, Luciene Quel, Ronald Werner Fiedler, Neli Shimizu, Luiz Marino Kuller, Carolina Passos, Jéssica D'Elías, Kelly Bozzato.

**Concurso:** Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Trecho 2

**Local:** Setor Habitacional, Ceilândia, DF

**Ano do concurso:** 2017

**Tipo de concurso:** Nacional aberto.

**Promoção e Organização:** Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB/DF)

### Sociedade

No que se refere ao tópico “adequação aos grupos familiares”, o projeto de menção honrosa possui quatro tipos de plantas, sendo todas elas acessíveis. Três possuem dois dormitórios e uma possui três. Podendo abrigar e se adaptar a grupos familiares diversos.

Em relação a “acessibilidade”, o projeto é inteiramente acessível para pessoas com deficiência. O pavimento térreo tem seus desníveis vencidos por rampas e os demais têm acesso por elevadores, todos eles têm unidades habitacionais com exceção do subsolo, onde se encontram as vagas de garagem.

Outro tópico abordado no conceito “Sociedade” é a “desierarquização” dos espaços, que pode ser entendida como a capacidade do projeto de integrar os diversos ambientes, com o mínimo de hierarquias, seja nos ambientes domésticos ou nos espaços de uso comunitário.

Sobre a “desierarquização”, todas as tipologias domiciliares possuem uma instalação sanitária coletiva, que permitem o uso pelos diversos integrantes da família, ou por visitantes, de forma equitativa, portanto não exclusivas. Os quartos possuem tamanhos parecidos. As salas de jantar, de estar e a cozinha são integradas, com exceção de uma das tipologias de planta, onde a cozinha fica separada dos demais ambientes, porém, ainda sendo visível a partir dos outros espaços comuns da casa. A integração dos “cômodos de serviço” com as áreas coletivas da casa faz com que o trabalho doméstico não remunerado - como cozinhar, por exemplo - seja visto. O que contribui para que esses espaços sejam compreendidos pelos habitantes como de uso coletivo e de trabalho compartilhado, não deixando apenas um integrante do grupo familiar responsável pelas tarefas domésticas, promovendo assim a igualdade de gênero.

A respeito do tópico “espaços de trabalho”, é possível notar que todas as unidades possuem acesso direto ao espaço de trabalho. Em três delas o espaço já é previsto e adaptável para pessoas com deficiência. Nas quatro plantas existe acesso direto à sala de jantar, que também pode ser utilizada para trabalho, tanto presencial como remoto.

A cerca do tópico “armazenamento” Todas as tipologias possuem espaços de armazenamento abrangentes, como: despensas, guarda-roupas, armários de serviços e para a cozinha.

### Cidade

Assim como supracitado no projeto de primeiro lugar, por se tratar do mesmo terreno e a mesma situação, percebe-se que existem poucos serviços a distâncias caminháveis: pontos de ônibus (100 metros), mercados e mercearias (200 metros), creches e restaurantes (500 metros).

Em relação ao projeto da menção, o espaço público é integrado ao projeto com uma linguagem clara de usos e espaços bem definidos. A comunicação respeitosa e contínua da malha urbana se dá por meio de espaços públicos diversos, múltiplas opções de acesso e de circulações internas. O desnível natural do terreno é aproveitado para área de estacionamento em subsolo, deixando a maior parte do lote permeável e ocupado com usos para pedestres. A configuração do edifício gera várias visuais de interesse e perspectivas, tanto para o transeunte quanto para o observador interno à edificação.

Em relação à “coexistência de usos”, identifica-se uma grande diversidade: Praças, esquinas ativas, pátios internos, vários tipos de comércio, fontes, espelhos d'água, bicicletário, áreas cobertas para jogos e estar, salões condominiais para festas e reuniões e centro comunitário. Além da vegetação nativa e diversa.

A respeito dos espaços intermediários, pode-se notar que a transição dos espaços privados para o público é composta por sacadas, pátios e halls.







# CONCLUSÕES

No que diz respeito a jovens arquitetos e colaboração entre gerações nos concursos de arquitetura no Brasil, entre 2015 e 2019, foi percebido por meio dos levantamentos de dados, que a maior parte dos concursos foram vencidos por equipes formadas principalmente por arquitetos jovens. Também foi constatado que nas equipes de concurso existe uma grande troca entre gerações.

A pesquisa permitiu observar questões, como a predominância de equipes multi geracionais, isto é, entre as equipes vencedoras predominam as colaborações entre profissionais mais jovens e mais experientes. Observa-se que conforme os “jovens arquitetos” se tornam mais experientes a presença dos arquitetos mais experientes diminui, o que parece sugerir que a colaboração entre gerações ocorre principalmente entre recém-formados e os mais experientes, e à medida em que os jovens ganham experiência, buscam gradualmente consolidar sua autonomia.

As equipes são compostas, em sua grande maioria, por grupos de três ou mais integrantes autores. Os números reforçam o caráter colaborativo e coletivo dos concursos de arquitetura, para além da natureza competitiva que se costuma atribuir a esses eventos.

A análise de dados feita em relação a presença das arquitetas nos concursos de arquitetura evidencia a desigualdade de gênero, que é histórica no campo da Arquitetura e que está enraizada no mercado de trabalho. A falta de representatividade nos concursos de arquitetura e no campo profissional refletem, afinal, as injustiças e barreiras que ainda persistem na estrutura social e política, em especial nos países como o Brasil, que herdaram e perpetuam as estruturas e os vícios do patriarcado colonialista.

No que diz respeito aos concursos como instrumento democrático, a pesquisa evidenciou que o processo cíclico de crise das instituições democráticas no Brasil, que é histórico e que tem no Golpe de 2016 o evento mais recente, tem impacto sobre diversos campos e tem fragilizado uma série de instrumentos de participação, como é o caso dos concursos de projeto.

A partir de 2016 e em especial a partir de 2018, o país passou a ser governado (no âmbito federal e em várias unidades da federação) por grupos políticos que privilegiam posturas autoritárias e que contrariam os direitos humanos, a inclusão social e as instituições democráticas. O impacto da ascensão ao poder, em diversas esferas, desses grupos políticos, tem afetado negativamente as políticas públicas em diversas áreas. No campo da Arquitetura e do Urbanismo percebe-se claramente, a partir desse período, a fragilização ou manipulação dos instrumentos de gestão do território e dos equipamentos públicos, como é o caso dos concursos.

Os concursos de arquitetura, como instrumentos democráticos, são reflexo do contexto político e social no qual se inserem. Onde há tradição democrática; onde a gestão pública é guiada pela participação popular e onde o Estado e as instituições públicas são mais sólidos e estão mais presentes, observa-se uma cultura de concursos mais consolidada. Onde não há espaço para o debate público; onde não há respeito às instituições democráticas e onde os interesses privados prevalecem sobre o público, não há lugar para os concursos. A ausência de uma cultura de concursos no Brasil é reflexo da fragilidade da cultura democrática no país. Onde não há democracia não há concursos.

Por fim, no que se refere aos projetos em situação de concurso nota-se que eles se aproximam, enquanto arquitetura potencial, das premissas contemporâneas da habitação social. Parte da adequação dos projetos, decorre do próprio contexto do concurso, cujas diretrizes já orientavam os projetos para premissas de qualidade, relação com o entorno, acessibilidade e sustentabilidade, entre outros valores relevantes para a produção contemporânea em habitação social. Os projetos premiados em vários aspectos responderam às premissas estabelecidas de maneira criativa e inovadora. Confirmando o aspecto qualitativo promovido pelos projetos em situação de concurso.

# REFERENCIAS

## REFERENCIAS

CAU. IGEO. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Disponível em: <<https://igeo.caubr.gov.br/publico/>> Acesso em: 5.março 2021.

CAU. 1º DIAGNÓSTICO - Gênero na Arquitetura e Urbanismo. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-2.pdf>> Acesso em: 5.março 2021.

CODHAB-DF, Caderno de Especificações Técnicas. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente. Brasília: CODHAB/DF, 2016.

CODHAB-DF, Ata de julgamento. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.codhab.df.gov.br/concursos/eum-sol-nascente-quadra-105/resultado>. Acesso em: 31/07/2020.

CODHAB-DF. Primeiro Lugar. Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente, Brasília, 2017. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2017/03/01/premiados-edificios-de-uso-misto-no-sol-nascente-trecho-2-codhab-df>

Concursosdeprojeto.org. (2017) Premiados - Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente. <https://concursosdeprojeto.org/2017/03/01/premiados-edificios-de-uso-misto-no-sol-nascente-trecho-2-codhab-df>

Falagan, D., Montaner, J., Muxí, Z. (2011) Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX. Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI. Universitat Politècnica de Catalunya. [https://www.researchgate.net/publication/315788077\\_Herramientas\\_para\\_habitar\\_el\\_presente\\_La\\_vivienda\\_del\\_siglo\\_XXI](https://www.researchgate.net/publication/315788077_Herramientas_para_habitar_el_presente_La_vivienda_del_siglo_XXI)

KLERK, khensani. "O peixe morto na praia: o problema das "mulheres na arquitetura"" [Dead Fish on the Beach: the Problem with "Women in Architecture"] 20 Nov 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) Acessado 5 Mar 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/919254/o-peixe-morto-na-praia-o-problema-das-mulheres-na-arquitetura>> ISSN 0719-8906

SOBREIRA, Fabiano; WANDERLEY, Vanessa Cristina da Silva. Concursos de arquitetura no Brasil de 2005 a 2014. Breve panorama analítico. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 181.05, Vitruvius, jun. 2015 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5598>>. Acesso em: 05 de julho 2021.

CHUPIN, J.; COLLYER, G. Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality. Montreal: Potential Architecture Books, 2020.

MONTANER, J. A modernidade superada. São Paulo: Gustavo Gili, 1997.

MONTANER, J. La arquitectura de la vivienda colectiva. Políticas y proyectos em la ciudad contemporânea. Barcelona: Editorial Reverté, 2015.

MONTANER, J.; MUXI, Z. Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

MUXI, Z. Mujeres, casas y ciudades: Más allá del umbral. Barcelona: Dpr-barcelona, 2018.

SOBREIRA, F.; FLYNN, M.; RIBEIRO, P. Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (Entrevista). Brasília: MGSR, 2018.

SOBREIRA, F. Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil. Brasília: MGSR, 2019.

ROLNIK, R. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SOBREIRA;F.; ROMERO, M. Concursos de Habitação Social em Brasília: reflexões sobre projeto, inclusão e sustentabilidade. In: 4 CIHEL – Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono – A Cidade Habitada. Porto/Covilhã, Universidade Beira Interior, 2017.

**APÊNDICE B – Projetos de habitação social no brasil: potencialidades e perspectivas analíticas.**

**Projetos de habitação social no brasil: potencialidades analíticas.**

APELIDO, Nome Autor 1 (Calibri 11) **NÃO PREENCHER ATÉ APROVAÇÃO FINAL**  
*Instituição, País, ORCID (Calibri10)* **Não preencher agora**  
*e-mail (Calibri10)* **Não preencher agora**

**RESUMO**

Como avaliar a qualidade do projeto de habitação social no Brasil ? Este ensaio parte da questão para propor algumas reflexões sobre as potencialidades e perspectivas analíticas em torno do julgamento qualitativo em arquitetura e dos concursos de projeto como instrumentos de crítica e reflexão. O objetivo é testar as potencialidades analíticas de ferramentas aplicadas pela equipe de pesquisadores do *Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI* (2011), da *Universitat Politècnica de Catalunya* (2011), amplamente divulgadas e debatidas internacionalmente, neste caso adaptadas para o contexto brasileiro, tendo como objeto projetos em situação de concurso. Trata-se de um conjunto de ferramentas que definem a habitação como algo complexo e multidisciplinar, sobre a qual convergem questões urbanas, sociais, tecnológicas e ambientais. Neste artigo, o ensaio analítico se concentra nos dois primeiros conceitos propostos pela ferramenta: Sociedade e Cidade. Como objetos de estudo são analisados projetos premiados e menções em concurso para habitação social e uso misto, destinados à área do Sol Nascente, na região metropolitana de Brasília (Distrito Federal, Brasil). Análises preliminares sugerem que os projetos em situação de concurso se apresentam como instrumentos indispensáveis para a promoção da qualidade na habitação social no Brasil, desde que resultem do equilíbrio entre a capacidade reflexiva e o senso crítico dos que promovem, organizam, julgam e projetam. Por outro lado, quando não se estabelece esse equilíbrio, o resultado pode ser a fragilização do julgamento qualitativo e o desgaste do concurso, enquanto instrumento democrático.

**PALAVRAS CHAVE**

Habitação Social; Projeto; Concursos; Julgamento; Ferramentas de análise

## 1. CONCURSOS DE HABITAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE O (NÃO) PROJETO

De que maneira o projeto de habitação social resultante de concursos no Distrito Federal nas primeiras décadas do século XXI dialogam com as reflexões contemporâneas sobre a habitação coletiva? Como avaliar a qualidade do projeto de habitação social no Brasil? Este ensaio parte destas questões para propor algumas reflexões sobre as potencialidades analíticas em torno do julgamento qualitativo em arquitetura e dos concursos de projeto como instrumentos de crítica e reflexão.

São raras as ocasiões em que a habitação social no Brasil é tratada sob a perspectiva da qualidade do projeto. Ao longo da história, o tema esteve muito mais associado aos grandes planos de investimento ou de recuperação econômica em que prevaleceu a abordagem quantitativa e financeira, em detrimento da habitabilidade. Em "Pioneiros da habitação social no Brasil" (2014), Nabil Bonduki, em sua "narrativa histórica e analítica da produção pública de moradias no Brasil", apresenta fatos e episódios suficientes para que cheguemos a tal conclusão. Também são escassas, no contexto brasileiro, as ocasiões em que os projetos de edificações ou equipamentos de uso público são escolhidos segundo o julgamento qualitativo, ou seja, por meio de concursos de projeto. Esses eventos, que fazem parte da prática cotidiana em países que prezam pela cultura democrática e pela importância do Estado como indutor da qualidade da arquitetura pública, no Brasil são episódios ocasionais, raramente efetivos, apesar do esforço centenário de instituições e profissionais. Enquanto no Brasil a média histórica é inferior a dez concursos por ano, na França, por exemplo, são realizados mais de seiscentos. (SOBREIRA, 2019).

Os concursos de habitação social no Brasil se inserem na interseção entre essas duas situações de exceção. Em outras palavras, são quase inexistentes: raros enquanto concursos e escassos na abordagem qualitativa dos projetos. Entre 1989 e 2018 (três décadas) foram realizados apenas 25 concursos de projeto relacionados ao tema da habitação social no Brasil (11% dos 229 concursos realizados no período). Vale destacar aqui outra disparidade: o número de concursos realizados no Brasil em trinta anos corresponde ao número de concursos realizados na Alemanha em apenas um ano.

A presença tímida do tema "habitação" entre os concursos revela ainda que no contexto brasileiro as decisões sobre esses projetos "tendem historicamente a ser centralizadas ou repassadas aos investidores e às construtoras, restando pouco espaço para o debate, para a transparência e para o julgamento qualitativo do projeto" (SOBREIRA, 2019, p.233).

Os poucos concursos de projeto relacionados ao tema da habitação social ainda correm o risco de serem afetados pelas falhas de organização e pela fragilidade do julgamento. Segundo Hector Vigliecca:

...é preciso reconhecer que resultados inovadores precisam de participantes inovadores, júris com mentalidade inovadora e, principalmente, precisamos de um âmbito cultural inovador, isso implica universidades, escolas, empreendedores, políticos e políticas inovadoras. Um âmbito inovador só acontece quando as condições sociais, políticas, econômicas e culturais de um país se apresentam como incentivadores das transformações, algo que, na situação atual, estamos longe, aliás muito longe de alcançar. (Vigliecca, 2017, s.p.)

Em síntese, conforme resume Paulo Mendes da Rocha: "Julgar é saber ler." (SOBREIRA et al, 2018, p.39). Daí a questão proposta neste ensaio: quais ferramentas utilizar para promover uma leitura crítica dos projetos de habitação social no Brasil ?

A fim de contribuir para as reflexões sobre o tema, propõe-se revisitar, neste ensaio, a experiência desenvolvida pelo *Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI*, da *Universitat*

*Politécnica de Catalunya*, sintetizada no livro *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX* por Josep Montaner, Zaida Muxí e David Falagán (2011). O objetivo é testar as potencialidades analíticas de tais ferramentas para o contexto brasileiro, tendo como objeto projetos em situação de concurso.

## 2. FERRAMENTAS PARA HABITAR O PRESENTE

Em *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX* (2011), Montaner, Muxí e Falagán apresentam um sistema de análises e métodos de projeto para a habitação contemporânea. Os autores abordam a habitação como uma "encruzilhada da complexidade atual, na qual convergem, por meio da arquitetura, questões urbanas, sociais, tecnológicas e ambientais".

Trata-se de um sistema de avaliação integral, baseado em quatro conceitos considerados essenciais: sociedade, cidade, tecnologia e recursos. Tais abordagens sintetizam as características básicas que devem definir a habitação contemporânea e são complementadas por outras quatro perspectivas, acrescentadas posteriormente à metodologia: gestão, reabilitação, tipologia e percepção.

Apesar de se tratar de um método pensado para projetos realizados na Espanha, os autores defendem que as ferramentas analíticas podem ser aplicadas em outros contextos geográficos, culturais e sociais, com as devidas adaptações. Este é o exercício proposto neste trabalho.

Um dos objetivos da ferramenta, segundo os pesquisadores, é fomentar uma visão crítica sobre a habitação, não apenas entre os arquitetos, mas também entre os usuários, para que estes sejam "conhecedores e críticos exigentes sobre o que o mercado público e privado oferecem". Ainda segundo os autores:

É preciso educar para que a habitação seja entendida como parte da cidade e como lugar para habitar o presente, abrigar nosso passado e projetar o futuro; um lugar onde se possa viver de maneira confortável, em resposta ao desejo de valores simbólicos individuais e comunitários, de privacidade e sociabilidade, e não apenas como um produto de mercado, investimento e consumo. (Montaner, Muxí e Falagán, 2011, p.12)

Não se trata de um "receituário de soluções definitivas", conforme alertam os autores, mas de um instrumento que estimule a postura crítica sobre o projeto de habitação, "que leve em conta a história e a memória coletiva, que considere a diversidade do presente, que enriqueça as estruturas urbanas, que favoreça o direito à moradia e a igualdade de gênero, que potencialize a busca de soluções arquitetônicas cada vez mais sustentáveis." Em síntese, uma ferramenta que promova uma perspectiva qualitativa da habitação social.

Neste artigo, considerando o limite do formato editorial, o ensaio analítico se limita aos dois primeiros conceitos propostos pela ferramenta: Sociedade e Cidade.

O conceito "Sociedade" aborda a adaptabilidade da habitação à diversidade de estruturas familiares e à evolução de cada uma delas; a necessidade de construir um ambiente doméstico com o mínimo de hierarquias e a disponibilidade de espaço para o trabalho no ambiente doméstico.

No que se refere ao conceito "Cidade", são destacados os seguintes tópicos: capacidade do projeto de habitação coletiva de se relacionar com o contexto urbano em que está inserido; combinação do uso residencial com outros usos; soluções arquitetônicas que estimulem a relação entre o espaço de habitação e o espaço público.

A seguir, é apresentada uma síntese das análises realizadas sobre projetos destacados no concurso para edificações de uso misto na área do Sol Nascente, em Brasília, promovido em 2017.

### 3. ENSAIO ANALÍTICO: O CASO DO SOL NASCENTE

O concurso utilizado para análise teve como objetivo a seleção das melhores propostas para edifícios de uso misto, com unidades habitacionais e comércio, no setor habitacional Sol Nascente, situado no extremo oeste do Distrito Federal (CODHAB, 2016).

O objeto do concurso foi o desenvolvimento de um dos módulos em “L” (que corresponde a 02 conjuntos e uma área intersticial) e o respectivo paisagismo e urbanização. O termo de referência estabelecia que a tipologia era livre, desde que limitada a quatro pavimentos, sem elevadores, e que a solução deveria ser replicada para os demais módulos. Era obrigatório o uso comercial no térreo e a previsão de unidades de dois e três quartos. Pelo menos 5% das unidades deveriam ser acessíveis.

O termo de referência do concurso estabeleceu que, apesar da liberdade criativa, alguns parâmetros básicos deveriam ser seguidos em relação ao dimensionamento mínimo das unidades e às especificações técnicas do programa de financiamento no qual o projeto estava inserido: Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV).

A vinculação do concurso ao MCMV é um elemento importante a ser ressaltado, quando consideradas as críticas de especialistas ao programa do governo federal (BONDUKI, 2014; ROLNIK, 2015), por sua forte vinculação aos interesses imobiliários e financeiros e à baixa qualidade dos equipamentos resultantes. Surge daí uma reflexão: é possível, por meio do concurso, superar as limitações de qualidade que parecem ser impostas pelo programa? Ou, em outros termos: seria a baixa qualidade da habitação resultante do MCMV um limitador do programa, ou seriam possíveis propostas de qualidade dentro de suas limitações técnicas, financeiras e imobiliárias?

Ainda de acordo com o Caderno, os projetos deveriam considerar os condicionantes climáticos (ventos, umidade e insolação), as características topográficas do terreno e as características do entorno. As soluções deveriam abordar a sustentabilidade de maneira ampla (ambiental, econômica, social e cultural) e conectada com os parâmetros de qualidade, eficiência e funcionalidade.

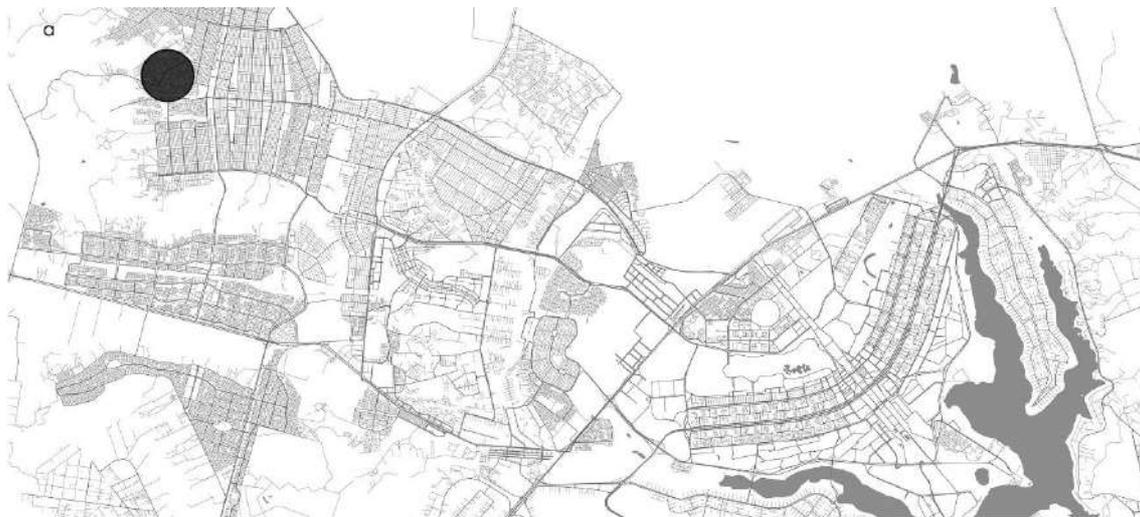
No caso do concurso para o Sol Nascente, o Termo de Referência já estabelecia premissas que coincidem com os critérios de qualidade sugeridos por Montaner, Muxí e Falagan (2011): uso misto (habitação e comércio); diversidade tipológica e relação com o contexto urbano, por exemplo. Por outro lado, trata-se de proposta que já apresenta aspectos negativos em sua condição inicial, por se tratar de área periférica, localizada a mais de trinta quilômetros da área central da metrópole, com poucas opções de serviços no entorno e escassa infraestrutura urbana. Caberia aos participantes do concurso propor as maneiras mais criativas, inovadoras e efetivas de responder às questões apresentadas e diante das limitações apresentadas.

A seguir, são apresentadas, de maneira sintética (considerando as limitações deste formato editorial) algumas considerações sobre como os projetos classificados em primeiro lugar<sup>1</sup> e menção honrosa<sup>2</sup> responderam às premissas do concurso, a partir dos conceitos relacionados aos temas “Sociedade” e “Cidade”.

---

<sup>1</sup> Primeiro Lugar. Autores: Luciano Suski, Rodolfo Luís Scuciato, Simone R. N. Born Hoppe, Aline Proença Train, Suzanna de Geus, Moacir Zancopé Junior, Igor Costa Spanger (Curitiba / PR)

<sup>2</sup> Menção Honrosa: Hector Vigliecca, Kelly Bozzato, Jéssica D’Elias, Carolina Passos, Luiz Marino Kuller, Neli Yumi Shimizu, Ronald Werner Fiedler, Luciene Quel (São Paulo / SP)



**Figura 1:** Mosaico de imagens sobre o Concurso para Edifícios de Uso Misto no Sol Nascente – Brasília - DF (2017): (a) situação urbana; (b) imagens do projeto classificado em Primeiro Lugar; (c) imagens do projeto classificado como Menção Honrosa. Fonte: autores, a partir de concursosdeprojeto.org.

### 3.1. Sociedade

O primeiro tópico do conceito “Sociedade” aborda a adequação do projeto à diversidade de grupos familiares, o que está relacionado à flexibilidade e à diversidade tipológica das unidades habitacionais. Percebe-se que ambos os projetos propõem diversas tipologias de apartamentos, possibilitando que várias composições de grupos familiares habitem o edifício. O classificado em primeiro lugar apresenta três plantas distintas para os apartamentos de dois quartos, incluindo uma acessível para pessoas com deficiência e uma planta de três quartos. Já o projeto classificado como menção honrosa possui quatro tipos de plantas, sendo todas elas acessíveis. Três possuem dois dormitórios e uma possui três.

A respeito da acessibilidade, no primeiro lugar as unidades acessíveis de apartamentos estão alocadas no térreo, uma vez que o conjunto - conforme as bases do concurso - não prevê uso de elevadores. São também previstas, conforme define a legislação, vagas para pessoas com deficiência e percursos acessíveis. Já o projeto da menção é inteiramente acessível para pessoas com deficiência. O pavimento térreo tem seus desníveis vencidos por rampas e os demais têm acesso por elevadores.

Outro tópico abordado no conceito “Sociedade” é a “desierarquização” dos espaços, que pode ser entendida como a capacidade do projeto de integrar os diversos ambientes, com o mínimo de hierarquias, seja nos ambientes domésticos ou nos espaços de uso comunitário. Observa-se nos dois casos que todas as tipologias de habitação possuem instalações sanitárias que permitem o uso pelos diversos integrantes da família, ou por visitantes, de forma equitativa, portanto não exclusivas de um ou outro grupo de usuários. Não há, por exemplo, o conceito de “quarto de serviço” ou “banheiro de serviço”, elementos infelizmente ainda presentes na tipologia habitacional brasileira, como reminiscência da cultura escravocrata e racista. Todos os quartos possuem tamanhos similares. No Primeiro Lugar, as salas de jantar e estar são conjugadas e separadas do ambiente da cozinha, com exceção de uma das tipologias de plantas onde a cozinha, a sala de jantar e a de estar se integram. Na Menção, as salas de jantar, de estar e a cozinha são integradas, com exceção de uma das tipologias de planta, onde a cozinha está separada dos demais ambientes, apesar de ainda visível a partir dos outros espaços comuns da casa. A integração dos “cômodos de serviço” com as áreas coletivas da casa faz com que o trabalho doméstico não remunerado - como cozinhar, por exemplo - seja visto. O que contribui para que esses espaços sejam compreendidos pelos habitantes como de uso coletivo e de trabalho compartilhado, não deixando apenas um integrante do grupo familiar responsável pelas tarefas domésticas, promovendo assim a igualdade de gênero.

Acerca do tópico “espaços de trabalho”, é possível identificar em todas as plantas de ambos os projetos em análise a possibilidade de acesso direto à sala de jantar, que também pode ser utilizada para trabalho, tanto presencial como remoto. Alguns quartos também permitem as adaptações supracitadas. Na menção, em três das unidades o espaço de trabalho já é previsto próximo à entrada, e adaptável para pessoas com deficiência.

Nos dois projetos, todas as tipologias possuem espaços de armazenamento abrangentes, como: despensas, guarda-roupas, armários de serviços e de cozinha.



### 3.2. Cidade

No que se refere ao conceito “Cidade”, a primeira questão abordada é a contextualização urbana. No caso em análise, trata-se de projeto para uma região periférica: o Sol Nascente está localizado a mais de trinta quilômetros da região central da metrópole, o Plano Piloto de Brasília. Nas proximidades da área do projeto existem poucos serviços a distâncias caminháveis: pontos de ônibus (100 metros), mercados e mercearias (200 metros), creches e restaurantes (500 metros).

Sobre a “relação com o espaço público”, nota-se o cuidado, no projeto classificado em Primeiro Lugar, em gerar diversos espaços coletivos e visuais de qualidade, respeitando o contexto de implantação e trazendo melhorias urbanas para o local. Em relação ao projeto classificado como Menção, o espaço público é integrado ao projeto com uma linguagem clara de usos e espaços bem definidos. A integração com a malha urbana se dá por meio de espaços públicos diversos, múltiplas opções de acesso e de circulações internas. O desnível natural do terreno é aproveitado para área de estacionamento em subsolo, deixando a maior parte do lote permeável e ocupado com usos para pedestres. A configuração do edifício gera visuais de interesse e perspectivas, tanto para o transeunte quanto para o observador interno à edificação.

Em relação à “coexistência de usos”, identifica-se nos dois projetos grande diversidade de espaços: praças, esquinas ativas, pátios internos, vários tipos de comércio, fontes, espelhos d’água, bicicletário, áreas cobertas para jogos e estar, salões condominiais para festas e reuniões e centro comunitário.

A respeito dos “espaços intermediários”, pode-se notar, nos projetos, que a transição dos espaços privados para o público é composta por sacadas, pátios e espaços de circulação e convivência.

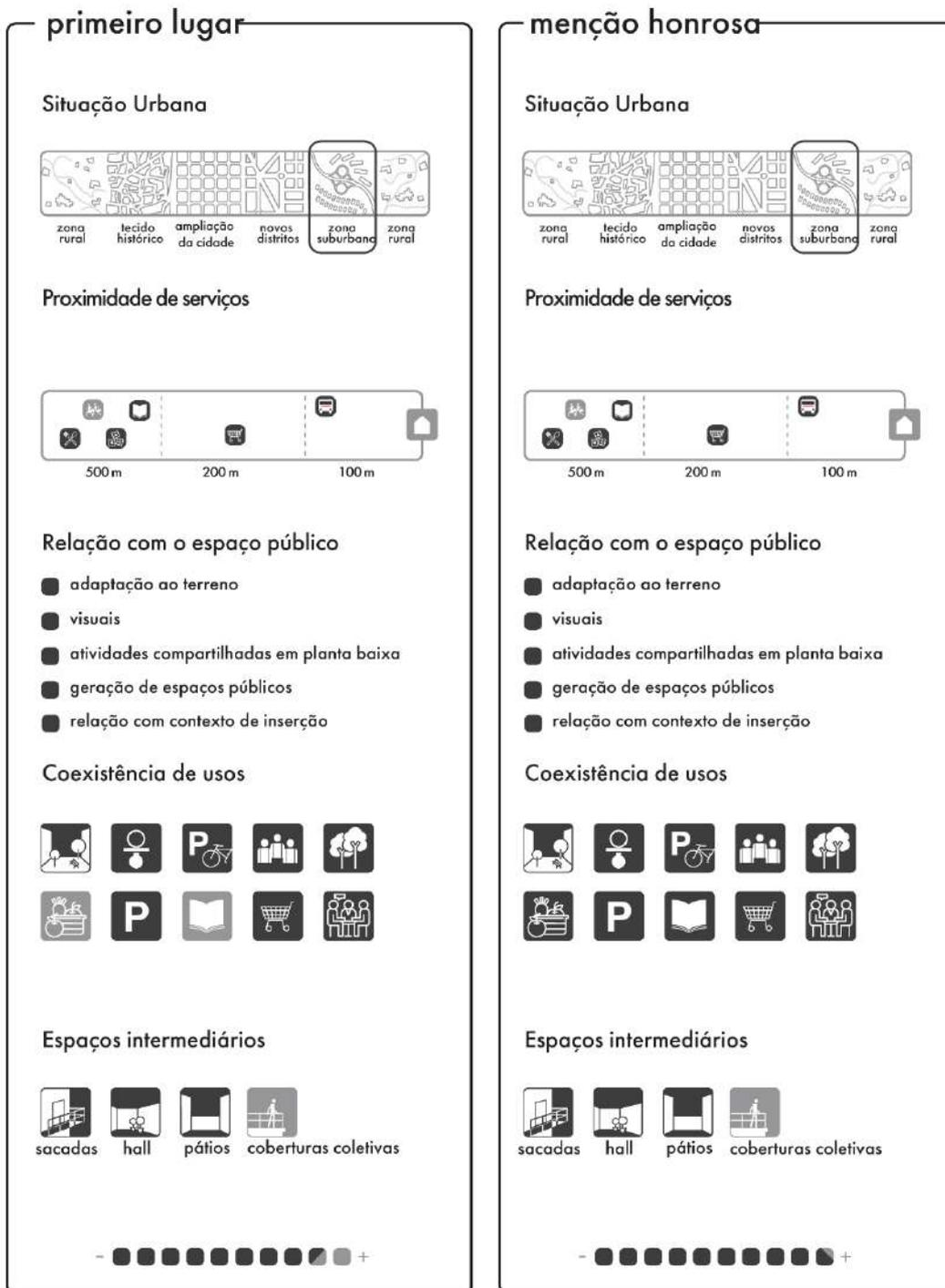
No caso do projeto classificado em Primeiro Lugar, destacam-se os “eixos” e as “praças” como elementos de conexão entre o espaço público e o privado: o “eixo comercial” busca proporcionar fachadas ativas e dinamicidade; o “eixo de lazer” propõe explorar o potencial paisagístico da área, com espaços verdes integrados às praças e calçadas. Os “eixos conectores” são calçadas projetados com o objetivo de conectar as áreas de comércio às áreas de lazer.

No que se refere às questões urbanas observa-se que o projeto classificado como Menção Honrosa aborda com mais profundidade e análise crítica os diversos aspectos envolvidos na relação entre o espaço público e o privado. Ao longo das pranchas, por meio de textos, imagens, colagens e diagramas, são apresentadas as estratégias de projeto entre o edifício e a cidade, entre o individual e o coletivo.

Na primeira prancha os autores ressaltam a importância do “olhar cotidiano”, com destaque para a necessidade de criar a ideia de “vínculo com o lugar” e a “dimensão coletiva do projeto”. Defendem ainda a importância de uma participação ativa da comunidade na apropriação e na gestão dos espaços e propõem configurações espaciais que estimulam tal dinâmica. Como estratégia gráfica, os autores optam por dar voz aos personagens que integram a humanização das perspectivas. Enquanto em outros projetos os personagens apenas ilustram as imagens, neste caso as pessoas aparecem como personagens ativos. Entre as colagens que integram a primeira prancha, vale destacar as falas de alguns desses personagens, e que enfatizam esse olhar coletivo e cotidiano: “Da janela da minha individualidade reconheço minha paisagem coletiva”; “O valor da moradia está do lado de fora”.

Na segunda prancha da proposta classificado como Menção, os autores destacam a diferença entre “ocupar” e “habitar” e apresentam estratégias projetuais que, na palavra dos autores, se configuram em uma “arquitetura cúmplice na realização das atividades humanas”.

# Cidade



**Figura 3:** Matriz analítica sobre os projetos classificados em primeiro lugar e uma das menções honrosas do Concurso para Edificações de Uso Misto no Sol Nascente (DF, Brasil), sobre o tema “Cidade”, de acordo com as ferramentas propostas por Montaner, Muxí e Falagan (2011).

#### 4. POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS: CONCURSOS E JULGAMENTO QUALITATIVO

Resultados preliminares da análise, no que se refere aos conceitos Sociedade e Cidade, indicam a expressiva qualidade dos projetos estudados. Em relação à primeira questão proposta neste ensaio, observa-se que os projetos em situação de concurso se aproximam, enquanto arquitetura potencial, das premissas contemporâneas da habitação social, apesar das limitações dos programas habitacionais. Quanto à segunda questão, sobre como avaliar a qualidade do projeto de habitação social no Brasil, constata-se que as ferramentas analíticas utilizadas permitem a avaliação qualitativa e objetiva entre os projetos, a partir de critérios abrangentes, que abordam as múltiplas escalas e olhares sobre o projeto.

Observa-se que parte relevante da avaliação dos projetos decorre de aspectos (tanto positivos quanto negativos) do próprio contexto do concurso. Quanto aos aspectos positivos, destacam-se as premissas de qualidade, acessibilidade e sustentabilidade, entre outros valores relevantes para a produção contemporânea em habitação social. Como aspecto negativo, a localização periférica do conjunto, sem infraestrutura urbana e serviços adequados. Apesar das limitações do contexto, os projetos estudados em vários aspectos responderam às premissas estabelecidas de maneira criativa e inovadora.

No que se refere à questão dos conflitos entre a abordagem qualitativa e o Programa MCMV, o resultado do concurso parece demonstrar que o programa em si não é o limitador, mas o uso limitado e pouco criativo que se faz de seus recursos. Os projetos premiados atendem às diretrizes estabelecidas pelo MCMV e, ainda assim, se apresentam como exemplos de qualidade e criatividade em habitação social. A diferença, neste caso, está no julgamento qualitativo dos projetos, que se sobrepõe aos interesses especulativos e às metas da financeirização da moradia, que em geral guiam a escolha de projetos dessa natureza.

Ressalta-se, portanto, como já revelado em outros estudos (SOBREIRA e ROMERO, 2017; SOBREIRA, 2019), a importância dos concursos de arquitetura como instrumentos de seleção e contratação de projetos em habitação social, não apenas pela transparência e pelo processo democrático, características fundamentais desses eventos, mas em especial pela qualidade resultante, conforme observado nos projetos estudados.

É importante ressaltar que a organização e o julgamento são elementos fundamentais para que se obtenha a criatividade e qualidade desejadas nos projetos. Concursos baseados em termos de referência bem elaborados, com boa fundamentação e que ao mesmo tempo respeitam a liberdade criativa dos autores (evitam regras e restrições excessivas), tendem a gerar projetos de qualidade. Por outro lado, quando as bases excessivamente restritivas, limita-se a criatividade e a inovação.

Outro componente fundamental nas “dinâmicas do jogo” dos concursos (SOBREIRA, 2019), é o júri, a quem cabe, em última instância, julgar a qualidade dos projetos. Quando a comissão julgadora ignora as premissas estabelecidas nas bases do concurso e define suas escolhas sem critérios coerente, coloca-se em risco o julgamento qualitativo e o concurso, enquanto instrumento democrático.

Enfim, entre os escassos concursos e as precárias ofertas do mercado imobiliário (de baixa qualidade e inacessíveis à parcela mais pobre da população, que não se enquadra nas políticas de financeirização), resta à população mais pobre a opção pelas favelas, loteamentos clandestinos e ocupações em edifícios abandonados nas áreas centrais. Estas iniciativas, apesar da fragilidade material e da insegurança jurídica, costumam atender com mais qualidade e sustentabilidade às urgências da população (não apenas do ponto de vista edilício, mas da localização e da inserção urbana) do que as centenas de conjuntos habitacionais implantados

nas periferias das metrópoles ao longo dos "cem anos" de política pública de habitação no Brasil. Nesse sentido, quando se tratar de definir os parâmetros de leitura sobre a qualidade para a habitação social no Brasil, não se deve ignorar as lições de projeto presentes na espontaneidade e na criatividade daqueles que produzem a sua moradia em condições adversas e com recursos escassos.

### Referências Bibliográficas

CODHAB-DF (2016) Caderno de Especificações Técnicas. *Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente*. Brasília.

CODHAB-DF (2016) Ata de julgamento. *Concurso Público Nacional de Arquitetura – Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente*, Brasília.

Concursosdeprojeto.org. (2017) *Premiados - Edifícios de Uso Misto – Setor Habitacional Sol Nascente*. <https://concursosdeprojeto.org/2017/03/01/premiados-edificios-de-uso-misto-no-sol-nascente-trecho-2-codhab-df>

Costa, F., Gejer, L., Milan, L. e Barros, M. (2017) Perspectivas do Chão: Novos olhares para os concursos de projeto de arquitetura no Brasil. *ArchDaily Brasil*. <https://www.archdaily.com.br/br/869916/perspectivas-do-chao-novos-olhares-para-os-concursos-de-projeto-de-arquitetura-no-brasil>

Falagan, D., Montaner, J., Muxí, Z. (2011) *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XX*. Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI. Universitat Politècnica de Catalunya. [https://www.researchgate.net/publication/315788077\\_Herramientas\\_para\\_habitar\\_el\\_presente\\_La\\_vivienda\\_del\\_siglo\\_XXI](https://www.researchgate.net/publication/315788077_Herramientas_para_habitar_el_presente_La_vivienda_del_siglo_XXI)

Montaner, J. (2015) *La arquitectura de la vivienda colectiva. Políticas y proyectos em la ciudad contemporânea*. Barcelona: Editorial Reverté.

Rolnik, R. (2015) *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo.

Sobreira, F. , Romero, M. (2017) Concursos de Habitação Social em Brasília: reflexões sobre projeto, inclusão e sustentabilidade. In: *4 CIHEL – Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono – A Cidade Habitada*. Porto/Covilhã, Universidade Beira Interior.

Sobreira, F., Flynn, M., Ribeiro, P. (Org.) (2018) *Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (entrevista)*. Brasília: GSR.

Sobreira, F. (2019) *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil*. Brasília: GSR.

Sobreira, F. (2020) As regras do jogo: sobre a dinâmica dos concursos de arquitetura. *Revista Projetar*, v.5, n. 2 (Maio). <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/19693>

Vigliecca, H. (2017) Sobre os concursos de arquitetura no Brasil e outros comentários deprimentes. <https://hectorviglicca.wordpress.com/2017/06/12/sobre-os-concursos-de-arquitetura-no-brasil-e-outros-comentarios-deprimentes/>

APÊNDICE C – O espaço democrático e os concursos de arquitetura.

## **o espaço democrático e os concursos de arquitetura**

autores:

**Fabiano José Arcadio Sobreira**

arquiteto e urbanista, professor, editor de [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org)

**Maria Carolina Schulz dos Santos**

estudante de arquitetura e urbanismo (uniceub, Brasília)

Eu, **Fabiano José Arcadio Sobreira**, CPF 648.871.974-20, RG 3.552.003 SSP PE, residente no endereço **Cond. M. Itaipu, rua 38, casa 8, Brasília – DF, CEP 71.680-373**, autorizo a revista online Arquitextos (ISSN 1809-6298) a publicar, caso seja aprovado, o artigo **O espaço democrático e os concursos de arquitetura**.

Atesto como sendo expressão absoluta da verdade as seguintes afirmações:

a) em relação à autoria do texto:

**sou autor do artigo acima nomeado, em coautoria com Maria Carolina Schulz e somos coletivamente responsáveis pela redação, ideias e opiniões ali presentes.**

b) o artigo enviado para avaliação é:

**inédito**

c) caso o artigo seja aceito para a publicação on-line, os autores são responsáveis pelo uso das imagens nas seguintes condições:

**ilustração 01: domínio público (fonte: [commons.wikimedia.org](http://commons.wikimedia.org))**

**ilustrações 02, 04, 05 e 06 (autores do artigo)**

**ilustração 03: direito de publicação (fonte: [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org))**

**Brasília, 12 de julho de 2021.**

**Fabiano José Arcadio Sobreira**

**Maria Carolina Schulz**

## **o espaço democrático e os concursos de arquitetura**

resumo:

Por que e a quem se destinam os concursos de arquitetura? A partir dessa questão, são apresentadas neste artigo reflexões sobre a relação entre o espaço democrático e os concursos de projeto, no contexto contemporâneo.

palavras-chave:

espaço democrático; concursos de arquitetura; arquitetura pública

sinopse curricular:

Fabiano José Arcadio Sobreira, arquiteto e urbanista, professor, editor do portal [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org).

Maria Carolina Schulz, estudante de arquitetura, centro universitário de Brasília.

## **democratic space and architectural competitions**

abstract:

Why and to whom are the architectural competitions promoted? Beginning from this question, some issues are presented in this paper, on the relation between democratic space and design competitions, in the contemporary context.

keywords:

democratic space; design competitions; public architecture

curriculum:

Fabiano José Arcadio Sobreira, architect and urban planner, professor, editor of [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org)

Maria Carolina Schulz, architecture student, centro universitário de Brasília.

## **el espacio democrático y los concursos de arquitectura**

resumen

¿Por qué y para quién se promueven los concursos de arquitectura? A partir de esta pregunta, en este artículo se presentan algunas reflexiones sobre la relación entre el espacio democrático y los concursos de diseño, en el contexto contemporáneo.

palabras clave:

espacio democratico; concursos de arquitectura; arquitectura publica

curriculum:

Fabiano José Arcadio Sobreira, arquitecto y urbanista, profesor, editor de [concursosdeprojeto.org](http://concursosdeprojeto.org)

Maria Carolina Schulz, estudiante de arquitectura, centro universitário de Brasília.

# o espaço democrático e os concursos de arquitetura

## Por que e a quem se destinam os concursos ?

Por que e a quem se destinam os instrumentos democráticos ? A renovação da representação política é uma consequência, mas não é o que fundamenta o conceito de democracia. A motivação principal é abrir à sociedade a opção pela escolha dos caminhos a seguir; permitir a participação coletiva, em um processo transparente e igualitário; abrir espaço para que se possa falar e ouvir; debater sobre as discordâncias ou celebrar as convergências. Mesmo que nem sempre o resultado do processo democrático confirme os valores sobre os quais está fundado, não se pode condenar uma ideia pelos desvios daqueles que dela se apropriam. Em relação aos concursos de arquitetura, as razões são as mesmas.

A consequência do processo democrático na Política é, naturalmente, possibilitar a abertura de oportunidade para as novas gerações. Da mesma maneira, na Arquitetura, a cultura dos concursos permite que jovens profissionais tenham a oportunidade de tomar posição e de serem ouvidos. Mas este não deve ser o único propósito que determina a razão dos concursos.

A democracia não é idealizada para os políticos, assim como os concursos não são promovidos para os arquitetos. São instrumentos à disposição da sociedade, e apenas sob essa perspectiva é possível pensar na construção de uma cultura de concursos no Brasil, como se observa em outros países (França, Alemanha ou Suíça), onde o interesse pela Arquitetura não está restrito ao campo da profissão, mas que se consolida como um domínio de interesse público.

No processo revolucionário de construção do Estado Republicano na França, por exemplo, ao mesmo tempo em que se celebrava a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), o concurso era apresentado como um instrumento necessário para “preservar os artistas da humilhação à qual eles se submetem diante dos empreendedores, e de evitar que as obras públicas se submetam à intriga dos homens públicos, ou à ignorância dos gestores”<sup>1</sup>. **(Ilustração 01 – Queda da Bastilha)**

Apesar de em 1935 ter sido publicada no Brasil a Lei 125, que em seu artigo 5º definia que “nenhum edifício público de grandes proporções será construído sem prévio concurso para escolha do projeto”, a realidade seguiu por caminho contrário.

O concurso, enquanto espaço democrático de debates, apenas se estabelece em um ambiente social e político que preza pela Democracia e seus fundamentos. São raros, na história, pontos de convergência entre concursos de arquitetura e sistemas ditatoriais ou

---

<sup>1</sup> QUINCY, Quatremère (1801, p.35-41), citado por SOBREIRA, F. Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil. Brasília: GSR, 2019.

totalitários. Afinal, o concurso pressupõe debate e transparência, premissas ignoradas nesses contextos.

No caso do Brasil, um olhar mais abrangente sobre a historiografia dos concursos e o contexto político evidencia o quanto as interrupções do sistema democrático também afetaram (e ainda afetam) as tentativas de consolidação da ferramenta. Observa-se em várias ocasiões que a tentativa de consolidação de uma cultura de concursos foi interrompida por rupturas e crises do processo democrático: assim ocorreu em 1938, com o Estado Novo; em 1964 com o Golpe Militar e no Golpe de 2016, episódio mais recente de interrupção do processo democrático no Brasil. **(Ilustração 02 – Concursos e rupturas do processo democrático no Brasil)**

Apesar da principal razão para a promoção dos concursos não ser a criação de oportunidades para as novas gerações, não se pode ignorar a relação direta entre a promoção dos concursos e a revelação de jovens profissionais. O concurso permite a renovação do pensamento arquitetônico, ao abrir espaço democrático de debates, competição e colaboração, em que a ideia tem mais força do que a autoria; em que o projeto e a inovação prevalecem sobre a notoriedade.

### **Jovens arquitetos: um olhar sobre a história dos concursos**

O concurso, enquanto desafio ao mesmo tempo competitivo e colaborativo, é bastante atraente às novas gerações, em especial pela oportunidade de construção e afirmação do capital simbólico. Vencendo ou não os concursos, os jovens arquitetos têm a possibilidade de, ao “tomar posição” por meio da competição, ocuparem posição no campo profissional, seja pela afirmação de valores dominantes ou pela proposição de novas ideias.<sup>2</sup>

Aos 40 anos, portanto um jovem arquiteto, Le Corbusier participou do Concurso para a sede da Sociedade das Nações. Apesar de não ter sido o vencedor, seu projeto, representante da vanguarda, é mais notório e mais citado pela historiografia da Arquitetura do que o projeto de linhas conservadoras, que obteve o primeiro lugar e foi construído. A participação de Corbusier naquele concurso é um exemplo de como esses eventos têm, muitas vezes, a capacidade de promover rupturas e apresentar novas ideias, mesmo que “derrotadas”. É o conceito de arquitetura potencial.<sup>3</sup>

Em 1956, em conjunto com Pedro Paulo de Melo Saraiva (25), Paulo Mendes da Rocha venceu o concurso para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Em conjunto com João Eduardo de Genaro, ambos aos 29 anos, venceram o concurso para o Clube Atlético Paulistano, realizado em 1957. O projeto se converteu em obra premiada e serviu como carta de apresentação para os jovens e então desconhecidos arquitetos ao campo profissional. Aos 90 anos, em 2018, ainda participando de concursos em parceria com as

---

<sup>2</sup> SOBREIRA, F. Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil. Brasília: GSR, 2019.

<sup>3</sup> CHUPIN, J. ; CUCUZZELLA, C.; HELAL, B. (Org). Architecture Competitions and the production of culture, quality and knowledge. Montreal: Potential Architecture Books, 2015.

novas gerações, Paulo Mendes revelou, sobre o Paulistano: "... inaugurou a minha vida pública. Eu era escondido, como todos nós somos quando começamos."<sup>4</sup>

O arquiteto Gregório Zolko, aos 26 anos, venceu em 1958 o concurso para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Os jovens irmãos Marcelo (28) e Milton Roberto (22) venceram o concurso da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no Rio de Janeiro, em 1943.

Entre as décadas de 1950 e 1960, principalmente nos concursos realizados para clubes e equipamentos esportivos, as equipes vencedoras eram compostas, em sua maioria, por arquitetos com menos de 35 anos: late Clube de Londrina late Clube de Londrina (1959, Abrão Sanovicz, 26; João W. Toscano, 26; Julio Katinski, 27); Jockey Clube de São Paulo (1960, Carlos B. Millan, 33; Jorge Wilhelm, 32); Sociedade Harmonia de Tênis – Primeiro Concurso (1960, Fábio Penteado, 31; Luiz Forte Neto, 25; José Maria Gandolfi, 27); Clube XV (1963, Pedro Paulo de Mello Saraiva, 30 e Francisco Petracco, 28); Clube da Orla do Guarujá (1963, Israel Sancovski, 28 e Jerônimo Bonilha Esteves, 30); Clube de Campo e Sede de Congressos em Caieiras (1965, Israel Sancovski, 30; Jerônimo Bonilha Esteves, 32), entre outros.<sup>5</sup>

Em 1971, aos 43 anos, Paulo Mendes foi um dos premiados no concurso internacional para o Centre Pompidou em Paris, que reuniu 681 participantes, de 49 países, e teve como vencedores os ainda jovens e desconhecidos arquitetos Richard Rogers (37), Renzo Piano (33) e Gianfranco Franchini (32). No final dos anos 1980, os autores do projeto vencedor para o Pavilhão do Brasil na Expo 92 em Sevilha (que teve como um dos membros do júri o arquiteto Paulo Mendes da Rocha) eram jovens arquitetos, ex-alunos do mestre, entre eles Alvaro Puntoni (26) e Angelo Bucci (28).

Em geral, o que se observa é que mesmo no caso dos concursos vencidos por arquitetos mais experientes, estes contavam em muitos casos com a colaboração (e eventualmente co-autoria) das novas gerações, e vice-versa, o que reforça o papel do concurso não apenas como espaço de revelação de jovens profissionais, mas de ambiente de renovação, encontros e trocas entre gerações.

Apesar de serem espaços de encontro e de colaboração, os concursos podem também se revelar como ambientes de confrontação e disputa entre gerações, em que são evidenciadas as diferenças de leitura sobre o campo da Arquitetura. Quando a presença das novas gerações e das visões inovadoras entre os competidores não é acompanhada pela necessária renovação no júri, os conflitos emergem e as contradições são evidenciadas nos resultados.

O episódio do concurso para o Ministério de Educação e Saúde, em 1935, é um exemplo histórico do que pode acontecer quando o espírito democrático e a inovação não estão do mesmo lado. O júri, naquela ocasião, foi refratário às inovações, em um período de declarados conflitos (no campo da arquitetura e da política) entre a visão de vanguarda e a

---

<sup>4</sup> SOBREIRA, F.; FLYNN, M.; RIBEIRO, P. Paulo Mendes da Rocha: sobre concursos e memórias (Entrevista). Brasília: GSR, 2018. p. 28.

<sup>5</sup> SOBREIRA, F. Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura no Brasil. Brasília: GSR, 2019.

postura conservadora. Como consequência dos embates, o projeto vencedor, de Archimedes Memória (42), personagem já conhecido e notório no meio arquitetônico da época, foi descartado. O concurso foi anulado e foi encarregada do projeto a equipe coordenada pelo jovem Lucio Costa (33), e seus ainda mais jovens colaboradores: Oscar Niemeyer (28), Carlos Leão (29), Affonso Eduardo Reidy (26), Jorge Machado Moreira (31) e Ernani Vasconcellos (23). Os últimos três competiram no concurso e não foram premiados. O projeto ainda contou com a controversa consultoria de Le Corbusier. Prevaleceu a inovação, mas o concurso, enquanto instrumento democrático, saiu fragilizado.<sup>6</sup>

Mas a convocação à inovação não é algo exclusivo das novas gerações. O arquiteto Hector Vigliecca (81), em artigo intitulado “Sobre os concursos de arquitetura no Brasil e outros comentários deprimentes”<sup>7</sup>, declarou:

“...é preciso reconhecer que resultados inovadores precisam de participantes inovadores, júris com mentalidade inovadora e, principalmente, precisamos de um âmbito cultural inovador, isso implica universidades, escolas, empreendedores, políticos e políticas inovadoras. Um âmbito inovador só acontece quando as condições sociais, políticas, econômicas e culturais de um país se apresentam como incentivadores das transformações, algo que, na situação atual, estamos longe, aliás muito longe de alcançar.”

O escritório Vigliecca e Associados, que além de Hector, tem como integrantes a arquiteta Luciene Quel (sócia fundadora do escritório Vigliecca e Associados, desde 1996), o arquiteto Ronald Werner Fiedler (associado desde 2000) e a arquiteta Neli Shimizu (associada desde 2004), acumula, há cinco décadas, mais de 80 participações em concursos e cerca de cinquenta premiações, menções e destaques. Trata-se de um exemplo, entre outros no contexto nacional e internacional, de como os projetos em situação de concurso promovem (e dependem) da atuação colaborativa e das trocas entre gerações.

## **os concursos e as novas gerações no contexto atual**

A maioria dos projetos vencedores em concursos realizados no Brasil nos últimos anos resulta de trabalhos realizados de maneira coletiva, por equipes compostas por jovens profissionais.

A constatação resulta de pesquisa que teve como objetivo estudar o panorama geográfico, temático e geracional dos concursos realizados no Brasil entre 2015 e 2019<sup>8</sup>. Para a

---

<sup>6</sup> SEGRE, R. Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2013.

<sup>7</sup> VIGLIECCA, H. (2017) Sobre os concursos de arquitetura no Brasil e outros comentários deprimentes. <https://hectorvigliecca.wordpress.com/2017/06/12/sobre-os-concursos-de-arquitetura-no-brasil-e-outros-comentarios-deprimentes/>

definição de “jovem arquiteto” foi utilizado o parâmetro de idade adotado nas premiações do Instituto de Arquitetos do Brasil: 40 anos. A partir dessa referência, estimou-se que profissionais com até 15 anos de formação (considerando a idade média de graduação em torno de 25 anos de idade), são considerados “jovens profissionais”. Observou-se, no período estudado, que a média de tempo de formação das equipes vencedoras de concursos foi de doze anos (foram considerados apenas os autores dos projetos).

Foram catalogados 37 concursos públicos de projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil referentes ao período de 2015 a 2019, o que confirma a média histórica inferior a dez concursos por ano no país. Desse conjunto, 19% das equipes vencedoras têm até 5 anos de formação; 35% têm de 5 a 10 anos e 19% entre 10 e 15 anos. Em resumo, 73% dos projetos vencedores em concursos realizados no período, são de autoria de equipes de jovens arquitetos (média de até 15 anos de formação).

A pesquisa permitiu observar outras questões, como a predominância de equipes multi geracionais, isto é, entre as equipes vencedoras predominam as colaborações entre profissionais mais jovens e mais experientes. A partir de um olhar mais aproximado sobre as relações estabelecidas entre gerações nas equipes vencedoras, percebe-se que os arquitetos mais experientes estão presentes em 43% das equipes mais jovens (até 05 anos de formados). Observa-se que conforme os “jovens arquitetos” se tomam mais experientes (entre 5 e 10 e 10 e 15 anos) a presença dos arquitetos mais experientes diminui, o que parece sugerir que a colaboração entre gerações ocorre principalmente entre recém-formados e os mais experientes, e à medida em que os jovens ganham experiência, buscam gradualmente consolidar sua autonomia.

Também é interessante observar a composição numérica das equipes, que em sua maioria (81%) são compostas por grupos de três ou mais autores. Os autores individuais representam apenas 11% e as equipes com dois autores representam 8%. Os números reforçam o caráter colaborativo e coletivo dos concursos de arquitetura, para além da natureza competitiva que se costuma atribuir a esses eventos.

A questão geracional tem sido objeto de pesquisas no contexto internacional. No livro “Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality”<sup>9</sup> os autores destacam o papel fundamental que os concursos têm exercido na carreira de jovens arquitetos no contexto internacional e questionam a tendência, crescente nos últimos anos, de promoção de concursos restritos ou com etapas de pré-qualificação. O livro aborda concursos realizados na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Europa e Ásia.

## **as arquitetas e os concursos de arquitetura**

---

<sup>8</sup> SOBREIRA, F.; SCHULZ, M. Jovens arquitetos e os concursos de arquitetura no Brasil: sobre a contribuição das novas gerações à arquitetura contemporânea. Pesquisa de Iniciação Científica. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário de Brasília (2021).

<sup>9</sup> CHUPIN, J.; COLLYER, G. Young Architects in Competitions. When Competitions and a New Generation of Ideas Elevate Architectural Quality. Montreal: Potential Architecture Books, 2020.

De acordo com relatório do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil<sup>10</sup>, em 2019 cerca de 190 mil profissionais estavam registrados no país. Desse total, a maioria é de mulheres (63%). Pesquisas do CAU também informam que 53% dos arquitetos declaram participar de concursos, contra apenas 29% das arquitetas.

Quando analisados os dados sobre os concursos realizados no Brasil entre 2015 e 2019<sup>11</sup>, observa-se que dos 37 projetos vencedores, 24 têm autoria de equipes mistas (homens e mulheres) e 12 são de equipes formadas apenas por arquitetos. Apenas uma equipe, entre os projetos vencedores, tem autoria exclusivamente feminina: trata-se do escritório Gamboa, de Vitória (ES), formado pelas arquitetas Camila Paris e Luisa Zacche, que em conjunto com Naiene Cardoso e Naiara Menezes venceram o concurso público nacional de arquitetura para Edifícios de Uso Misto em Santa Maria (Distrito Federal), realizado em 2016. (Ilustração 03 – Projeto vencedor do concurso público para edifícios de uso misto em Santa Maria – DF)

A desigualdade de gênero é histórica no campo da Arquitetura e está enraizada no mercado de trabalho. A narrativa dominante do campo profissional, no Brasil e no contexto internacional é a do “homem branco”, como ressalta a arquiteta sul-africana Khensani de Klerk:

“Os números diferem de acordo com os países, mas desequilíbrios semelhantes estão sempre presentes nos EUA, no Reino Unido e na União Europeia. (...) No entanto, um fio comum parece ser a diferença de renda entre homens e mulheres que ocupam a mesma posição.”<sup>12</sup>

As raízes da desigualdade estão na estrutura social, de maneira mais ampla, mas também no ambiente de formação: as referências divulgadas e estudadas nas escolas de arquitetura, tanto bibliográficas como de autoria projetos, são em geral de arquitetos homens, brancos, de países do hemisfério norte.

A falta de representatividade das mulheres no campo profissional é histórica, não só na arquitetura, mas em toda a sociedade. As desigualdades são ainda mais acentuadas quando são observadas, além das questões de gênero, as perspectivas étnicas e socioeconômicas. A falta de representatividade nos concursos de arquitetura e no campo profissional refletem, afinal, as injustiças e barreiras que ainda persistem na estrutura social e política, em especial nos países – como o Brasil - que herdaram e perpetuam as estruturas e os vícios do patriarcado colonialista.

---

<sup>10</sup> CAU. 1º DIAGNÓSTICO - Gênero na Arquitetura e Urbanismo. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-2.pdf>> Acesso em: 5.março 2021.

<sup>11</sup> SOBREIRA, F.; SCHULZ, M. Jovens arquitetos e os concursos de arquitetura no Brasil: sobre a contribuição das novas gerações à arquitetura contemporânea. Pesquisa de Iniciação Científica. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário de Brasília (2021).

<sup>12</sup> KLERK, Khensani. “O peixe morto na praia: o problema das “mulheres na arquitetura”” [Dead Fish on the Beach: the Problem with “Women in Architecture”] 20 Nov 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/919254/o-peixe-morto-na-praia-o-problema-das-mulheres-na-arquitetura>> ISSN 0719-8906> Acesso em: 5 Mar 2021.

Sobre os dados apresentados na pesquisa, devido à ausência de informações sobre a declaração de gênero entre os autores das equipes vencedoras em concursos, os dados catalogados e apresentados estão limitados à definição binária mulher ou homem (arquiteta ou arquiteto), deduzida a partir dos nomes dos autores. Ressalta-se a importância de que sejam realizadas pesquisas mais abrangentes, que possam abordar de maneira mais ampla, diversa e inclusiva, tanto a questão de gênero quanto questões étnicas e de condição socioeconômica.

## **panorama geral**

Além do perfil das equipes vencedoras, a pesquisa permitiu reunir informações sobre o panorama geral dos concursos de projeto realizados no Brasil entre 2015 e 2019. A seguir, são apresentados alguns números relacionados à distribuição geográfica, temática e à natureza das instituições de promoção e organização.

### Número de concursos por ano

Entre 2015 e 2019 foram registrados 37 concursos, o que totaliza uma média de 7,4 concursos por ano (na Alemanha são mais de 200 concursos a cada ano). Em 2015 foram realizados apenas dois concursos. Em 2016 foram catalogados 11; em 2017 foram 8 e em 2018, 10 concursos, em grande parte devido à atuação da CODHAB-DF, que entre 2016 e 2018 se destacou pela promoção e organização de concursos públicos destinados à habitação social e equipamentos públicos. Em 2019 foram identificados apenas 06 concursos.

(Ilustração 04 – concursos por ano)

### Número de concursos lançados por região

Dos 37 concursos lançados entre 2015 e 2019, 18 foram realizados na região Centro-Oeste (48,65%, ou seja, quase metade). Na região Sudeste ocorreram sete concursos (18,92%), seguida pela região Nordeste, com seis (16,22%). Na região Sul foram promovidos cinco concursos (13,51%), enquanto na região Norte, apenas um concurso.

(Ilustração 05 – concursos por região)

### Número de concursos lançados por Unidade da federação

Todos os concursos da região Centro-Oeste no período foram realizados no Distrito Federal (DF): 18 concursos. Em São Paulo foram promovidos sete (18,92%), no Paraná três (8,11%); Ceará e Paraíba, ambos, com dois (5%). Os estados da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins realizaram apenas um concurso cada no período estudado.

### Categorias de Uso

O tema da habitação foi o mais recorrente no período: 10 dos 37 concursos realizados (27%), em especial devido à atuação destacada da gestão da CODHAB-DF (Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal) entre 2016 e 2018, no que se refere à promoção de concursos de projeto. Projetos de Urbanismo e Paisagismo totalizam 22% (8 concursos), enquanto museus e centros culturais correspondem a 16% (6 concursos), seguidos de instituições de ensino (escolas, bibliotecas, etc), com 11% (4).

(Ilustração 05 – concursos por região)

### Escalas de Intervenção

Em relação à escala de intervenção, 57% dos concursos (21) se referem à escala da edificação. Concursos que incluem intervenções urbanas e paisagísticas somam 43% (16).

### Promoção

No que se refere à iniciativa de promoção, verificou-se que a Administração Pública foi responsável pela grande maioria dos concursos no Brasil, contabilizando 29 dos 37 lançados no período, ou seja, 78%. A Iniciativa privada promoveu 8 concursos (22%), em que prevaleceram instituições sem fins lucrativos.

### Organização

Em relação à organização, observou-se que cerca de um terço dos concursos foram realizados pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (32%). A presença da CODHAB-DF, como instituição promotora e organizadora, diluiu o quase exclusivo papel do IAB, como instituição que historicamente organiza os concursos de projeto no Brasil. Nos países em que os concursos são cotidianos e realizados às centenas a cada ano, a administração pública promove e organiza os certames, e não as instituições profissionais.

## **desafios e perspectivas do espaço democrático**

O processo cíclico de crise das instituições democráticas no Brasil, que é histórico e que tem no Golpe de 2016 o evento mais recente, tem impacto sobre diversos campos e tem fragilizado uma série de instrumentos de participação, como é o caso dos concursos de projeto.

A partir de 2016 e em especial a partir de 2018, o país passou a ser governado (no âmbito federal e em várias unidades da federação) por grupos políticos que privilegiam posturas autoritárias e que contrariam os direitos humanos, a inclusão social e as instituições democráticas. O impacto da ascensão ao poder, em diversas esferas, desses grupos políticos, tem afetado negativamente as políticas públicas em inúmeras áreas.

No campo da Arquitetura e do Urbanismo percebe-se claramente, a partir desse período, a fragilização ou manipulação dos instrumentos de gestão do território e dos equipamentos públicos, como é o caso dos concursos. Estes, como instrumentos democráticos, são reflexo do contexto político e social no qual se inserem. Onde há tradição democrática; onde a gestão pública é guiada pela participação popular e onde o Estado e as instituições públicas são mais sólidos e estão mais presentes, observa-se uma cultura de concursos mais consolidada.

Onde não há espaço para o debate público; onde não há respeito às instituições democráticas e onde os interesses privados prevalecem sobre o público, não há lugar para os concursos. A ausência de uma cultura de concursos no Brasil é reflexo da fragilidade da cultura democrática no país. Onde não há democracia não há concursos.

## **Ilustrações**

Ilustração 01 – Queda da Bastilha - Jean-Pierre Houël - Bibliothèque nationale de France (Domínio Público). Fonte: [commons.wikimedia.org](https://commons.wikimedia.org)

Ilustração 02 – Concursos e rupturas do processo democrático no Brasil

Ilustração 03 – Projeto vencedor do concurso público nacional de arquitetura para Edifícios de Uso Misto em Santa Maria (Distrito Federal), realizado em 2016. Autoria das arquitetas Camila Paris e Luisa Zacche, do Estúdio Gamboa, em conjunto com Naiene Cardoso e Naiara Menezes.

Ilustração 04 – Concursos de arquitetura no Brasil por ano (2015-2019)

Ilustração 05 – Concursos de arquitetura no Brasil por região (2015-2019)

Ilustração 06 – Concursos de arquitetura no Brasil por uso (2015-2019)